



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL SUSTENTÁVEL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - CAMPUS DO CARIRI
CENTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DO SEMIÁRIDO

JAQUELINE DOS SANTOS GONÇALVES

**REFLETINDO O DECRESCIMENTO POR MEIO DA FELICIDADE INTERNA
BRUTA (FIB) EM JUAZEIRO DO NORTE**

Defesa de dissertação apresentada, julgada e aprovada como requisito para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável, outorgado pela Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri.

Área de Concentração: Desenvolvimento Regional Sustentável

Linha de Pesquisa: Sociedade, Estado e Desenvolvimento Regional Sustentável.

Data de Aprovação: ___/___/2014

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Suely Salgueiro Chacon
(Orientadora/UFC-PRODER)

Prof^a. Dr^a. Verônica Salgueiro do Nascimento
(Membro/UFC-PRODER)

Prof^a. Dr^a. Francisca Laudeci Martins Souza
(Membro Externo)

Prof. Dr. Francisco Correia de Oliveira
(Membro Externo)

GONÇALVES, Jaqueline dos Santos. Refletindo o Decrescimento por meio da Felicidade Interna Bruta (FIB) em Juazeiro do Norte. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável) Universidade Federal do Ceará (UFC/Campus Cariri), PRODER, Juazeiro do Norte-CE, 2014.

Perfil da autora: Bacharel em Ciências Econômicas (URCA, 2010), Desenvolve Pesquisas na área de Desenvolvimento Econômico, com ênfase nos novos conceitos de desenvolvimento, Pesquisadora voluntária do Projeto LEADERS e Rede Clima na UFC Campus Cariri, atua principalmente nos seguintes temas: Desenvolvimento Econômico, Desenvolvimento Sustentável, Decrescimento Econômico, Felicidade Interna Bruta (FIB), Ecoeconomia, Políticas Públicas e Educação. Desenvolve pesquisas com ênfase no Decrescimento Econômico e na Felicidade. Foi bolsista CAPES por um ano (2012-2013).

DEDICATÓRIA

À Deus, à minha avó Maria Antônia dos Santos (*in memoriam*) por seu incentivo e amor incondicional. Bem como à minha querida mãe Julia dos Santos Gonçalves.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho reflete como qualquer outro uma concepção de mundo. Nesse sentido, gostaria de agradecer a todos que contribuíram direta ou indiretamente para que ele se concretizasse. Agradeço por seus apoios e incentivos para que eu não fraquejasse no meio do caminho. Em especial, agradeço a professora Dr^a. Suely Salgueiro Chacon, pelo estímulo e pelo dinamismo de suas idéias que se complementavam às minhas. Aos meus professores e colegas de mestrado pelas sugestões/contribuições decisivas ao longo do curso que ajudaram na escrita desse trabalho, em especial a minha amiga Fabiana Correia Bezerra.

Aos meus parentes que nunca acreditaram no poder transformador da Educação, e que agora sentem a força dessa transformação libertadora. Agradeço a CAPES pelo ano de incentivo através de bolsa, o que proporcionou um maior desenvolvimento de minhas atividades acadêmicas.

A todas as pessoas que insistem em acreditar que se possa mudar alguma coisa.

“A verdadeira catástrofe é tudo continuar na mesma!”

Walter Benjamin

*“Nossas ações ressoam muito além do nosso ambiente
imediato”.*

Tenzin Gyatso, 14º Dalai Lama

RESUMO

Discutir o desenvolvimento econômico tornou-se ao longo da história algo necessário para entender a forma cíclica como esse conceito vem sendo tratado pelo homem. Contudo, mostra-se um desafio compreender as complexas interações entre a humanidade e a natureza, uma vez que indagar sobre a sustentabilidade, requer a superação dos modelos de desenvolvimento, além de uma revisão ao mesmo tempo histórica e teórica da mudança econômica de longo prazo. Logo, o interesse pela realização da pesquisa deve-se ao processo de mudança nos conceitos de desenvolvimento, cabendo neste momento uma reflexão sobre o surgimento de uma nova consciência em prol da natureza e do próprio homem, com especial atenção ao conceito de decrescimento econômico proposto como medida necessária para a mudança de lógica econômica. Para tanto, por meio de fontes bibliográficas foi possível analisar esse conceito, que sugere a mudança de paradigma econômico como revolução cultural necessária para a construção de uma sociedade do decrescimento, bem como através de grupo focal foi possível perceber a felicidade na cidade de Juazeiro do Norte-CE, onde a pesquisa foi realizada, sobretudo, por meio de seis dimensões da Felicidade Interna Bruta (FIB), sendo possível fazer uma reflexão sobre o conceito de decrescimento. Que se mostram como uma relevante crítica à sociedade do crescimento só pelo crescimento, que exigirá mudanças desde culturais até sociais para se rever de maneira profunda o atual modelo de progresso. E tendo como base a preocupação por um desenvolvimento regional duradouro, introduzir o decrescimento econômico por meio de seus parâmetros, os chamados oito “erres” (reavaliar, reconceituar, reestruturar, redistribuir, realocar, reduzir, reutilizar, reciclar), com especial atenção ao parâmetro da realocação para se pensar em um desenvolvimento regional sustentável em Juazeiro do Norte-CE em busca de proporcionar uma vida feliz, além de um potencial para a mudança de paradigma econômico e de reintrodução de uma preocupação ecológica no âmago da preocupação social, política, cultural e espiritual na vida dessa cidade.

Palavras-chave: Desenvolvimento Econômico; Sustentabilidade; Decrescimento Econômico; FIB; Juazeiro do Norte-CE.

ABSTRACT

Discuss economic development has become throughout history something needed to understand the cyclical way this concept has been handled by man. However, shows it challenging to understand the complex interactions between humanity and nature. Once inquire about sustainability, requires overcoming development models, and a review at the same time historical and theoretical economic long-term change. Soon, the interest in conducting the research is due to the change in the concepts of development, in this moment to reflect on the emergence of a new awareness for nature and man himself, with special attention to the concept of economic degrowth proposed as a necessary step to changing economic logic. To this end, through literature sources was possible to analyze this concept, which suggests a change in the economic paradigm as cultural revolution needed for the construction of a society of degrowth, as well as through focus group was possible to see the happiness in the city of Juazeiro do North-CE, where the research was carried out mainly by means of six dimensions of Gross National Happiness (GNH), it is possible to reflect on the concept of degrowth. That show how critical relevance to the company's growth just for growth, which will require changes from social to cultural to profoundly revise the current model of progress. And based on the concern for sustainable regional development, economic degrowth enter through its parameters, the so-called eight "Rs" (reassess, reconceptualize, restructure, redistribute, relocate, reduce, reuse, recycle), with special attention to the parameter relocation to think of a sustainable regional development in Juazeiro do North-CE, as well as a potential for changing economic paradigm and reintroducing an ecological concern at the heart of social concern, political, cultural and spiritual life in this city.

Keywords: Economic Development; Sustainability; Economic Degrowth; GNH; Juazeiro do Norte-CE.

SUMÁRIO

RESUMO	6
ABSTRACT	7
LISTA DE FIGURAS/QUADROS	10
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	11
1 INTRODUÇÃO	12
2 A TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE A PARTIR DA GLOBALIZAÇÃO, SEU CRESCIMENTO/DESENVOLVIMENTO E CRISE CIVILIZACIONAL	16
2.1 Uma reflexão sobre o modelo de civilização.....	16
2.2 O modelo civilizacional e o meio ambiente: uma conscientização.....	18
2.3 O desenvolvimento universalizado: uma desculturação.....	24
2.4. O modelo civilizacional e a padronização do consumo.....	31
3 O DECRESCIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL: UMA APRECIÇÃO TEÓRICA	37
3.1 O Decrescimento Econômico Latoucheano.....	37
3.2 O Decrescimento como utopia concreta: uma explanação.....	46
4 A FELICIDADE E A FELICIDADE INTERNA BRUTA (FIB)	56
4.1 A FELICIDADE: uma apreciação teórica.....	56
4.2 A FELICIDADE INTERNA BRUTA (FIB): conceito que comunga com o decrescimento.....	62
5 A METODOLOGIA, O LUGAR E A ANÁLISE DOS DADOS	68
5.1 Procedimentos Metodológicos	68
5.1.1 Delineamento da pesquisa.....	68
5.1.2 Localização da pesquisa.....	73
5.1.3 Fontes de Dados e coleta da pesquisa.....	79
5.2 Análise e Reflexão das falas e discussões dos alunos pesquisados	82
5.3 Os indicadores do FIB e os alunos pesquisados	90

5.3.1 Dimensão da Saúde	90
5.3.2 Dimensão do Padrão de Vida	91
5.3.3 Dimensão do Uso do tempo	92
5.3.4 Dimensão da Educação.....	93
5.3.5 Dimensão da Cultura (diversidade e resiliência cultural)	94
5.3.6 Dimensão da Vitalidade comunitária (Pertencimento)	95
6 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	98
REFERÊNCIAS.....	101
INDICAÇÕES DE FILMES E DOCUMENTÁRIOS	106
ANEXOS	107
ANEXO 1 – Satisfações Irrecusáveis.....	108
ANEXO 2 – Carta do Chefe indígena Seattle, em resposta ao Presidente dos Estados Unidos da América em 1854.....	109
ANEXO 3 – Programa “quase” eleitoral proposto pela primeira vez em 2004 num artigo do Monde Diplomatique	112
ANEXO 4 – Reflexões de Pierre Gevaert sobre a revitalização das culturas tradicionais, em especial na África.....	114
ANEXO 5 – Carta sobre a Felicidade (a Meneceu) de Epicuro	115
ANEXO 6 – Teste a sua Felicidade Pessoal.....	120
ANEXO 7 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a Escola ..	121
ANEXO 8 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os alunos.	122

LISTA DE FIGURAS/QUADROS

Figura

FIGURA 1 – Localização da Região Metropolitana do Cariri (RMC) Cearense ... 78

FIGURA 2 – Localização da Cidade de Juazeiro do Norte-CE
(Latitude/Longitude) 78

FIGURA 3 – EEEP Aderson Borges de Carvalho (Colégio Liceu) de Juazeiro do
Norte-CE 79

Quadro

QUADRO 1 – Indicadores do FIB (Felicidade Interna Bruta) 66

QUADRO 2 – As Dimensões da Sustentabilidade 71

QUADRO 3 – Roteiros das Entrevistas por Encontro 81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMAP	Associação para a manutenção de uma agricultura camponesa
CEB	Centro para Estudos do Butão
CRAJUBAR	Crato, Juazeiro e Barbalha
EEEP	Escola Estadual de Educação Profissional
FIB	Felicidade Interna Bruta
GAS	Grupo de Compradores Solidários
GF	Grupo Focal
GMT	Greenwich Mean Time
GNH	Gross National Happiness
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
KM	Quilômetro
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto Interno Bruto
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
RMC	Região Metropolitana do Cariri
UFCA	Universidade Federal do Cariri
WWF	World Wildlife Fund

1 INTRODUÇÃO

Discutir o desenvolvimento econômico tornou-se ao longo da história algo necessário para entender a forma cíclica como esse conceito vem sendo tratado pelo homem, em termos teóricos e políticos na economia em etapas de maior ou menor interesse desde as concepções dos economistas clássicos que construíram as bases da teoria do crescimento econômico até dias atuais.

Contudo, mostra-se um desafio compreender as complexas interações entre a humanidade e a natureza. Diversas discussões foram feitas desde o surgimento do conceito de ecodesenvolvimento, como alternativa para o desenvolvimento/crescimento, mas está longe de ter suplantado as velhas visões sobre esse último.

Uma vez que indagar sobre a questão básica de sustentabilidade, requer a superação dos modelos de desenvolvimento, além de uma revisão ao mesmo tempo histórica e teórica da mudança econômica de longo prazo, uma vez que o desenvolvimento, como está posto, deve ser considerado em um contexto de possibilidades limitadas. E como sendo um fenômeno único na história, uma alternativa sólida para esse modelo tem que ser procurada.

É nesse contexto em que as idéias do decrescimento econômico se inserem como uma verdadeira alternativa à sociedade do crescimento só pelo crescimento. De um sistema baseado na desmedida que nos conduz ao impasse, pois “um crescimento infinito é incompatível com um mundo finito e que tanto nossas produções como nossos consumos não podem ultrapassar as capacidades de regeneração da biosfera” (LATOUCHE, 2009a, p. XIV).

Desse modo, após longos processos de desenvolvimento em um contexto de possibilidades limitadas e tendo em vista a exigência de medidas compatíveis com uma realidade de mundo com limites físicos, essas idéias tornam-se relevantes uma vez que a própria sobrevivência da humanidade condena a reintrodução de uma preocupação ecológica no âmago da preocupação social, política, cultural e espiritual da vida humana. Para tanto, seria preciso descolonizar o imaginário de adoração da modernidade e do progresso.

Portanto, o conceito de decrescimento econômico tem como base a mudança de paradigma econômico a partir da lógica do crescimento, que por

sua vez deve ser substituído por um decrescimento sereno, convivial e sustentável. Tal mudança pode se dá através da articulação sistemática de oito parâmetros que mutualmente se reforçam num “círculo virtuoso” de oito “erres” (reavaliar, reconceituar, reestruturar, redistribuir, realocar, reduzir, reutilizar, reciclar), capazes de desencadear esse processo. Logo, em um contexto de desenvolvimento regional sustentável, observar esses parâmetros, como especial atenção ao parâmetro da realocação se mostra necessário para se pensar o modelo de decrescimento na cidade de Juazeiro do Norte-CE.

Uma vez que, para Latouche (2009a) o “erre” da realocação possui lugar central nesse projeto de sociedade. Pois a realocação busca renovar a velha concepção dos ecologistas do “pensar globalmente, agir localmente”, propondo assim, no decrescimento, uma inovação política e uma autonomia econômica, sobretudo, local.

Em outras palavras, a realocação produção implica na busca da autossuficiência, sobretudo alimentar, depois econômica e financeira. Mantendo e desenvolvendo atividades básicas em cada região. Incentivando, assim o comércio e o desenvolvimento regional, mostrando que é possível uma organização local e entre si para uma melhora na qualidade de vida de uma sociedade, “que haverão de conjugar-se em formas solidárias na construção de outro mundo” (LEFF, 2001, p. 129).

Contudo, observando também o local inserido numa teia de conexões que também envolve o global, uma vez que pensar o desenvolvimento regional não poderá se dá de forma isolada do todo. Sendo assim, essa dissertação busca incentivar um desenvolvimento regional, mostrando que é possível uma organização local e entre si para uma melhora na qualidade de vida de uma sociedade.

O interesse pela realização desse estudo deveu-se ao processo de mudança nos conceitos de desenvolvimento ao longo da história, cabendo neste momento uma reflexão sobre o surgimento de uma nova consciência em prol da natureza e do próprio homem. A finalidade desse estudo foi descrever uma discussão sobre o desenvolvimento, bem como na formação de uma sociedade ocidentalizada, e apresentar o conceito de decrescimento sereno, convivial e sustentável na concepção de Serge Latouche como medida necessária para a mudança de lógica do modelo de

desenvolvimento/crescimento, com especial atenção ao parâmetro da realocação da produção, a luz do conceito de decrescimento econômico, como forma de proporcionar o desenvolvimento regional sustentável na cidade de Juazeiro do Norte-CE, fazendo, sobretudo uma reflexão desse conceito que a realidade pesquisada.

Para embasar teoricamente este trabalho, efetuou-se a princípio, um levantamento das fontes bibliográficas, seguida de uma leitura atenta, crítica, analítica, e interpretativa, buscando-se respaldo em contribuições teóricas que representassem uma expressiva contribuição científica. Recorreu-se, ainda, à fontes adicionais – não menos importantes – como publicações da área na Internet. Além de documentários e entrevistas relacionadas ao assunto.

A pesquisa tem natureza qualitativa/exploratória, buscando compreender as diversas transformações no processo de desenvolvimento do homem, na busca de apresentar o conceito de decrescimento econômico sustentável como utopia capaz de mudar o paradigma econômico de uma região, sobretudo para a cidade de Juazeiro do Norte-CE.

Para tanto, a pesquisa faz uma reflexão dessa teoria, por meio dos dados extraídos pelo procedimento de coleta de dados, técnica do grupo focal de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas, que analisou a Felicidade Interna Bruta (FIB) nos participantes como sujeitos ativos na pesquisa, por meio de seis das nove dimensões do FIB (Felicidade Interna Bruta).

Para uma melhor compreensão do estudo, a pesquisa está dividida em quatro capítulos, seguindo uma ordem cronológica dos fatos. No primeiro capítulo, foi construído um breve levantamento sobre o modelo de civilização pautado no modo de vida Ocidental, além de abordar a conscientização na relação entre o homem e a natureza, bem como o modelo de desenvolvimento universalizado. No segundo capítulo, foi abordado o conceito de decrescimento econômico, sobretudo Latoucheano, que propõe a mudança de paradigma econômico, baseado em alguns parâmetros sistêmicos para a necessária revolução cultural exigida para se construir uma sociedade do decrescimento, se possível sereno, convival e sustentável. No terceiro capítulo, foi construído um levantamento em torno daquilo que alguns autores chamam de bem estar e a grande maioria das pessoas nomeiam de Felicidade, além de abordar o

conceito de Felicidade Interna Bruta (FIB) e suas dimensões. No quarto capítulo, está o delineamento metodológico além da localização da pesquisa, bem como as análises das falas e resultados da pesquisa de campo, que buscou perceber a Felicidade Interna Bruta (FIB) em Juazeiro do Norte-CE, através de dados obtidos por técnica de grupo focal, fazendo uma reflexão, sobretudo com o conceito de decrescimento.

2 A TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE A PARTIR DA GLOBALIZAÇÃO¹, SEU CRESCIMENTO/DESENVOLVIMENTO E CRISE CIVILIZACIONAL

“Repudiar nossas matrizes culturais pode, no limite, nos esterilizar”.

Carlos Lessa

“A renúncia ao melhor dos mundos não significa a renúncia a um mundo melhor”.

Edgar Morin

Na primeira parte deste capítulo, está a construção de um breve levantamento sobre o modelo de civilização pautado no modo de vida Ocidental gerando uma separação do homem com a natureza. Na parte seguinte, aborda-se o processo de conscientização na relação entre sociedade e natureza, além dos processos de produção e organização da sociedade, e seus padrões de consumo. Na terceira parte, discute-se o modelo de desenvolvimento universalizado que está uniformizando, por meio de uma invasão cultural que tendem as civilizações a uma desculturação, redefinindo e transformando seus traços de identidade. Por fim, analisa a relação do modelo de civilização e a padronização do consumo, característico do modelo de produção capitalista de obstinação por acumulação e crescimento.

2.1 Uma reflexão sobre o modelo de civilização

Segundo Marafon (2011), a evolução das sociedades está ligada ao longo da história pela forma como se organizavam para produzir alimentos, mesmo quando o solo se tornava infértil criava-se novas técnicas, instrumentos e relações de trabalho que permitissem o melhor aproveitamento das áreas a serem cultivadas. Contudo, todas essas formas de desenvolvimento da atividade agrícola e oferta de alimento, bem como cada tipo de agricultura resultou em uma forma característica da relação do ser humano com a natureza.

¹ Para tanto, faz-se necessário observar o que é a globalização, que de acordo com Morin (2002, p. 39), “é o resultado no momento atual de um processo que iniciou com a conquista das Américas e a expansão dominadora do ocidente europeu sobre o planeta”.

No entanto, como mostra Freitas (2011), foram as grandes mudanças sociais que permitiram a passagem do homem de caçadores e coletores nômades para a agricultura e a vida assentada. Mas quase 10 mil anos depois passaram para uma sociedade industrial, todas essas transformações foram acompanhadas de diferentes formas de organização dessas sociedades. Contudo, o modo como cada sociedade se organizou foi o que determinou a intensidade dos impactos ambientais e a identidade de suas *últimas*: “os escravos, servos, imigrantes, pobres e miseráveis” (p. 41).

Segundo Gonçalves (2002), essa separação do homem com a natureza (cultura-natureza, história-natureza) está relacionada à característica marcante do pensamento que tem dominado o chamado Mundo Ocidental.

Para tanto, Latouche (1994) explica que, o Ocidente reduziu-se a um sistema econômico por ter uma séria identificação amplamente justificada. Portanto, “o capitalismo nasceu incontestavelmente na Europa Ocidental” (p. 44) e depois se “estendeu ao resto do mundo, mas esta extensão foi precisamente uma das formas de submissão do mundo ao Ocidente” (p. 44).

[...] Nele claramente encontramos a industrialização com urbanização e a proletarização das massas, mas, sobretudo o culto da máquina (a utilização da metáfora da máquina com seus mecanismos e seu motor para falar do Ocidente é encontrada em diversos autores), da técnica, da ciência, do progresso, e a retomada do projeto de modernidade de uma dominação total da natureza [...] (LATOUCHE, 1994, p. 44).

Desse modo, Latouche (1994) relata que, esse programa de modernidade do pensamento dominante está pautado na atribuição de que homem tem a missão de dominar totalmente a natureza e calcular a organização de suas ações nos mais variados assuntos.

Vale lembrar que, antes do atual padrão industrial de produção o homem relacionava-se bem com a natureza e seus reflexos não eram tão danosos ao ambiente, uma vez que dependia quase que exclusivamente dos fatores naturais e, portanto, não os utilizava de forma intensiva dando inclusive tempo para se renovarem. Muito embora, obviamente, o volume e velocidade de produção fossem bem modestos quando comparados aos de hoje, assim sendo, seu impacto também era bem menor. Logo, conforme Marafon (2011, p. 50), esse novo padrão que foi consagrado:

Subordinou a natureza a uma lógica da produção que agora mais do que nunca a enxerga como uma mera fornecedora de recursos naturais. Assim, o avanço tecnológico deu ao homem, por meio do avanço das técnicas de produção uma capacidade cada vez maior de modificar e explorar o quadro natural e até mesmo, quando necessário, acelerar o tempo da natureza. No entanto, essa prática deixa sobre a terra um rastro de degradação que é incalculável e muitas vezes irreversível.

Contudo, o amadurecimento do movimento ambientalista vem colocando que a questão da degradação ambiental apresenta-se como sintoma de uma crise de civilização, marcada pelo predomínio de modelo de modernidade regido pela razão tecnológica sobre a natureza.

2.2 O modelo civilizacional e o meio ambiente: uma conscientização

No final do século XX e início do XXI parece existir uma questão que fascina mais do que qualquer outra: a relação entre sociedade e natureza. Um fascínio com o ambiente ecológico e com aquilo que este significa para a existência social humana (SMITH, 1998).

Essa preocupação traz importantes implicações a vários setores das atividades humanas, sobretudo nas pesquisas científicas, de forma a reorientar o papel da Ciência. O que de acordo com Clemente (2000, p. 149) tem que ser revista:

Em vez de se constituir um meio de denominação e controle da natureza para obtenção de sobrevivência, segurança e conforto, terá de desenvolver o conhecimento necessário à utilização racional dos recursos, de modo a garantir prioritariamente sua conservação.

Para tanto, Pena-Vega (2003) admite que as ciências humanas e as ciências da natureza têm certa dificuldade em se integrarem, sobretudo em seus postulados conceituais e em se tratando de interações vida/natureza/homem/sociedade, as quais são indispensáveis para adaptação, sobrevivência e também desaparecimento das condições que governam a evolução dos ecossistemas. Sendo assim, será necessário proceder por uma tentativa de “reforma do pensamento”² tanto de cunho teórico quanto conceitual na busca de incorporar nas ciências do homem o conceito de vida e a ciência

² Destaque do autor.

da ecologia capazes de integrar à dimensão antro-po-social uma nova abordagem.

Desse modo, de acordo com Leff (2002, p. 15), “a crise ambiental veio questionar a racionalidade e os paradigmas teóricos que impulsionaram e legitimaram o crescimento econômico, negando a natureza” (LEFF, 2002, p. 15). Tendo, inclusive, o crescimento excessivo como uma meta a ser seguida.

Lemos (2008) vem lembrar que, o crescimento excessivo é responsável pela criação de um meio ambiente no qual a vida se tornou física e mentalmente doentia. Por meio de, como já se sabe, ar poluído, desmatamento de florestas, congestionamentos de trânsito e outros meios de estresse físico e psicológico, que passaram a fazer parte da vida cotidiana da maioria das pessoas. No entanto, esses múltiplos riscos não são apenas subprodutos da tecnologia, são características de um sistema econômico obcecado com o crescimento e expansão.

Contudo, é preciso ter consciência de que o ambiente e os organismos vivos estão ligados entre si, sendo partes inseparáveis de uma única unidade no processo planetário. O processo evolutivo, no entanto, possui uma só direção e esta não pode ser mudada, mas pode-se influenciar sobre a velocidade do processo. Através do modo de viver, de consumir, do comportamento que podem decidir sobre a velocidade do processo e do período da sobrevivência da espécie humana. A humanidade está fazendo experiência com o meio ambiente somente comparável a uma guerra nuclear (VICTORINO, 2000).

Vale lembrar que a presença humana no planeta só surgiu há apenas cem mil anos, e apesar disso ela tem interferido nos ecossistemas, mesmo que só após o domínio da atividade de agricultura – há cerca de dez mil anos – e com mais intensidade com a Revolução Industrial – iniciada a cerca de duzentos anos – a uma velocidade que traz preocupações aos cientistas e líderes mundiais as mudanças que estão ocorrendo desde o surgimento das indústrias e principalmente nas duas últimas décadas (RODRIGUES FILHO, 2011).

Como pode ser visto nessa interessante síntese da situação vivida pelo planeta ao longo de sua formação, em um panfleto do grupo *Greenpeace*, de julho de 1990, ele faz uma comparação entre os 4,6 bilhões de anos da Terra,

compactados em 46 anos, com os anos de atuação do *Homo Sapiens* industrial no Planeta.

Até os primeiros 7 anos não se tem nenhuma informação sobre o planeta. Os longínquos e extintos dinossauros só teriam aparecido após decorridos 45 anos. Os mamíferos só teriam surgido há oito meses. No meio da última semana desses 46 anos apareceram os primatas; e o homem moderno só teria aparecido nas últimas quatro horas desse tempo. Durante a última hora, o homem descobriu a agricultura; e a Revolução Industrial só teria começado no último minuto (BRÜGGER, 1999, p. 14).

O que pode ser observado é que o homem interferiu, durante as últimas frações de segundos geológicos em ciclos naturais, que levaram bilhões de anos interagindo para dinamizar as condições ideais de vida conhecida na história do planeta, com uma complexidade e evolução irrepetíveis. O que torna relevante mencionar que o homem, com sua intervenção será responsável pelo desaparecimento de uma espécie viva a cada 15 minutos, nos próximos decênios (VICTORINO, 2000).

Ao longo do século XX os seres humanos transformaram o mundo de uma forma jamais vista antes, nos últimos 50 anos impactamos os ecossistemas mais rapidamente do que em qualquer outro período da história. Entre 1960 e 2000, a população mundial dobrou, atingindo 6 bilhões de pessoas, e a economia global aumentou mais de seis vezes. A crescente necessidade de alimentos gerou um aumento de duas vezes e meia na produção, o consumo da água dobrou, a extração de madeira triplicou, a capacidade das hidroelétricas instaladas dobrou e a produção de madeira cresceu mais da metade (FREITAS, 2011, p. 37).

A respeito da Revolução Industrial, segundo Gonçalves (2002), ela foi responsável por mergulhar o mundo concreto no turbilhão da vida urbana, no esvaziamento do campo, na fuligem das cidades e regiões negras de poluição. A partir disso, a ideia de sociedade ordenada ficou cada vez mais baseada no relógio, cujos ponteiros fazem os mesmo movimentos, pois o universo tornou-se mecanicista, sincronizado e não diacronizado.

Para Latouche (1994) um exemplo dessa padronização em que a humanidade está sucumbida é a própria concepção de tempo e espaço dominada pela hora GMT ou TMG (Greenwich Mean Time), além da divisão de ano civil ocidental calcada na vida de Cristo, ignorando outras divisões do ano consideradas pitorescas e folclóricas e com pouco poder sobre os horários dos aviões guiados por sistema único. Com a única função de sincronizar os movimentos de cada um:

Para que uma fábrica funcione é necessário que todos estejam a postos, à mesma hora, no mesmo lugar; a fábrica exige que as matérias-primas cheguem no tempo certo; os comerciantes devem estar a postos para comprar e vender na hora certa; as demais fábricas devem fornecer em tempo hábil os insumos; enfim, tudo deve ser sincronizado através de uma rede de transportes e comunicações com o máximo de precisão horária possível (GONÇALVES, 2002, p. 101).

A partir da idéia mecanicista, sobretudo com a introdução de máquinas, se constituiu a imagem de progresso palpável e tangível na sociedade, nesse momento, a “razão técnica” se impunha na mesma medida em que a burguesia e seu capitalismo se afirmavam cada vez mais (GONÇALVES, 2002). Logo, a industrialização proveniente da técnica, também vem substituir os hábitos de consumo, “os produtos e os usos tradicionais são destruídos de maneira irreversível” (LATOUCHE, 1994, p. 71).

De acordo com Rodrigues Filho (2011), a Revolução Industrial, que começou na Inglaterra de XVII, foi responsável por um conjunto de mudanças tecnológicas que revolucionaram os processos de produção e organização da sociedade. Desde então a industrialização passou a ser a meta dos países ricos, aumentando o consumo de energia e emitindo seus rejeitos. E para que estas indústrias continuassem produzindo o nível de consumo também deveria mudar, surge então o consumismo, que gera cada vez mais lixo e necessidades de mais matérias-primas.

Segundo Freitas (2011), os padrões de consumo e de geração de resíduos nas grandes cidades são insustentáveis³. Sendo considerados os centros da globalização, nelas há mais circulação de riquezas e mais possibilidades de consumo, que são estimulados pelas agressivas campanhas publicitárias, “que estimulam a compra e a transformação do cidadão em consumidores” (p. 130). Por trás dessa ideia esta a crença de que o consumo traz a felicidade, além da ideia de segurança, conforto e prestígio fazendo-se consumir um maior número de bens. Para tanto, Freitas (2011, p. 130) ainda reflete:

3 Um estudo em 29 cidades européias demonstrou que para sustentar o consumo de alimentos, madeira, papel e fibras é necessária uma área 200 vezes maior que o tamanho dessas cidades somadas e para o processamento dos resíduos como nitrogênio, fósforo e dióxido de carbono dessas mesmas 29 cidades é necessária uma área de 400 a 1000 vezes maior que as áreas somadas das cidades (FREITAS, 2011).

Isso faz com que nós, a população, compremos muito. Se pensarmos bem, concluiremos que muitas das coisas que compramos por impulso, pela influência da publicidade e pelo sentimento de que aquilo nos fará mais elegante, respeitados, queridos, conseqüentemente, mais felizes⁴.

Situada entre as conquistas a serem realizadas na vida do homem está a felicidade, e apesar de ser impossível de defini-la objetivamente, felicidade pode significar diversas coisas, contudo, a promessa de felicidade esta se tornando mais do que nunca um artigo de consumo continuamente oferecidos através de manuais exotéricos, dietas miraculosas, viagens exóticas, sorteios fabulosos, e é aconselhável não deixar de conferir todas as ofertas, pois do contrário perder-se-ia o caminho mais curto para o paraíso (BRUCKNER, 2002) (A cerca da Felicidade – Ver Capítulo 3).

Para tanto, Bruckner (2002) analisa as modalidades da busca pela felicidade que reinaram ao ainda reinam no ocidente e, sobretudo, “da vontade de felicidade como paixão própria do ocidente após as revoluções francesa e americana” (p. 15), estão calcadas na promessa cristã de recuperação, em outra vida, do paraíso perdido. Caracterizada pelo aparecimento da burguesia, das inalcançáveis utopias idealistas e da expectativa de que as ciências afastariam o sofrimento do Homem. Portanto, a trajetória da felicidade no mundo ocidental transformou-se numa grande obsessão do homem moderno, deixando de ser uma conseqüência para se tornar um fim em si mesma.

No entanto, segundo Freitas (2011), para mudar o modo de vida atual, que não é simples, inclui dois grandes desafios. O primeiro consiste em observar a parte quantitativa, uma vez que o planeta já comporta mais de 7 bilhões de pessoas com projeções para se chegar a cerca de 10 bilhões em 2050, decorrente disso está o consumo do planeta cada vez mais a crédito, pois imagine se um indivíduo se dispõe a uma unidade de recurso para viver uma vida e à medida que se precisa de mais do que isso esse está acumulando uma dívida que não será paga por ele, ela será deixada para as futuras gerações. “Isso quer dizer que o mundo precisa gastar menos os recursos da Terra” (p. 10).

Contudo, o segundo desafio consiste na melhor distribuição dos recursos pela população do planeta, proporcionando o acesso aos recursos

⁴ Sobre a sociedade do consumo e do consumo inadiável para ser feliz, (Ver Anexo 1).

naturais, serviços, bens e produtos, de modo a sanar a dívida social histórica entre os países⁵. Para tanto, de um lado deverá reduzir a exploração da Terra e do outro distribuir de modo mais igual os recursos, a partir de modos de vida mais saudáveis baseados na sustentabilidade do ambiente e na inclusão social (FREITAS, 2011).

Nesse ponto, torna-se relevante discutir a pegada ecológica, que nessas condições mostra-se insustentável (LATOUCHE, 2009a). De acordo com o Relatório Planetário do WWF (World Wildlife Fund) de 2006, a Terra possui limitados 51 bilhões de hectares, destes apenas uma fração é útil para reprodução, ou seja, cerca de 12 bilhões de hectares, chamado de espaço “bioprodutivo”, este ainda é dividido pelo número de habitantes do planeta, isso resulta em aproximadamente 1,8 hectares por pessoa (LATOUCHE, 2009a).

No entanto, o espaço bioprodutivo efetivamente utilizado por uma pessoa está em cerca de 2,2 hectares – “Levando em conta as necessidades de matéria e de energia, as superfícies necessárias para absorverem resíduos e detritos da produção e do consumo e acrescentando a isso o impacto do hábitat e das infraestruturas necessárias” (WWF, 2006, *apud* LATOUCHE, 2009a, p.28). Portanto, saindo da cota sustentável. Supondo a estabilidade populacional, “já estamos vivendo a crédito” (LATOUCHE, 2009a, p. 28). Além disso, nessa pegada média ainda se escondem disparidades muito elevadas.

Um cidadão dos Estados Unidos consome 9,6 hectares [de espaço bioprodutivo], um canadense 7,2, um europeu 4,5, um francês 5,26, um italiano 3,8. Apesar de haver diferenças notáveis de espaço bioprodutivo disponível em cada país, estamos muito longe da igualdade planetária⁶ (LATOUCHE, 2009a, p. 28).

Contudo, mediante aos padrões de consumo de países desenvolvidos, se a equidade de consumo fosse efetivada geraria um despropósito, pois “só

5 “Reduzir ou eliminar nossa dívida social é urgente e necessário, mas isso não poderá ser feito simplesmente elevando todos ao nível de consumo dos países ricos. Se hoje, com essas desigualdades, já consumimos o equivalente a 1,4 vezes os recursos do planeta, simplesmente igualar o consumo de todos tendo como referência de um norte-americano exigiria 5,4 planetas” (FREITAS, 2011, p. 11). “Já se consumíssemos como os indianos, seria necessário o equivalente a apenas 2/5 do nosso planeta (p. 133)”. Assim, o desafio maior consiste em enfrentar as desigualdades sem ultrapassar os limites dos sistemas de suporte à vida.

6 Se todos vivessem como um francês seriam necessários três planetas, como um cidadão estadunidense seriam necessários seis planetas. Além da possibilidade de esgotamento em poucos meses de todas as reservas conhecidas do planeta, bem como o atravancamento do espaço aéreo que impediria a decolagem de qualquer avião, a poluição não tardaria no asfixiamento de toda a população mundial (LATOUCHE, 2009a).

em pensar que cada indivíduo dos países pobres pudesse ter acesso a um carro e a um refrigerador, faria estourar o planeta!” (LEFF, 2002, p. 127).

Assim um dos problemas desse padrão de consumo propagado pelo Mundo Ocidental consiste em, mesmo observando apenas os países pobres, estes ao se modernizarem, sonham em alcançar padrões de consumo praticados por europeus ou norte-americanos, o que seria algo insustentável, logo é preciso repensar esse modo de vida (FREITAS, 2011).

2.3 O desenvolvimento universalizado: uma desculturação

A época do mundo finito chegou e o fim da pluralidade dos mundos é o primeiro sinal de uma indiferenciação dos seres humanos em nível planetário, pautado no velho sonho ocidental que está uniformizando o mundo e tendendo-o a um só (LATOUCHE, 1994).

Pode-se ouvir saindo de um rádio transistor nos altos platôs da Nova Guiné, o mais novo tube da moda de Nova Iorque, ver um camponês tomando uma Coca-Cola no coração da selva do Sudeste Asiático, cruzar num vilarejo coberto de mato da África com uma Toyota dirigida por algum notável local... Por desejo de copiar seus mestres, por necessidade de sobrevivência, porque a conformidade às normas é a lei, a imitação se propaga sem limites, caricatural nas instituições e em certos comportamentos, sinistra no domínio incontestável das técnicas de controle das populações, da opressão do manejo das armas e das práticas policiais. O que era macaquice inocente torna-se um efeito de espelho deformante que reflete nossa verdade (LATOUCHE, 1994, p. 32).

Para Morin (2002) também cabe pensar o indivíduo em sua globalidade. Para tanto, o mesmo autor (2002, p. 46), toma um europeu da classe média como exemplo:

De manhã, liga seu rádio japonês, toma café da América Latina, põe a camisa de algodão da Índia, uma calça de lã da Austrália, uma carteira de réptil africano. Tem rum da Martinica, tequila mexicana, saquê e talvez cachaça brasileira. Escuta sinfonia alemã, com a direção de um maestro coreano ou japonês.

Latouche (1994) observa que a ambição do desenvolvimento universalizado – com aspiração no modelo de consumo ocidental – está entrelaçada ao poder enigmático dos “Branços” e a todo *status* relacionando a este, e, portanto, para se conseguir chegar a tal realização aspirada por um meio privilegiado seria a partir da técnica, uma vez que ao almejar o

desenvolvimento significa “comungar com a fé na ciência e reverenciar a técnica” (p. 29).

A esse respeito, Latouche (1994, p. 31 *apud* GONÇALVES, 2011a, p. 59) reflete:

A aceitação de fato da técnica em sua utilização cotidiana, a crença compartilhada na ciência como fonte das maravilhas da técnica, a sujeição forçada ao econômico, tudo isso reativado e reforçado pela invasão cultural, consistem fatores irresistíveis de padronização cultural.

Nesse momento Gonçalves (2002) lembra que, com o desenvolvimento mercantil e, com ele a burguesia, a riqueza também passou a depender cada vez mais da técnica, e esta assim como da ciência, adquirindo como nunca um significado central na vida dos homens. Logo, nesse contexto, a natureza passa a ser cada vez mais um objeto a ser possuído e dominado.

Portanto, para uma sociedade ser considerada técnica, neste ponto leia-se dominante e/ou dominada pela técnica, a passagem pela industrialização é essencial através da transformação dos objetivos e meios de funcionamento que essa sociedade está fundamentada. Logo, em via de regra, para o Ocidente esta sociedade deve ser sucumbida à vontade de poder que “deve tomar a forma da acumulação ilimitada [devendo ser] tomada por um zelo irresistível pela produção e só encontrar motivo de júbilo em sua ilimitada progressão” (LATOUCHE, 1994, p. 29).

Desse modo, uma das mais belas conquistas desse modelo de civilização ocidental está na vontade de poder difundida por ele. Sejam elas por meio das técnicas de poder ou pelos seus discursos ideológicos, que são expandidos por toda parte.

Para Latouche (1994) esse processo nada mais é do que uma desculturação - Termo utilizado para designar as desestruturas provocadas pelas transformações tecnológicas introduzidas pela era científica (era quartenária: desde o aparecimento do *Homo sapiens* até o período atual). Ou seja, uma destruição das estruturas econômicas, sociais e mentais tradicionais, pois segundo Leff (2001, p. 97-98) estas últimas “contrapõe[m]-se a especialização e homogeneização da economia e à maximização do benefício econômico“.

Sendo assim, essa invasão cultural, por vezes se dá pela lógica asfixiante de “donativos” os quais os países do Centro (países desenvolvidos com economia pós-industrial e com maior grau de desenvolvimento e população urbana) faz através da inundação de “imagens, palavras, valores morais, normas jurídicas, códigos políticos” (LATOUCHE, 1994, p. 30) que transbordam os países do “Terceiro Mundo” (países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento) numa padronização incontestável atingindo desde componentes como bens “culturais” até alimentos e tecnologia. Ao que compete o mercado da tecnologia, o último autor ainda considera que:

A transnacionalização das comunicações com os satélites e a informática reforçará ainda mais a uniformidade dos modelos e a dessimetria dos fluxos. Pode-se falar quanto a isso, de um *imperium* cultural dos países ricos, com a condição de entendermos bem seu mecanismo. É pela doação e não pela espoliação (ou a pilhagem, tão cara aos terceiromundialistas) que o Centro se acha investido de um poder extraordinário de dominação (LATOUCHE, 1994, p. 31).

Segundo a ONU (Organização das Nações Unidas), a tecnologia da informação e a engenharia genética impulsionaram a globalização. E esta por sua vez, faz sentir as diferenças entre os povos mais ricos e mais pobres, e o planeta está sendo cada vez com mais rapidez degradado, destruído e aniquilado (VICTORINO, 2000).

Morin (2002), porém, observa que nas comunicações, sobretudo de massa, há dois fenômenos, pois ocorre, principalmente com o desenvolvimento da comunicação instantânea que chega a todos os pontos do planeta, efeitos positivos no sentido de permitir comunicar, entender e intercambiar informações, no entanto, não se pode confundir comunicação com compreensão, uma vez que a partir da comunicação com compreensão se faz entender o que significa a informação, enquanto que a compreensão mobiliza os poderes subjetivos de simpatia para entender uma outra pessoa que também é pessoa como um sujeito. “Por exemplo, se eu vejo uma pessoa chorando. Como explicar? Devo fazer uma investigação para chegar à explicação” (p. 43).

Eu posso pegar algumas lágrimas e fazer uma análise química. Mas a análise química das lágrimas não vai dar o resultado do que significam as lágrimas. Precisa-se mobilizar a compreensão. Se me recordo de quando estou sofrendo [...]. Então, estamos num planeta de tantas comunicações e pouca compreensão [...]. Podemos ver que me uma mesma família, em uma mesma igreja, em uma mesma

faculdade há muita incompreensão de pessoa a pessoa [...]. Tudo isso é um problema. Há um problema fundamental no mundo da comunicação: não basta multiplicar as formas de comunicação, também é preciso a compreensão (MORIN, 202, p. 43).

Esse nível de compreensão apresentado por Morin poderia ser estendido ao grau de importância do planeta e da vida, que de acordo com Freitas (2011, p. 141):

São bens raríssimos e preciosos, que não podem ter preço ou valor meramente financeiro. Quanto vale o canto de um rouxinol ou um belo amanhecer? São apenas dois exemplos de elementos da natureza que tornam nossa vida melhor e mais saudável, e que não podem ser comprados ou vendidos, mas podem ser seriamente ameaçados pela ação humana.

Para tanto, Rodrigues Filho (2011, p. 16-17) faz um alerta:

A humanidade está diante de um alerta ecológico. Esta situação crítica exige que façamos uma reavaliação de conceitos tidos como consagrados. Por exemplo, é preciso repensar a ideia de que qualquer crescimento econômico é benéfico. Levando em conta o ambiente, um crescimento maior, mas poluente, pode ser pior do que um crescimento menor, mas ambientalmente sustentável.

Nesse sentido, Rodrigues Filho (2011) acredita que atrelado ao desenvolvimento da sociedade moderna está a origem da crise ecológica atual, “em suas diferentes manifestações, seja no nível global ou local” (p. 10). Não obstante, está também diretamente relacionado ao modo como a sociedade, a economia e a política estão organizadas e tem sido agravada pelo crescimento e distribuição desigual e injusta da riqueza.

Os problemas ambientais que nos afligem hoje são resultado do consumo excessivo dos recursos naturais, para atender o crescimento das populações, das cidades e das economias dos países ao redor do globo. Nesse consumo, predomina o mito da natureza infinita, que existe até hoje na mentalidade das pessoas. Trata-se de uma ideia errônea, que nos faz achar que os recursos que a natureza nos oferece são infinitos e inesgotáveis, levando-nos a usar esses recursos de maneira irresponsável e inconsequente (RODRIGUES FILHO, 2011, p. 10).

O que diz respeito a desigual e injusta distribuição da riqueza, Gonçalves (2011b) reflete sobre as contradições que alardam o mundo, uma vez que aborda uma disparidade entre muita gente pobre e pouca gente rica. Disso sendo uma proporção de cerca de 20% da população mundial consumindo 80% de todos os recursos naturais e em contrapartida sendo, esta

última parcela, responsável pela poluição de mais de 80%. Decorrendo um impasse:

[Pois] os que consome menos querem consumir como os ricos, o que transforma o consumo numa compulsão, ou, melhor dizendo, num vício. Numa sociedade regida pelo consumo, as pessoas são reconhecidas, avaliadas e julgadas por aquilo que possui, aquilo que custem, aquilo que calçam, pelo carro e pelo celular que exibem em público (GONÇALVES, 2011b, p. 7).

Nesse sentido, Victorino (2000) também reflete que os recursos da Terra são suficientes para atender às necessidades de todos os seres vivos do planeta, se forem manejados de forma eficiente e sustentados. A alta produtividade, a tecnologia moderna e o desenvolvimento econômico podem e devem coexistir com um meio ambiente saudável. A chave para isso, entre outras, é a participação, a organização, a educação e o fortalecimento das pessoas como cidadãos⁷.

Nesse ponto, Victorino (2000) conclui que essa mudança de mentalidade, sobre que rumo o homem está seguindo, será benéfica a todos, sobretudo com o surgimento de uma nova consciência, uma nova postura ética em prol da natureza e do próprio homem. Para tanto, Victorino (2000, p. 19) ainda alerta, “mas é preciso que o homem se livre da obsessão de poder, de dominação de tudo, inclusive sobre seus semelhantes”.

Contudo, o desenvolvimento baseado em princípios ambientais fundamenta-se numa crítica à homogeneização dos padrões produtivos e culturais, reivindicando os valores da pluralidade cultural e da preservação das identidades étnicas dos povos.

Segundo Leff (2001), as organizações culturais tradicionais vão-se readaptando a esses processos de desculturação impostos, bem como às mudanças tecnológicas, redefinindo e transformando seus traços de identidade e levando a um processo de ressignificação de suas identidades étnicas. Mais do que isso, esse processo de civilização nascido fora das raízes da *terra* é o da modernidade e, segundo Latouche (1994, p. 51):

Destrói as culturas e traz o bem-estar, desenclavando as glebas e substituindo as relações sociais tradicionais pelas leis do mercado. Assim, a estreiteza do quadro de vida cultural se estilhaça, enquanto a concorrência desenfreada e a busca da performance provocam uma acumulação material sem precedentes, estimulada pelo

⁷ Elementos presentes no discurso do decrescimento. (Ver Capítulo 2).

progresso da ciência e das técnicas. A cultura é sempre então uma “agri-cultura”.

Sobre essa identidade construída às avessas referenciadas no Outro, no próspero, no moderno, Lessa (2004, p. 14) mostra que, “o crescimento é tomado como um fim, os outros valores são descartados ou lhe são subordinados”.

É através de seus padrões culturais que o Ocidente atinge seu objetivo de dominar uma sociedade, quando feito isso não tem mais porque existir. Pois “o êxito do Ocidente, a revolução técnico-econômica é a verdadeira causa de seu desaparecimento” (LATOUCHE, 1994, p. 57). E ao transmitir este “achado” ele se realiza, encerrando sua missão histórica para com a humanidade. “Qualquer um pode se apropriar dele, adaptá-lo a sua própria cultura e utilizar os meios inauditos que ele proporciona contra esse pretense Ocidente” (p. 61).

Contudo, o Ocidente não se reduz mais a um território, ou a uma entidade religiosa, racial ou econômica, é acima de tudo uma entidade que manifesta de forma sistêmica todas essas características formando um fenômeno “cultural” a ser seguido pela civilização. Mas ao se deparar com as economias do Terceiro Mundo as transforma em massas incultas que passam a encenar culturalmente como sujeitos e consumidores passivos e por vezes estranhos a suas própria cultura (LATOUCHE, 1994). A esse imaginário econômico configura-se “uma anticultura”⁸ e “sua força é quase irresistível, mas ela só pode se exercer no seio de uma organização social que ela corrói como um câncer” (p. 110).

Para Latouche (1994), a ocidentalização tem seu apoio nos poderes simbólicos, na dominação abstrata, elementos que a torna mais insidiosa, mas por isso mesmo menos contestável. Eis que se surge o dual, “o bom tom consiste em denunciar a sociedade de consumo e reclamar da qualidade de vida; mas o bom trato exige andar de carro e ver televisão” (BUREAN, 1978, p. 12 *apud* LATOUCHE, 1994, p. 54).

⁸ **Anticultura** “não somente porque ele é puramente negativo e uniformizante (para que se possa falar de uma cultura é preciso que haja ao menos duas...), mas, sobretudo porque não traz resposta para o problema da existência social dos ‘perdedores’. Integrando no abstrato o mundo inteiro, ele elimina *concretamente* os ‘fracos’ e não concede direito de vida e cidadania senão aos de melhor performance; desse ponto de vista, ele é o oposto de uma cultura que implica uma dimensão holística; a cultura traz uma solução à revelia do ser para *todos* os seus membros” (LATOUCHE, 1994, p. 55).

Contudo, o Ocidente se identificou quase inteiramente com o paradigma desterritorializado que produziu. Nesse sentido, Latouche (1994, p. 13) explica:

[...] O Ocidente não é mais a Europa, nem a geográfica, nem a histórica; também não é mais um conjunto de crenças partilhadas por um grupo humano que perambula pelo planeta; nós nos propomos a lê-lo como um máquina impessoal, sem alma e, de ora em diante, sem mestre, que colocou a humanidade a seu serviço. Emancipada de qualquer interferência humana que queira contê-la, a máquina enlouquecida prossegue em sua obra de desenraizamento planetário. Arrancando os homens de seu chão, mesmo nos confins mais remotos do globo, a máquina os atira no deserto das zonas urbanizadas sem integrá-los, porém, à industrialização, à burocratização e à tecnificação ilimitadas que ela impulsiona. [...].

Segundo Leff (2002) essa desterritorialização trata-se, sobretudo da forma como o neoliberalismo tem de debilitar as resistências da cultura e da natureza para subsumi-las dentro da lógica do capital. Tendo o propósito de legitimá-las mediante um esquema combinado e globalizado a ponto de dirimir os conflitos num campo neutro. No entanto, diante destas estratégias de apropriação econômica e simbólica da cultura e da natureza expressam-se resistências, embora inexpressivas, mas sem ceder seu patrimônio natural e sem renunciar à sua identidade cultural – Essa resistência que atualmente é da humanidade inteira, já foi expressa em 1854 pelo Chefe Seattle, em resposta ao Presidente dos Estados Unidos da América (LEFF, 2002). (Ver Anexo 2).

Contudo, essa diferenciação gerada em uma sociedade através da máquina impessoal da ocidentalização só se dá pela destruição de seu tecido social, freando seriamente “as possibilidades concretas de universalização de qualquer modelo pseudo-social imaginável” (LATOUCHE, 1994, p. 14). Esse movimento de universalização gerado pelo padrão ocidental possui uma força aterrorizadora de imposição cultural, eliminando os laços de tradição e até mesmo as diferenças de gênero. “Seu descomedimento compromete [inclusive] a sobrevivência do homem e do planeta” (p. 14).

A padronização cultural desconstruiu as antigas consciências de classe num mesmo sentimento difuso de pertinência social, atingindo até mesmo os países ditos socialistas, que por sua vez introjetaram os sistemas de valor “unidimensionalizantes” do Ocidente (quer seja através do mesmo ideal de *status*, da mesma moda etc.) (GUATTARI, 2002).

O processo de globalização tende a dissolver as fronteiras nacionais, homogeneizando o mundo através da extensão da nacionalidade do mercado a todos os confins do orbe. Nesse sentido, suas estratégias não se reduzem à exploração direta dos recursos, mas a uma recodificação do mundo, desde as diferentes ordens de valor e de racionalidade até a forma abstrata de um sistema generalizado de relações mercantis (LEFF, 2002).

De acordo com Leff (2002), a globalização econômica como processo conduzido pelo sentido civilizatório e, portanto, para a realização do homem moderno, tido como estado mais acabado do sentido da existência humana, e por vezes encoberto por adjetivações insustentáveis, formam uma cortina de fumaça e uma realidade incontestáveis. Embora a estratégia do hiper-realismo da globalização seja o ocultismo de seus mecanismos de repressão, talvez daí provem sua eficácia e impunidade.

Portanto, Latouche (1994, p. 12) questiona:

A ocidentalização ou mundialização societal, o processo de universalização do mundo e do nível de vida poderia prosseguir ilimitadamente, varrer todos os obstáculos e chegar a uma verdadeira unificação do mundo? Se os obstáculos se mostrassem insuperáveis, fortalecendo-se com as próprias contradições universalistas, seria possível contar com vias alternativas?

Agora, se for realista pretender que ainda não sou a hora do fim da uniformização planetária, é mais difícil afirmar que o caráter nacional ainda exista, pois é mais plausível do que sustentar a existência de uma crise maior e decisiva a nível mundial. Uma vez que, “ao lado do surgimento de uma ‘desterritorialização’ societal [está] uma ‘transculturação’ mais ou menos ligados a essa transnacionalização” (LATOUCHE, 1994, p. 100). Muito embora, “a ‘máquina técnico-econômica’ continua funcionando num quadro cada vez mais surrealista” (p.100), o que leva a questionar até que ponto ou limite físico irá chegar.

2.4. O modelo civilizacional e a padronização do consumo

Relacionado a esse modo surreal de funcionamento desse modelo está o padrão de produção e subsequente o de consumo, que de acordo com Gonçalves (2011b) estão tendendo cada vez mais a insustentabilidade, sobretudo devido ao excessivo uso dos recursos naturais, enorme geração de

lixo e dificuldades em administrar os impactos ambientais e a poluição. A mesma autora, completa dizendo que: as condições de vida das gerações futuras não estão nem um pouco asseguradas pelo contrário, caso não se mude as práticas atuais do consumo e produção os futuros descendentes estarão condenados.

Mas podemos nos perguntar: por que é tão importante um padrão de vida como o das países ricos? Será nossa qualidade de vida realmente associada às conquistas materiais? Se você pensar bem, nós é que somos consumidos pelo consumo. Somos atropelados desde o modo como os produtos são produzidos, divulgados, consumidos, descartados, sem mesmo nos darmos conta do seu custo social e ambiental (GONÇALVES, 2011b, p. 9).

Ainda em referência a essa sociedade do hiperconsumo, Latouche (2009a, p. XI) chama atenção para o seguinte:

Consumimos carne demais, gordura de mais, açúcar demais, sal demais. O que nos assombra é antes o sobrepeso. Corremos o risco de sofrer de diabetes, cirrose do fígado, colesterol e obesidade. Estaríamos melhores se fizéssemos dieta.

Marafon (2011) vai mais além e diz sobre essa questão nutricional, que o modelo também a tem modificado, pois as dietas tradicionais e típicas das diversas culturas do mundo vêm sendo substituídas por uma alimentação produzida pelas grandes empresas, por vezes por serem consideradas mais práticas e lucrativas, mas de forma geral também menos saudável, além de causarem graves impactos ambientais e sociais, sem falar nas doenças ocasionadas pelas substâncias sintéticas nesses produtos.

Latouche (2009a) ainda sintetiza o desenvolvimento do ponto de vista do consumo na seguinte passagem:

Nossa sociedade amarrou seu destino a uma organização baseada na acumulação ilimitada. Esse sistema está condenado ao crescimento. Quando há desaceleração ou parada do crescimento, vem à crise ou até o pânico. [...] No fim o círculo virtuoso se transforma num círculo infernal... (LATOUCHE, 2009a, p. 17).

Nesse contexto, torna-se relevante a comparação que Latouche (2009a) faz da vida do trabalhador com o de uma máquina biogestora, que precisa metabolizar com o salário comprando mercadorias e as mercadorias com o salário, essa lógica por sua vez também se aplica na rotatividade dessas mercadorias nas fábricas e nos hipermercados. Contudo, essa “ronda diabólica” está pautada, segundo a mesma fonte em três ingredientes:

publicidade (que cria o desejo de consumir), o crédito (que fornece os meios) e a obsolescência acelerada e programada dos produtos (que renova a necessidade deles).

Segundo Lemos (2008), essa verdadeira obstinação por acumulação que caracteriza o modo capitalista de produção e de crescimento cria comportamentos e “necessidades” para a sociedade, que, em virtude da massificação da propaganda e da necessidade de competição induzida pelo próprio modelo, participam desta verdadeira batalha de consumo, que, para ser concretizado, por vezes requer a utilização excessiva de energia que pode provocar a depredação da base de recursos naturais. “Ou seja, o modelo apresenta um elevado componente de autofagia ou de autodestruição” (p. 52).

De acordo com Bauman (2010), para a publicidade, a sociedade atual é uma sociedade de consumidores. “E, como o resto do mundo, visto e vivido pelos consumidores” (p. 33-34). Para tanto o mesmo autor (2010, p. 34) ainda considera:

A cultura também se transforma num armazém de produtos destinados ao consumo, cada qual concorrendo com os outros para conquistar a atenção inconstante/errante dos potenciais consumidores, na esperança de atraí-la e conservá-la por pouco mais de um breve segundo.

Guattari (2002) vai mais além e denuncia que atrelado a essa publicidade de massa, estão às reduções das redes de parentescos que tendem ao mínimo, e que, sobretudo, “os modos de vida individuais ou coletivos evoluíram num sentido da deterioração” (p. 12), gangrenadas pelo consumo da mídia e da freqüente “ossificação” constituída por uma padronização de comportamentos e as reduzindo as suas mais pobres expressões.

Com relação ao crédito, segundo Bauman (2010), este foi lançado sob o *slogan* sedutor de “não adie a realização do seu desejo” (p. 12), e com esse forte incentivo, milhares de pessoas, agora com acesso cada vez mais fácil ao crédito, podem obter coisas antes desejadas, mas sem condições de realizar. Contudo, o mesmo autor ainda alerta que ingressar nessas condições é mais fácil do que jamais foi o difícil agora é sair.

Esse aumento de acesso ao crédito ocorre, segundo Bauman (2010, p. 36) porque, “ao contrário da era da construção das nações, a cultura líquido-

moderna não tem ‘pessoas’ a cultivar, mas clientes a seduzir”. Logo, sintetiza John Thackara (2010) – designer e filósofo – Diretor a Doors of Perception, “en la última generación, nuestro papel se limita a pedir créditos para comprar cosas que no necesitamos. No tiene sentido”.

Sobre a obsolescência programada, Brooks Stevens (2010), a voz da obsolescência programada na América do pós-guerra, de acordo com documentário da Televisão Espanhola (*Comprar, tirar, comprar: la historia secreta de la obsolescência programada – 2010*), relata ser o desejo do consumidor de possuir algo um pouco mais novo, embora seja um pouco também desnecessário. Contudo, ainda relata:

El artículo enfoque europeo era crear el mejor producto y que durara para siempre. Te comprabas un buen traje para llevarlo desde tu boda hasta entierro sin poder renovarlo. [Ahora] el enfoque americano es crear un consumidor insatisfecho con el producto que ha disfrutado, que lo venda de segunda mano y que compre lo más nuevo con la imagen más nueva (STEVENS, 2010).

De acordo com Bauman (2010, p. 35), esta economia é a “economia da dissipação e do desperdício”, por isso trata-se de uma sociedade em que as redes substituem as estruturas, em que um jogo de apego/desapego e uma infinita sucessão de conexões substituem a atividade de “determinar” e “fixar” (em algo essencial ou indispensável, por exemplo)⁹.

Para tanto, o documentário da Televisão Espanhola ainda chama atenção para a dependência que a obsolescência tem da existência do consumidor, pois “nadie le obliga a ir a una tienda y comprar un producto. Van por su propia voluntad, es su elección” (DANNORITZER, 2010). E revela que, o estilo de vida americano, sobretudo dos anos 1950, forma a base para a sociedade do consumo atual. A saber:

La obsolescencia programada esta en la raíz del considerable crecimiento económico que el mundo occidental hay vivido a partir de los años cincuenta. Desde entonces, el crecimiento a sido el “Santo Greal” de nuestra economía (DANNORITZER, 2010).

Isso ocorre porque a produção continua de novas ofertas e o volume sempre ascendente de bens oferecidos também são necessários para manter a velocidade da circulação de bens e reacender constantemente o desejo de substituí-los por outros, “novos e melhores”. Também são necessários para

⁹ Parêntese próprio.

evitar que a insatisfação dos consumidores com um produto em particular não se condense num desapego geral em relação ao próprio estilo consumista de vida (BAUMAN, 2010).

Também relacionado à obsolescência programada está o destino dos diversos produtos descartados, uma vez que essa provoca um fluxo constante de resíduos que acabam em países do Terceiro Mundo como Ghana na África (DANNORITZER, 2010). De acordo com Latouche (1998), resíduos exportados fraudulentamente. Conforme relato de Mike Anane (2010) - ativista ambiental e cidadão de Ghana:

Hace ocho o nueve años me di cuenta de que llegaban a Ghana muchos contenedores con residuos electrónicos. Hablamos de ordenadores y televisores estropeados que nadie quiere en los países desarrollados. [Todavía], los que están detrás de los envíos dicen: “Queremos cerrar la brecha digital entre Europa y América y el resto de África y Ghana”. Pero los ordenadores que nos mandan no funcionan. No tiene sentido recibir residuos si no puedes tratarlos, menos aún si no son tuyos y tu país se convierte en el basureno del mundo. [Aún desahoga] La posteridad no nos perdonará nunca. Descubrirán el estilo de vida despilfarrador de los países desarrollados. [Luego] debemos pasar a la acción con medidas punitivas, procesar a gente para que no lleguen más residuos a Ghana.

A esse respeito, Victorino (2000) em uma visão mais futurista reconhece que a atenção nos próximos anos deverá estar concentrada nas escolhas que forem feitas agora, para que sejam o mais possível de respeito à ordem e ao ritmo da natureza. Portanto, segundo mesmo autor (2000, p. 115): “O homem do futuro [e o atual também] precisa reconhecer que seus antepassados foram destruidores, através do consumismo, do descartável, do progresso acima de tudo”. Para poder fazer uma reconciliação com a natureza e favorecer o desenvolvimento de forma democrática a todos do planeta.

Portanto, segundo Latouche (2009a), é a própria sobrevivência da humanidade que condena a reintrodução de uma preocupação ecológica no âmago da preocupação social, política, cultural e espiritual da vida humana. Pois não só trata-se de “diminuir a velocidade da acumulação, mas também de questionar o conceito (dominante) para inverter o processo destrutivo” (p. 128).

Portanto, é preciso rever essa lógica de pensamento dominante, e para isso se faz necessário tomar “o caminho da flecha lançada ao espaço desconhecido para criar (e não descobrir) novos mundos” (LEFF, 2001, p. 123).

Sobretudo, para rastrear os sinais das respostas possíveis na imaginação sociológica e na criatividade política, das motivações e das estratégias de cidadania diante do impasse da globalização. Para se produzir novos sentidos civilizatórios, com novos valores e referências mobilizantes de novas utopias, capazes de preencher os vazios de subjetividade e de ação social, de pensar o inédito e a alternativa, de construir uma cultura política da diferença e de conceber a diversidade como um potencial.

3 O DECRESCIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL: UMA APRECIÇÃO TEÓRICA

"A terra é suficiente para todos, mas não para a voracidade dos consumistas".
Mahatma Gandhi

"As utopias não são muitas vezes mais que verdades prematuras..."
Lamartine

"... E é isto que dá aos nossos sonhos a ousadia: eles podem ser realizados."
Le Corbusier

A primeira parte deste capítulo apresenta o conceito de decrescimento econômico, sobretudo na visão de Serge Latouche, que tem como base a mudança de paradigma econômico a partir da lógica do crescimento, que por sua vez deve ser substituído por um decrescimento sereno, convivial e sustentável. Na última parte deste capítulo são apresentados alguns parâmetros sintetizados através de mudanças pontuais necessárias para a revolução cultural exigida para se construir uma sociedade do decrescimento.

3.1 O Decrescimento Econômico Latoucheano

A degradação ambiental, o risco de um colapso ecológico e o avanço das desigualdades (culturais, sociais, econômicas) são sinais incontestáveis da crise civilizacional do mundo globalizado, a qual alcança seu momento culminante na modernidade, cujas origens remetem à concepção de mundo que serviram de base à civilização Ocidental (LEFF, 2001). “Podríamos decir que con la sociedad de crecimiento estamos montados en un bólido que, claramente, ya nadie piloto, que va a toda velocidad, y cuyo destino es chocar contra un muro o caer por un precipicio” (LATOUCHE, 2010a)¹⁰.

Nesse momento, Latouche (2009a) vem lembrar que a sociedade já está a par da situação de “barbárie” desde a publicação de “Primavera Silenciosa” de Rachel Carson (1962) e que se reafirmou no Relatório do Clube de Roma, “Os limites do crescimento” em 1972, prevenindo de que “a busca

¹⁰ Em Documentário da Televisión Española.

indefinida do crescimento era incompatível com os ‘fundamentos’ do planeta” (p. XII).

Portanto, a questão ecológica no seio da economia data desde os anos 1970, mas foi a partir dos trabalhos de Nicholas Georgescu-Roegen (cientista e economista romeno) que suas implicações foram percebidas. Através da Lei da Entropia, Georgescu-Roegen percebeu que até então a economia excluía a irreversibilidade do tempo, ou seja, a não reversibilidade das transformações da energia e da matéria. “Não pode mais produzir geladeiras, carros ou aviões a reação ‘melhores e maiores’ sem produzir também resíduos ‘melhores e maiores’” (GEORGESCU-ROEGEN, 1994, p. 63 *apud* LATOUCHE, 2009a, p. 15). Disso decorre, uma “impossibilidade de um crescimento infinito num mundo finito e a necessidade de substituir a ciência tradicional por uma bioeconomia, ou seja, pensar a economia no seio da biosfera” (LATOUCHE, 2009a, p. 15-16).

Sobre a bioeconomia, segundo Branco (2009), o que deveria definir os limites de atuação do subsistema econômico é a capacidade de suporte da biosfera no que se refere a prover recursos e absorver os dejetos. “É algo muito óbvio e claro. Difícil é imaginar porque essa visão não se incorporou efetivamente ao nosso modo tradicional de ‘gerir a casa’” (p. 5). E em conclusão: “A premissa de crescimento precisa ser rompida. Ela não responde a uma civilização que habita um planeta que é um só e que possui uma capacidade de suporte” (p. 5).

De acordo com Latouche (2009a), a sociedade atual partiu de uma sociedade englobada por uma economia cuja finalidade é apenas o crescimento pelo crescimento. Nesse ponto, Leff (2001) acredita que, a fatalidade consiste na negação das causas da crise socioambiental e na obsessão pelo crescimento que ultrapassa os fins da racionalidade econômica. Para tanto, Baudrillard (1993, p. 31-32 *apud* LEFF, 2001, p. 23-24) considera:

Somos governados não tanto pelo crescimento, mas por crescimentos. Nossa sociedade está fundada na proliferação, num crescimento que prossegue apesar de não poder ser medido por nenhum objetivo claro. Uma sociedade excrescente cujo desenvolvimento é incontrolável, que ocorre sem considerar sua autodefinição, onde a acumulação de efeitos anda a par com o desaparecimento das causas. O resultado é um congestionamento sistêmico bruto e uma disfunção causada por (...) um excesso de imperativos funcionais, por uma espécie de saturação. As próprias

causas tendem a desaparecer, a tornam-se indecifráveis, gerando a intensificação de processos que operam no vazio. Na medida em que existe uma disfunção do sistema, um desvio das leis conhecidas que governam sua operação, existe sempre a perspectiva de transcender o problema. Mas quando o sistema se precipita sobre seus pressupostos básicos, ultrapassando seus próprios fins a ponto de não poder encontrar nenhum remédio, então não estamos diante de uma crise, mas de uma catástrofe de sua inércia absoluta.

Leff (2001) faz uma comparação deste momento, de abismo entre o mundo finito, acabado e cercado por seu conhecimento de si e pelo saber especulativo do mundo novo, como sendo uma mudança semelhante ao paradigma entre o mundo fechado da Idade Média e a abertura ao universo “infinito” da modernidade.

Nesse ponto, Latouche (2009a) lamenta ainda a ausência de uma verdadeira crítica a este modelo de sociedade nos discursos ambientalistas, que tem por vezes poucas insinuações através do discurso do desenvolvimento sustentável. Sobre este, a mesma fonte (2009a, p. XIV), reflete:

Denunciar o “frenesi das atividades humanas” ou o desgoverno do motor do progresso não supre a ausência de análise da megamáquina tecnoeconômica capitalista e mercantil, da qual talvez sejamos de fato as engrenagens cúmplices, mas com certeza não as molas propulsoras. Esse sistema baseado na desmedida nos conduz ao impasse.

E acrescenta, há quem relacione o decrescimento com o conceito de desenvolvimento sustentável, ou quem o tente colocar nesse campo do conhecimento. Contudo, esse primeiro conceito nada tem em comum com o segundo, que pode ser encontrado facilmente em campanhas publicitárias no mundo empresarial sob a fama de uma boa frase de efeito.

Por sua vez, segundo Latouche (2009a, p. 4), o decrescimento “é um *slogan* político com implicações teóricas”, é, sobretudo provocador para “salir de esa mecánica infernal” (LATOUCHE, 2004), ou seja, “que intenta romper con el discurso eufórico del crecimiento viable, infinito y sostenible. Intenta demostrar la necesidad de un cambio de lógica” (LATOUCHE, 2010a), “que visa acabar com o jargão politicamente correto dos dragados do produtivismo” (LATOUCHE, 2009a, p. 4). Não é uma idéia perversa que não reproduz virtuosidade. Contudo, como explica Latouche (2009a, p. 4) essa palavra de ordem:

Tem como principal meta enfatizar fortemente o abandono do objetivo do crescimento ilimitado, objetivo cujo motor não é outro senão a busca do lucro por parte dos detentores do capital, com conseqüências desastrosas para o meio ambiente e, portanto para a humanidade. Não só a sociedade fica condenada a não ser mais que o instrumento ou o meio da mecânica produtiva, mas o próprio homem tende a se transformar no refugio de um sistema que visa a torná-lo inútil e a prescindir dele.

Diante disto Latouche (2009a) observa a sabedoria do caracol, que ensina não somente a necessária lentidão, mas uma lição ainda mais indispensável, mostrando “o caminho para se pensar uma sociedade de ‘decrecimento’, se possível sereno e convivial”¹¹ (p. 26). A saber:

O caracol constrói a delicada arquitetura de sua concha adicionando, uma após a outra, espiras cada vez mais largas e depois cessa bruscamente e começa a fazer enrolamentos agora decrescentes. Isso porque uma única espira ainda mais larga daria à concha uma dimensão dezesseis vezes maior. Ao invés de contribuir para o bem-estar do animal, ela o sobrecarregaria. A partir de então, qualquer aumento de sua produtividade apenas serviria para paliar as dificuldades criadas por esse aumento do tamanho da concha para além dos limites fixados por sua finalidade. Passando a ponto-limite de alargamento das espiras, os problemas do excesso de crescimento multiplicam-se em progressão geométrica, ao passo que a capacidade biológica do caracol pode apenas, na melhor das hipóteses, seguir uma progressão aritmética (ILLICH, 2005, p. 292 *apud* LATOUCHE, 2009a, p. 26).

No entanto, o crescimento econômico abraçou a razão geométrica para continuar persistindo com taxas de crescimentos cada vez mais elevados, contudo, nesse ponto é válido refletir: “Se o crescimento produzisse mecanicamente o bem-estar deveríamos viver hoje num verdadeiro paraíso” (LATOUCHE, 2009a, p. 25), tendo em vista as taxas de crescimento praticadas por diversos países. No entanto, “o que nos ameaça é bem mais o inferno” (p. 25). A saber:

Si la felicidad dependiera del nivel de consumo, deberíamos ser absolutamente felices, porque consumimos 26 veces más que en tiempos de Marx. Pero las encuestas demuestran que la gente no es

¹¹ “Teoricamente pode-se fazer a razão geométrica funcionar no sentido inverso ‘um decrecimento de 1% ao ano faz economizar 25% (da produção) em 29 anos e 50% em 69 anos. Um decrecimento de 2% ao ano faz economizar 50% em 34 anos, 64% em 50 anos e 87% em 100 anos’ (ARIÈS, 2005, p. 90). Evidentemente, esse raciocínio tem um valor, sobretudo teórico [...]. O decrecimento decerto não é uma inversão mecânica do crescimento, é a construção de uma sociedade autônoma, certamente mais sóbria e, sobretudo, mais equilibrada” (LATOUCHE, 2009a, p. 26-27).

20 veces más feliz, porque la felicidad es siempre subjetiva (LATOUCHE, 2010a).

Sob uma outra óptica e para ser mais claro, Latouche (2009a) propõe o decrescimento como o abandono da fé ou da religião da economia, do progresso e do desenvolvimento, da mesma forma como a palavra a-teísmo é usada, nesse caso o decrescimento em termos teóricos conviria ser então denominado a-crescimento, no sentido de rejeitar o culto irracional e que idolatra o crescimento pelo crescimento. Pois segundo mesmo autor (2009b, p. 8) conciliar crescimento econômico e sustentabilidade é uma tarefa impossível, portanto, “é preciso renunciar ao crescimento enquanto paradigma ou religião”.

Uma vez que, nas palavras de Latouche (2010a):

Vivimos en una sociedad de crecimiento cuya lógica no és crecer para satisfacer las necesidades, sino crecer por crecer. Crecer infinitamente, con una producción sin límites. Y, para justificarlo, el consumo debe crecer sin límites.

Segundo Latouche (2009a), o movimento pelo decrescimento tem ganhado mais espaço nos últimos anos, e por sua vez quebrando tabus e se transformado em objeto de debates em sua maioria entre os Verdes (uma referência aos movimentos ambientalistas), mas também discutidos em âmbitos regionais e locais. Diversos movimentos, sobretudo na França e na Itália têm chamado atenção para esse assunto através de iniciativas como as ecovilas, pegada ecológica eqüitativa, AMAP (Associação para a manutenção de uma agricultura camponesa), GAS (grupo de compradores solidários) e os adeptos da simplicidade voluntária, as quais chamaram a atenção do mundo através dos meios de comunicação.

Vale lembrar que, embora o termo “decrescimento” seja muito recente aos debates econômicos, políticos e sociais, suas idéias não são novas. O fracasso do desenvolvimento no Sul e as perdas de referência no Norte fizeram com que pensadores como Cornelius Castoriadis e Ivan Illich questionassem a sociedade de consumo e sua base imaginária fundamentada no progresso, na ciência e na técnica. Em resultado, pesquisas para um “após-desenvolvimento” foram lançadas, bem como uma tomada de consciência da crise ambiental foi aceita, pois “não só a sociedade de crescimento não é desejável, como ela não é sustentável!” (LATOUCHE, 2009a, p. 13).

Paradoxalmente o decrescimento teve suas primeiras implicações nascidas no Sul, mais particularmente na África – “Faz mais de quarenta anos que uma pequena ‘internacional’, anti ou pós-desenvolvimentista analisa e denuncia os malefícios do desenvolvimento na África, da Argélia de Boumédère à Tanzânia de Nyerere” (LATOUCHE, 2009a, p. 78-79). Contudo, devido aos problemas ambientais e ao crescimento da globalização, esse tema teve maior repercussão e aprofundamento nas economias e sociedades do Norte. Uma vez que, a farsa do desenvolvimento sustentável também diz respeito tanto ao Norte como ao Sul, “e os perigos do crescimento já são planetários. Foi assim que nasceu a proposição do decrescimento” (LATOUCHE, 2009a, p. 79-80).

Latouche (2010b)¹² chama a atenção de que “o projeto de uma sociedade de decrescimento é radicalmente diferente do crescimento negativo”, pois isso apenas justificaria a dominação do imaginário do crescimento através do oxímoro absurdo (ao pé da letra: “avançar recuando”). A mera diminuição da velocidade do crescimento levaria a sociedade mundial a mergulhar na incerteza, acarretando na diminuição do mínimo dispensável a qualidade de vida, uma taxa negativa de crescimento provocaria o aumento de taxas de desemprego, abandono de projetos sociais, sanitários, educativos, culturais e ambientais. Como não existe “nada pior que uma sociedade trabalhista sem trabalho”, é ainda pior “uma sociedade de crescimento na qual não há crescimento” (LATOUCHE, 2009a, p. 5). Contudo, essa condição é a que se faz presente caso não se mude de trajetória.

Por todas essas razões, o decrescimento só pode ser considerado numa “sociedade de decrescimento”, ou seja, no âmbito de um sistema baseado em outra lógica. Portanto, a alternativa é efetivamente: decrescimento ou barbárie! (LATOUCHE, 2009a, p. 5).

Esse pânico que seria gerado pela simples idéia de um crescimento negativo causa desespero nas sociedades de crescimento porque, segundo Latouche (2004), em entrevista extraída do documentário “La Terre vue du ciel (A terra vista do céu) de Renaud Delourme”, a sociedade moderna acredita que o crescimento se trata de algo ilimitado, Contudo:

¹² Em entrevista a Revista IHU On Line, publicado pelo Fórum Brasileiro de Economia Solidária.

Es este lado “ilimitado” lo que supone un problema, porque creemos que es razonable – por ejemplo cuando tenemos un déficit alimentario, o de cualquier cosa, de agua, etc – forzarse a resolver este déficit, es decir, hacer crecer la cantidad de alimentos o de agua disponibles, en último término hacer crecer la salud, etc, hasta un cierto punto. Pero, hemos hecho del crecimiento uma espécie de “fetiche” y se ha convertido en un poco “todo y cualquier cosa”, incluyendo el crecimiento de la contaminación, de lãs enfermedades, del envenenamiento, etc. por estas razones es un concepto perverso, porque en realidad es incocebible que, en un mundo finito, pueda haber un crecimiento infinito.

Contudo, Latouche (2009a) ainda lastima que as diversas discussões em torno do desenvolvimento tenham sido apenas de incrementos de adjetivos para vesti-lo ou prevalência de uma expressão por outra. Nessas discussões “continua-se a mudar o penso em vez de pensar a mudança...” (p. 9). Contudo, para que haja um outro mundo onde possam ser depositadas as esperanças de um novo pensar econômico diferente desse já conhecido, “está na hora de descolonizarmos nossos imaginários, [pois] não é fato que ainda tenhamos trinta anos pela frente” (p. 12).

Para Latouche (2009a, p. 8), o desenvolvimento sustentável:

Trata-se ao mesmo tempo de um pleonasma na definição e de um oximoro no conteúdo. Pleonasma, porque o desenvolvimento já é um *self-sustaining growth* (“crescimento sustentável por si mesmo”) ¹³ para Rostow. Oximoro, porque o desenvolvimento não é nem duradouro nem sustentável.

O excessivo crescimento econômico choca-se com a finitude da biosfera. “A capacidade regeneradora da Terra já não consegue mais seguir a demanda: o homem transforma os recursos em rejeitos mais rapidamente do que a natureza consegue transformar esses rejeitos em novos recursos” (LATOUCHE, 2010b).

Segundo Capra (1996 *apud* LEMOS, 2008) esse excesso de consumo/produção em conjunto com a preferência pela alta tecnologia só criam quantidades ainda maiores de coisas inúteis, que para serem fabricadas são necessárias quantidades gigantescas de energia, sobretudo não renováveis derivadas de combustíveis fósseis, e com o declínio destes, a própria energia tende a tornar-se um recurso escasso e dispendioso. No entanto, os processos de produção fazem o caminho inverso e aumentam

¹³ Parêntese de Latouche.

ainda mais a exploração desses. Logo, estes fatos, “podem vir a causar perturbações ecológicas e um sofrimento humano sem precedentes” (p. 52).

De acordo com Leff (2001), a globalização econômica como processo conduzido pelo sentido civilizatório e, portanto, para a realização do *homo economicus*, tido como estado mais acabado do sentido da existência humana, e por vezes encoberto por adjetivações insustentáveis, formam uma cortina de fumaça e uma realidade incontestáveis. Muito embora a estratégia do hiper-realismo da globalização seja o ocultismo de seus mecanismos de repressão, talvez daí provem sua eficácia e impunidade.

Latouche (2009a) ainda reflete sobre o crescente contingente populacional, como possível fator agravante para a extinção humana e o caos ambiental, o mesmo autor diz que, essa abordagem desvia do principal problema, o sistema econômico. Para tanto, acredita numa abordagem mais serena, por exemplo, se o consumo de carne por parte dos ricos fosse reduzido eliminaria questões de cunho sanitários e ecológicos, bem como daria para alimentar um número bem maior de pessoas de forma mais sadia, além de desocupar espaços bioprodutivos e redução do dióxido de carbono.

O problema colocado por uma demografia mundial galopante¹⁴ não é tanto saber se somos ou não capazes de administrar o super povoamento, mas se saberemos dividir os recursos com honestidade e equidade [...]. Esse é o desafio do decrescimento (LATOUCHE, 2009a, P. 35).

De acordo com Latouche (2009a), compartilhar a idéia de que “um crescimento infinito é incompatível com um mundo finito” (p. XIV), uma vez que “a economia foi concebida como um processo governado pelas leis da termodinâmica que regem a degradação de energia em todo processo de produção e consumo” (GEORGESCU-ROEGEN, 1971 *apud* LEFF, 2001, p. 16); e que estes “não podem ultrapassar as capacidades de regeneração da biosfera” (p. XIV), são questões por vezes até bem aceitas; contudo, quando a questão é a redução dessas mesmas produções e consumo, o impasse é ainda maior, pois questionar a lógica do crescimento sistemático e irrestrito, assim

¹⁴ A população mundial cresce em ritmos vertiginosos “desde o tempo de Jesus Cristo, quando somava 300 milhões de habitantes. Em 1500 houve uma duplicação desse número para 600 milhões e, em 1950, éramos 2 bilhões e meio. Ao chegarmos ao fim do milênio, desde o dia 12 de outubro de 1999, alcançamos o fantástico número de 6 bilhões de habitantes no planeta Terra” (VICTORINO, 2000, P. 99).

como o modo de vida atual, vai de encontro às idéias dos principais responsáveis, que por sua vez a classifica de blasfêmica. Contudo, “quien crea que un crecimiento ilimitado es compatible con un planeta limitado o está loco o es economista. El drama es que ahora todos somos economistas” (LATOUCHE, 2010a). O mesmo autor (2009a, p. XIV-XV) ainda lastima que:

Embora a torrente esteja saindo de seu leito e ameaçando devastar tudo, a necessidade de uma decrescência, ou seja, a própria idéia de decrescimento, pega mal. Contudo sua aceitação é indispensável se quisermos sair do torpor que impede de agir.

Contudo, a maior crítica dos opositores ao decrescimento é de que essa teoria “destruirá la economía y nos llevara de vuelta a Edad da Piedra” (DANNORITZER¹⁵, 2010). Para tanto, Latouche (2010a) considera:

Volver a una sociedad sostenible, cuya huella ecológica no sea mayor que un planeta, no significa volver a la Edad de Piedra, sino volver, considerando los parámetros de un país como Francia, a los años 60, que no es la Edad de Piedra. La sociedad del decrecimiento hace realidad la visión de Gandhi: “El mundo es suficientemente grande para satisfacer las necesidades de todos, pero siempre será demasiado pequeño para la avaricia de algunos”.

Nesse sentido, Victorino (2000) também reflète que os recursos da Terra são suficientes para atender às necessidades de todos os seres vivos do planeta... Se forem manejados de forma eficiente e sustentados. A alta produtividade, a tecnologia moderna e o desenvolvimento econômico podem e devem coexistir com um meio ambiente saudável. A chave para isso, entre outras, é a participação, a organização, a educação e o fortalecimento das pessoas como cidadãos (elementos presentes no discurso do decrescimento).

Portanto, a proposta do decrescimento supõe que os atrativos de uma sociedade convival combinada com o peso das exigências de mudança, podem favorecer essa “descolonização do imaginário” e suscitar suficientes comportamentos “virtuosos” a favor de uma solução racional (LATOUCHE, 2009a).

¹⁵ Em Documentário da Televisión Española.

3.2 O Decrescimento como utopia¹⁶ concreta: uma explanação

De forma bem realista, o projeto do decrescimento pode ser caracterizado como uma utopia, longe do refugio irreal, mas sim do ponto de vista da esperança e do sonho intrínseco. Da utopia defendida por Eduardo Galeano em seu texto - Um olhar sobre a Utopia, como algo que impulsiona o caminhar na busca de algum objetivo, sonho ou mesmo mudança de realidade. Para Galeano o qual a utopia:

Está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar (ANDRIOLI, 2006)

Sendo assim, o decrescimento explora suas possíveis aplicações, configurando-se numa “utopia concreta”, pois “sem a hipótese de que um outro mundo é possível, não há política, há apenas a gestão administrativa dos homens e das coisas” (DECROP, s.d, p. 81 *apud* LATOUCHE, 2009a, p. 40-41).

Nas palavras de Latouche (2009a, p. 41):

O decrescimento é, portanto um projeto político, no sentido forte do termo, projeto de construção, no Norte e no Sul, de sociedades conviviais autônomas e econômicas, sem por isso ser um programa no sentido eleitoral do termo: ele não se inscreve no espaço da política politiqueria, mas visa devolver toda a sua dignidade ao político. Ele pressupõe um projeto baseado numa análise realista da situação; contudo, esse projeto não pode ser imediatamente transformado em objetivos possíveis de serem postos em ação. O que se procura é a coerência teórica do conjunto.

O sistema econômico vigorou e ainda vigora em todos os regimes de forma a promover o crescimento de forma angular inquestionável. A mudança indispensável de rumo não poderia se dá apenas por meio desse ou daquele governo, o que se faz necessário trata-se de algo mais radical: uma *revolução cultural*, que por sua vez reformularia o âmbito político (LATOUCHE, 2009a). Pois “a crise do desenvolvimento é, necessariamente, uma crise cultural” (LATOUCHE, 1994, p. 83).

Para Latouche (2009a), conceber uma sociedade de decrescimento de forma coerente e desejável implica não só numa reflexão teórica, mas também

¹⁶ No melhor sentido do termo.

política – a este respeito, Latouche (2009a) considera que “é possível pensar a transição mediante um programa quase eleitoral” (p. 97). Para uma melhor compreensão sobre esse programa (Ver anexo 3). No entanto, para tal avanço se faz necessárias elaborações mais concretas em suas proposições. Uma vez que, segundo mesmo autor (2009a, p. 95), “o trabalho de autotransformação em profundidade da sociedade e de seus cidadãos nos [parece] mais importante que os prazos eleitorais”.

Conforme Hulot (s.d *apud* LATOUCHE, 2009a.), se medidas de internalização das externalidades negativas fossem consideradas e levadas a suas últimas consequências, isso provocaria uma verdadeira revolução e seria possível realizar, quase que totalmente o projeto de uma sociedade de decrescimento.

Segundo Latouche (2009a), o decrescimento trata-se por certo de uma revolução. Seja através de mudanças de cunho cultural como de estruturas jurídicas e de produção. “Contudo, tratando-se de um projeto político, sua aplicação obedece mais à ética da responsabilidade do que à ética da convicção” (p. 92).

De acordo com Latouche (2009a), por conseguinte, essa revolução exigida para construir a sociedade do decrescimento, pode ser representada pela articulação sistemática de oito mudanças que mutualmente se reforçam sintetizadas num “círculo virtuoso” de oito “erres”: reavaliar, reconceituar, reestruturar, redistribuir, realocar, reduzir, reutilizar, reciclar. Oito objetivos capazes de desencadear “um processo de decrescimento sereno, convivial e sustentável” (p. 42). São eles:

Reavaliar: Vivemos em sociedades que repousam sobre velhos valores “burgueses”, [...] [onde] a única coisa que conta é a quantidade de dinheiro que você embolsou, [...] [que] revelam “uma megalomania individualista, uma recusa da moral, um gosto pelo conforto, um egoísmo” (CASTORIADIS, 1996, p. 220). [No entanto,] o altruísmo [é que] deveria prevalecer sobre o egoísmo, a cooperação sobre a competição desenfreada, o prazer do lazer e o *éthos* do jogo sobre a obsessão do trabalho, a importância da vida social sobre o consumo ilimitado, o local sobre o global, a autonomia sobre a heteronomia, o gosto pela bela obra a eficiência produtivista, o sensato sobre o racional, o relacional sobre o material etc;

Reconceituar: A mudança de valores acarreta outro olhar sobre o mundo e, portanto, outra maneira de apreender a realidade. Reconceituar, ou redefinir/redimensionar, impõe-se, por exemplo, para os conceitos de riqueza e pobreza, mas também para o par infernal

escassez/abundância, fundador do imaginário econômico e que urge desconstruir. [...]; **Reestruturar**: Adaptar o aparelho produtivo e as relações sociais em função da mudança de valores. [...] É a orientação para uma sociedade de decrescimento [...] e a da transformação de um aparelho produtivo que tem de se adaptar à mudança de paradigma; **Redistribuir**: Compreende a distribuição das riquezas e o acesso ao patrimônio natural, tanto entre o Norte e o Sul como dentro de cada sociedade, entre as classes, as gerações e os indivíduos. [...] [Tendo] um duplo efeito positivo sobre a redução do consumo. Diretamente, reduzindo o poder e os meios da “classe consumidora mundial” e [...] indiretamente, diminuindo a incitação ao consumo ostentatório; **Relocalizar**: Produzir localmente, no que for essencial, os produtos destinados à satisfação das necessidades da população, em empresas locais financiadas pela poupança coletada localmente. Toda produção que possa ser feita em escala local para necessidades locais deveria, portanto, ser realizada localmente (LATOUCHE, 2009a, p. 43-49).

Em síntese, esses parâmetros são necessários a sociedade de decrescimento atuarem, sistematicamente: na reavaliação, dos valores morais e éticos praticados em sociedade, levando o homem a repensar suas conquistas; na reconceitualização, de concepções econômicas direcionadas às idéias de riqueza e pobreza, escassez e abundância dogmatizadas pelos princípios da dominação da natureza e de sua mercantilização; na reestruturação, do aparelho produtivo mediante as mudanças de valores em caráter sistêmico, ao passo em que essa transformação orientaria à adaptação da sociedade para o novo paradigma do decrescimento; na redistribuição, das riquezas e do patrimônio natural entre as sociedades, de forma a garantir os mesmos direitos sobre o consumo, neste caso reduzido, e dos recursos naturais, amenizando a “dívida ecológica” entre os países¹⁷; na relocalização, das produções de artigos destinados a uma população com necessidades que podem ser atendidos por empresas locais. No decrescimento, ao contrário das idéias que devem ignorar fronteiras, os capitais e as mercadorias deveriam ser limitados às suas (LATOUCHE, 2009a). Contudo, pode-se perceber que a união desses objetivos e a sua atuação em conjunto são mais que complementares, são essenciais.

Nesse sentido, de acordo com Cortez (2009), não se terá um futuro minimamente aceitável sem uma profunda revisão dos conceitos, fundamentos e modelo da economia. E esta revisão não acontecerá sem uma clara

¹⁷ A pegada ecológica é um bom instrumento para determinar os “direitos de saque” de cada um.

compreensão das responsabilidades que cada ser humano tem em termos de cidadania planetária.

No tocante reconceituar, Leff (2001) acredita que quando se fala em ética, sobretudo, a ambiental, essa manifesta uma resistência frente à descrença e a desmoralização deixados pelo desmoronamento das ideologias modernas e pela perda de sentidos do pensamento da pós-modernidade.

No pensamento de Gandhi, sublinhado por Sachs (2009), também há lugar predominantemente ocupado pelo problema da ética. A esse respeito, Gandhi leva a preocupação com a ética até o ponto de perder de vista o próprio conceito de produtividade: o que é levado em consideração são os serviços que os homens prestam uns aos outros. Gandhi visava ainda outros preceitos contidos na obra de Latouche, como:

[...] Reestabelecer a confiança dos aldeãos em si mesmos, restituir-lhes a dignidade, inculcar o gosto pela ação cívica, cotidiana, modesta mas eficaz, ensinar-lhes a se servirem dos meios à mão. Em suma, [...] Gandhi recusava submete-lo (o indivíduo)¹⁸ à tirania das necessidades incessantemente crescente e à corrida aos bens materiais (SACHS, 2009, p. 258).

Contudo, tendo em vista a necessidade dos oito processos proposto por Serge Latouche para o desenvolvimento de uma sociedade de decrescimento sereno, convival e sustentável; os três últimos “erres”, tão discutidos, sobretudo pelos ecologistas, são indispensáveis em qualquer conjunto de interação humana que almeja viver em um planeta futuro com condições naturais de sobrevivência. São eles: Reduzir, Reutilizar e Reciclar, a saber:

Reduzir: Diminuir o impacto sobre a biosfera de nossos modos de produzir e de consumir, [...] limitar o consumo excessivo e o incrível desperdício de nossos hábitos. Outras reduções são desejáveis, desde a dos riscos sanitários até a dos horários de trabalho. [...] Outra redução necessária: o turismo de massa. [...] Temos de reaprender a sabedoria dos tempos passados: desfrutar da lentidão, apreciar nosso território. [...] Reduzir o tempo de trabalho [elemento essencial] [...] trata-se por certo de distribuir o trabalho para que todos os que assim quiserem possam ter um emprego; **Reutilizar/Reciclar:** Nenhuma pessoa de bom senso contesta a necessidade de reduzir o desperdício desefreado, de combater a obsolescência programada dos equipamentos e de reciclar os resíduos não reutilizáveis diretamente (LATOUCHE, 2009a, p. 49-54).

¹⁸ Parêntese próprio.

Muitos autores observam a necessária redução dos fatores que contribuem para o agravamento da crise ambiental, nesse momento Lemos (2007) afirma que reduzir a poluição por meio do uso racional de matéria-prima, água e energia, representa uma opção ambiental e econômica de bom senso. Eliminar os desperdícios implica em maior eficiência no processo industrial e menores investimentos para soluções de problemas ambientais.

Com relação ao turismo de massa citado por Latouche, Guattari (2002) observa que, com a padronização cultural, esse “se resume quase sempre a uma viagem sem sair do lugar, no seio das mesmas redundâncias de imagens e de comportamento” (P. 8).

Segundo Victorino (2000), uma maneira de preservar a natureza e conter o consumo da matéria-prima é incentivar o uso de recursos renováveis como a celulose, o ferro e alguns outros metais, além de permitirem a sua reciclagem e uma produção menor de lixo permanente.

De um modo geral, esses três últimos objetivos destacados, concentrados nas ações necessárias para a sociedade do decrescimento, atuam da seguinte forma: na redução, dos impactos ambientais gerados pelo superconsumo praticado, sobretudo em excesso, que geram desperdícios desnecessários, bem como desmistificar os desejos de dominação de territórios mascarrados pela vontade de viajar acarretando no consumismo quilométricos, por vezes, formatado pelo alibi do “ecoturismo”, e da redução da jornada do trabalho, elemento essencial também na luta contra o desemprego¹⁹; na reutilização e reciclagem, de produtos que quando não podem ser reutilizados podem ser reciclados, combatendo deste modo o desperdício de recursos e a obsolescência programada neles existente.

Logo, fica claro a atuação em conjunto desses objetivos, sobretudo para desenhar a construção de um funcionamento ideal, mas que pode ser concretizado baseado em dados existentes e evoluções realizáveis. “No centro do círculo virtuoso da revolução cultural dos oito ‘erres’ está um ‘erre’ que pode

¹⁹ Além disso, com a redução das horas trabalhadas, o trabalhador se sentiria livre para praticar outras atividades, ou até mesmo se desintoxicar do vício do “trabalho”. “Não construiremos uma sociedade serena de decrescimento sem recuperar as dimensões recalcadas da vida: o prazer de cumprir seu dever de cidadão, o prazer das atividades de fabricação livre, artística ou artesanal, a sensação do tempo recuperado para a brincadeira, a contemplação, a meditação, a conversação, ou até, simplesmente, para a alegria de estar vivo” (LATOUCHE, 2009a, p. 53-54).

ser encontrado em cada um deles: resistir“ (LATOUCHE, 2009a, p. 58). “Resistir à engrenagem da acumulação ilimitada e evitar o ciclo infernal das necessidades e da renda” (p. 117-118).

Com relação à redução da jornada de trabalho, como um dos pontos essenciais para o círculo virtuoso dos oito “erre”, Latouche (2009a) diz que, esta redução do horário de trabalho e a mudança de seu conteúdo, são antes de tudo, escolhas da sociedade, conseqüência da revolução cultural provocada pelo decrescimento. Aumentar o tempo não imposto para possibilitar a plenitude dos cidadãos na vida política, privada e artística, mas também no jogo ou na contemplação, é a condição de uma nova riqueza.

Essa reconquista do tempo “livre” é também uma das condições necessárias para a descolonização do imaginário. Concerne tanto aos operários e aos assalariados quanto aos executivos estressados, aos patrões atormentados pela concorrência e aos profissionais liberais, todos esses comprimidos na compulsão do crescimento. Além disso, “adversários podem se tornar aliados na construção de uma sociedade de decrescimento” (LATOUCHE, 2009a, p. 126).

Sobre a concepção de uma sociedade do decrescimento de forma utópica concreta, através das mudanças sistêmica do “círculo virtuoso” dos oito “erres”, Latouche (2004) faz um resumo de suas idéias na seguinte passagem:

Concretamente, una sociedad de decrecimiento se basaría, de entrada, en un cambio de imaginario, un cambio de valores, ya que la sociedad de crecimiento se basa sobre un número de creencias. La creencia de que el hombre debe siempre producir para consumir más, y esto para producir más etc; que debemos trabajar siempre más, para producir más, para consumir más, para ganar más. Se necesita todo un cambio de valores y mentalidad que debe llevarnos a otros objetivos, una revalorización de los aspectos no cuantitativos, no mercantiles, de la vida humana. Descubrir otras formas de riqueza que no sean la económica o mercantil, y en particular la riqueza de relaciones, las relaciones más fuertes en el seno de la familia, con sus amigos, con los otros, vivir mejor en sociedad. Eso es mucho más importante que consumir más aparatejos. Reestructurar el aparato productivo, evidentemente, em función de otras formas de producción, porque lo esencial para el planeta es reducir lo que los especialistas llaman “huella ecológica”.

Em meio às duras críticas levantadas pelos “objetoires de decrescimento” os quais segundo Ariès (2005, p. 87 *apud* LATOUCHE, 2009a, p. 108) “nos acusa fundamentalmente de quatro coisas: decrescer sem sair do

capitalismo, decrescer sem limites, não ver que outra economia além do capitalismo é possível e renunciar à perspectiva do pleno emprego”. Quanto ao emprego, “as reduções, a reutilização, o conserto e a reciclagem, ligadas ao abandono da obsolescência programada, também farão nascer novas atividades” (LATOUCHE, 2009a, p. 114). Contudo, Latouche (2009a) replica que, “apesar da extrema necessidade, não se vai suprimir do dia para a noite” (p. 109) todos os problemas sociais e ambientais do crescimento. E acrescenta:

Será preciso tempo para realocar a produção, as trocas, os modos de vida. Trata-se de um desafio, pois apesar da urgência social e ainda que ela mexa no formigueiro político, a política ecológica não pode ser postergada para o longo prazo. Tem de começar hoje e prever suas etapas sem perder o rumo. Aliás, seja qual for a opinião de nossos detratores, a política ecológica não tem dificuldade alguma de integrar a política social. É inclusive a condição de uma mudança que não se limite a um simples rearranjo tosco do sistema (LATOUCHE, 2009a, p. 109).

Latouche (2009a) ainda reflete sobre os efeitos do decrescimento nas sociedades do Sul que só poderiam ser desejável na medida em que estas estivessem comprometidas com a economia de crescimento, evitando assim que se “atolem no impasse a que essa aventura as condena” (p. 80). O melhor seria, caso ainda haja tempo, livrar-se desses obstáculos impostos no seu caminho e se realizar de outro modo²⁰.

Contudo, o objetivo da “boa vida” pode ser expresso conforme os contextos, ou seja, trata-se de reconstruir e/ou resgatar novas culturas, seja nas sociedades do Sul, que defronta com inúmeros obstáculos, na aplicação desse programa societal, ou no Norte ainda resistente (LATOUCHE, 2009a). Portanto:

A alternativa ao desenvolvimento, tanto no Sul como no Norte, não pode ser um impossível retrocesso ou um modelo uniforme de “a-crescimento” imposto. Para os excluídos, para os náufragos do desenvolvimento, tem de ser uma espécie de síntese entre a tradição perdida e a modernidade inacessível. Fórmula paradoxal que resume bem o duplo desafio. Podemos apostar em toda a riqueza da invenção social para enfrentá-lo quando a criatividade e a engenhosidade estiverem libertas do grilhão economicista e “desenvolvimentista” (Ver anexo 4) (LATOUCHE, 2009a, p. 87).

²⁰ Aqui o autor cita a economia informal, mas longe de elogiar suas nuances.

Para Latouche (2009a) um desses oito “erres” igualmente importantes, possui lugar central nesse projeto de sociedade: a realocização, que busca renovar a velha concepção dos ecologistas do “pensar globalmente, agir localmente”, propondo assim, no decrescimento, uma inovação política e uma autonomia econômica, sobretudo, local. Contudo, ainda nesse grupo, o mesmo autor (2009a, p. 58) considera mais dois objetivos tão estratégicos como este primeiro, a saber:

A reavaliação, porque ela preside a toda mudança, a redução, porque ela condensa todas as imperativas práticas do decrescimento, e a realocização, porque ela concerne à vida cotidiana e ao emprego de milhões de pessoas.

Diante disto, Latouche (2009a, p. 64) então sintetiza a idéia do pensar local:

Nessa perspectiva, o local não é um microorganismo fechado, mas um nó numa rede de relações transversais virtuosas e solidárias, visando experimentar práticas de consolidação democrática (entre as quais orçamentos participativos) que permitam resistir à dominação liberal.

De acordo com Sachs (2009), os ensinamentos de Gandhi também incorporam a lógica de realocar de Latouche. Neles contêm os preceitos do “contar consigo mesmos”, mostrando que é possível uma organização local e entre si para uma melhora na qualidade de vida de uma sociedade, “que haverão de conjugar-se em formas solidárias na construção de outro mundo” (LEFF, 2001, p. 129).

Em outra perspectiva, o programa da realocização implica a busca da autossuficiência, sobretudo alimentar, depois econômica e financeira. Seria mais conveniente manter e desenvolver a atividade básica em cada região: agricultura e horticultura, de preferência orgânica, respeitando as estações (LATOUCHE, 2009a). O comércio local assim será incentivado, uma vez que “um emprego precário gerado nas grandes redes de varejo destrói cinco empregos duradouros nos comércio de vizinhança²¹” (JACQUIAU, 2006 *apud* LATOUCHE, 2009a, p. 66).

21 “Segundo o INSEE (Institut Nacional de la Statistique et des Études Économiques), o surgimento dos hipermercados (no fim dos anos 1960) eliminou na França 17% das padarias (ou seja, 17.800), 84% das mercearias (ou seja, 73.8000), 43% das vendas de objetos de metal (ou seja, 43.000)” (LATOUCHE, 2009a, p. 66).

No que tange ao emprego, o decrescimento exigiria o aumento da duração do trabalho (o indivíduo passaria mais tempo, de qualidade, no seu emprego, o contrário do que acontece com os empregos temporários) e criaria novos empregos, através da redução do produtivismo e da exploração dos trabalhadores do Sul, para satisfazer o nível final de consumo equivalente nessa sociedade – Devido o abandono do modelo termoindustrial, de técnicas poluentes e de equipamentos energívoros (LATOUCHE, 2009a).

Se a França aplicasse a diretriz europeia e produzisse 20% de sua eletricidade a partir de energias renováveis como a solar ou a eólica, isso criaria 240 mil empregos (CANFIN, 2006, p. 19). Um documento publicado pela Comissão Europeia em 2005 mostrou que cada milhão de euros investido na eficácia energética cria de 12 a 16 empregos de tempo pleno contra 4,5 para uma central nuclear e 4,1 para uma central de carvão. Em outras palavras, custa duas vezes menos economizar um quilowatt-hora de que produzi-lo (LATOUCHE, 2009a, p. 111-112).

Contudo, a regionalização (ou realocização) significa: menos transporte, cadeias de produção transparentes, incitações a uma produção e a um consumo sustentáveis, uma dependência reduzida dos fluxos de capitais e das multinacionais, e maior segurança em todos os sentidos do termo. Regionalizar e reinserir a economia na sociedade local preserva o meio ambiente, que, em última instância, é a base de toda economia, propicia para cada um uma abordagem mais democrática da economia, reduz o desemprego, fortalecendo a participação (e, portanto a integração) e consolida a solidariedade, oferece novas perspectivas para os países em desenvolvimento e, enfim, fortifica a saúde dos cidadãos dos países ricos graças ao aumento da sobriedade e à diminuição do estresse.

Portanto, segundo Latouche (2009a), é a própria sobrevivência da humanidade que condena a reintrodução de uma preocupação ecológica no âmago da preocupação social, política, cultural e espiritual da vida humana. Pois não só trata-se de “diminuir a velocidade da acumulação, mas também de questionar o conceito (dominante) para inverter o processo destrutivo” (p. 128).

Nesse contexto, Latouche (2009a) sintetiza o decrescimento da seguinte forma. É preciso descolonizar o imaginário de adoração da modernidade e do progresso, sem ter receio que isso seja um retrocesso (miséria e humilhação), argumento utilizado pelos “objeto- res do

decrescimento”, cujo fundamento é incontestável, mas este temor é ilegítimo, pois não se trata de voltar para a penúria intensificada por desigualdades insuportáveis, trata-se de compreender o sentido da vivência de bem-estar, em analogia, se esta “exige necessariamente possuir dez pares de sapatos, com frequência de má qualidade, em vez de um ou dois sólidos” (LATOUCHE, 2009a, p. 73-74).

A receita do decrescimento consiste em fazer mais e melhor com menos. Essa fórmula illicheana²² não deve ser entendida no sentido de uma racionalização econômica, como na sua caricatura tecnocrática. [...] O espírito do decrescimento está nos antípodas dessa busca obsessiva de economias de todo tipo e da ideologia neoliberal subjacente, [...] cujo resultado é a destruição do tecido social. Certo, trata-se de consumir menos os recursos naturais limitados do planeta, mas para produzir um excedente extra econômico e, portanto, um objetivo diametralmente oposto ao dos tecnocratas (LATOUCHE, 2009a, p. 76-77). [Contudo, é preciso] redesenhar a economia mundial [que] seria um feito inédito e só poderia acontecer com maciço apoio social e realizado coordenadamente por todos os países. [...] Precisamos debater estes temas e encontrar as alternativas mais viáveis enquanto ainda temos tempo. [...] Precisamos encontrar um novo modelo, uma nova concepção [...] (CORTEZ, 2009, p. 14).

Logo, a realização de uma sociedade do decrescimento tem que passar necessariamente por um reencantamento do mundo, que para Latouche (2009a, p. 149), o desencantamento do mundo “decorre menos do triunfo da ciência e do desaparecimento dos deuses do que da fantástica banalização das coisas produzidas pelo sistema termo industrial”.

Uma vez que utilizar maciçamente uma energia fóssil fornecida gratuitamente pela natureza desvaloriza o trabalho humano e autoriza uma predação ilimitada das “riquezas” naturais. Disso resulta uma superabundância artificial desenfreada, “que destrói qualquer capacidade de maravilhamento diante dos dons do ‘criador’ e das capacidades artesanais da habilidade humana” (LATOUCHE, 2009a, p. 149-150).

Portanto, Latouche (2009a) pontua que o programa de decrescimento parece paradoxal, pois a implementação de proposições realistas e razoáveis tem pouca chance de ser adotada e menos ainda de culminar numa subversão total. Para isso faz-se necessário a mudança no imaginário que só a realização da utopia fecunda da sociedade autônoma e convivial podem provocar.

²² Em referência a Ivan Illich.

4 A FELICIDADE E A FELICIDADE INTERNA BRUTA (FIB)

“Não existe um caminho para a felicidade. A felicidade é o caminho”.
Mahatma Gandhi

“A nossa felicidade depende mais do que temos nas nossas cabeças, do que nos nossos bolsos”.
Arthur Schopenhauer

“A felicidade não depende do que nos falta, mas do bom uso do que temos”.
Thomas Hardy

A primeira parte deste capítulo apresenta a construção de um levantamento teórico em torno daquilo que alguns autores chamam de bem estar e a grande maioria das pessoas nomeiam de Felicidade. Na parte seguinte, aborda-se o conceito de Felicidade Interna Bruta (FIB), bem como na descrição de suas dimensões, nove dimensões para se perceber uma vida feliz.

4.1 A FELICIDADE: uma apreciação teórica

A idéia de felicidade acompanha os seres humanos desde sua existência. Mesmo sem saber conceitualmente a respeito da felicidade, o homem já vivia na busca e conquista do prazer, objetivando viver em um “paraíso”. Para Comte-Sponville (2006), a idéia de felicidade para esses homens surgiu da imaginação “de um jardim rodeado de muralhas que o protegem contra os inclementes ventos do deserto” (p. 73), pois o desejo era um mundo onde todos viveriam felizes.

Na Grécia antiga, Aristóteles já considerava que a felicidade era o bem supremo da vida e que a inteligência, a ética, o prazer e os bens materiais são apenas meios para se chegar a ela (CARVALHO, 2010). Contudo, o que se vê desde então são muitos estudiosos, filósofos, artistas e outros notáveis manifestando suas reflexões e seus pensamentos sobre a felicidade.

A exemplo dessa busca está a Declaração da Independência dos Estados Unidos que tem os princípios de direito à vida, à liberdade e à procura de felicidade como seus fundamentos, nota-se aí a presença da felicidade. O

que se ver é a busca da felicidade pelas pessoas com toda sua energia e entusiasmo, mas parece que ela está sempre um passo à frente. Contudo, a sua busca é, sobretudo, uma força motriz por detrás da maior parte das ações humanas (PEREIRA, 2007).

Mas o que de fato é felicidade? De acordo com Pereira (2007) pode ser descrita como a situação de bem-estar ou prosperidade geral da humanidade, contudo:

Refere-se às circunstâncias da vida e dos relacionamentos humanos. Segundo os padrões contemporâneos, felicidade é um estado prolongado ou duradouro em que o sujeito se sente bem ou satisfeito. Palavras, estados ou emoções paralelas e frequentemente associadas a felicidade incluem termos como bem-estar, alegria, prazer, satisfação, contentamento, amor, riqueza ou desafogo financeiro (PEREIRA, 2007, p. 13).

Segundo a maior parte dos dicionários em língua portuguesa, felicidade é a “qualidade ou estado de feliz; estado de uma consciência plenamente satisfeita; satisfação, contentamento, bem-estar, boa fortuna, sorte, bom êxito; acerto, sucesso.” Ou então como “experiência de plenitude, satisfação resultante da obtenção daquilo a que o sujeito tendia ou a que aspirava.” Referindo que “segundo um uso não universal, mas bastante comum, a Felicidade é mais espiritual que o prazer e menos completa que a beatitude, ou Felicidade plena”.

No que tange a sorte, para Pereira (2007, p. 14), a sorte era um fator que determinava a felicidade.

No mundo pré-socrático, a felicidade parece derivar da sorte. Nessa cosmovisão, a vida dos seres humanos limita-se a ser um joguete de deuses entediados, algo que está fora do controle do indivíduo como podemos comprovar pela leitura da literatura grega (as obras de Sófocles, Hesíodo ou Homero são disso um bom exemplo).

O início da discussão em torno da felicidade, de acordo com McMahon (2006) se deu em Atenas através de seus vários filósofos:

Embora seja simplista dizer que a democracia ateniense foi a causa da emergência da felicidade como um novo e aparentemente atingível humano, foi em Atenas, na Atenas democrática, que pela primeira vez indivíduos adotaram essa grande e sedutora meta, atrevendo-se a sonhar em buscar a felicidade para si (MCMAHON, 2006, p. 39).

Sócrates da Atenas associa felicidade a virtude e a racionalidade, estabelecendo um filtro da razão para se alcançá-la: "Tudo aquilo que diz respeito à alma quando submetido à razão, conduz à felicidade" (CARVALHO,

2010, p. 29). Contudo, para se atingir a felicidade maior, há que preferir os prazeres menores.

Já no pensamento platônico, a felicidade está intimamente ligada às formas Bem e Belo (PEREIRA, 2007). Todavia, Sócrates e Platão desempenharam um papel fundamental na criação do conceito de felicidade como um desejo natural e inato no ser humano. A felicidade está ao alcance de todos e através da disciplina dos desejos cada ser humano pode encontrá-la. Indo de encontro ao pensamento dos poetas épicos que haviam aceitado que a felicidade era controlada pelos deuses, destino ou sorte (MCMAHON, 2006).

Para Silva (2011, p. 22) Sócrates relacionava a felicidade como algo maior que vai além da pura satisfação dos sentidos e desejos:

A felicidade é uma força poderosa, a soma de todos os desejos, e essas eram as aspirações de Sócrates e Platão. Quem define o desejo é Eros, o mais honrado dos deuses, e poderoso para aquisição da virtude e felicidade entre os homens, uma união entre o divino e humano, algo bem perto do que propunha Platão e Sócrates.

Aristóteles pregava que o mais importante fator que determina a felicidade do indivíduo é o seu comportamento. “A chave para a felicidade que o ser humano possa vir a obter da vida reside na sua capacidade de ação, de controlar o destino” (PEREIRA, 2007, p. 16). Para tanto também reflete que a felicidade humana é “atividade da alma em conformidade com a excelência ou, se houver mais do que uma excelência, em conformidade com a excelência melhor e mais completa” (WHITE, 2009, p. 112).

O bem maior da existência humana é a felicidade, de acordo com Aristóteles, para tanto o indivíduo deve viver de acordo com a razão e ser um bom ser humano, para ser feliz, associando “ser bom” a “ser feliz”. “Contudo, em claro contraste com Sócrates e Platão, Aristóteles postula que a felicidade reside na obtenção e manutenção de certas qualidades que se materializam no mundo físico” (PEREIRA, 2007, p. 16).

Aristóteles também coloca a virtude (qualidade que provém da razão) no centro da busca pela felicidade, contudo, também considera que a fortuna e o acaso têm um papel importante na sua obtenção, além o meio pelo qual nasce o sujeito e outras características, a saber:

Uma vez que o nascimento, a aparência física ou a sorte são características que não podem ser determinadas pelo ser humano. Educar o indivíduo para a virtude é o melhor meio de lhe assegurar o alcance da felicidade [...]. A Aristóteles, devido à sua influência no

pensamento ocidental, pode ser conferido o mérito de reservar à busca da felicidade um lugar de destaque na existência humana (PEREIRA, 2007, p. 17).

Contudo, Aristóteles chama atenção que não seria o acúmulo de bens e riquezas que traria a felicidade, pois ela “não se encontra nos bens externos”. Ele relacionava os valores e a cultura de uma sociedade à Felicidade: “a felicidade consiste numa certa maneira de viver, no meio que circunda o homem, nos costumes e nas instituições adotadas pela comunidade à qual pertence” (CARVALHO, 2010, p. 29).

Enquanto que o estoicismo “parte do princípio de que o universo seria de natureza racional” (CARVALHO, 2010, p. 29) e que o homem estaria “com sua capacidade de pensar, falar e planejar, nele inserido” (p. 29). Então, o homem deveria manter o equilíbrio do universo através da racionalidade. No entanto, o epicurismo postula que a “arte de gozar a vida, é também a arte da felicidade” (COMTE-SPONVILLE, 2006, p. 29).

Também Epicuro o pai do epicurismo aconselha a contenção do desejo como remédio para atingir a felicidade. O epicurismo, longe de defender o gozo ilimitado do prazer, valoriza os prazeres comedidos e restringidos a um mínimo. Faz recair no ser humano a responsabilidade pela sua própria felicidade, predica que o destino e a sorte são controláveis pelo ser humano, sendo este quem detém poder sobre a sua própria felicidade. Segundo Epicuro, o Homem é atraído para o prazer porque isso faz parte da sua natureza, tal como também é inato ao ser humano o afastamento de qualquer fonte de dor ou sofrimento. Por isso, o Homem não deve lutar contra a sua natureza, mas deve confiar na virtude como caminho para a felicidade (PEREIRA, 2007, p. 17).

Segundo Pereira (2007) Zeno o pai do estoicismo (ideologia que propõe se viver de acordo com a lei racional da natureza e aconselha a indiferença – apatheia - em relação a tudo que é externo ao ser) aconselha seus seguidores a viverem em harmonia com a Natureza através da virtude. “Ao viver virtuosamente, o indivíduo organiza a sua vida de acordo com a ordem natural do mundo e é desta correspondência que advém a felicidade” (p. 17).

Os debates filosóficos confundem-se com os da felicidade, da condição humana, dos desejos e da sorte. E um desses debates está na Carta sobre a Felicidade (Ver Anexo 5) que Epicuro escreve a Meneceu, um de seus discípulos, sendo o primeiro documento a relatar a conduta humana no alcance da “saúde do espírito”, veja um pequeno trecho (EPICURO, 2002, p. 23-51):

Epicuro envia suas saudações a Meneceu. [...] É necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e, sem ela, tudo faremos para alcançá-la. Pratica e cultiva então aqueles ensinamentos para que sempre ti transmiti, na certeza de que eles constituem os elementos fundamentais para uma vida feliz [...]. Consideramos também que, dentre os desejos, aos que são naturais e os que são inúteis; dentre os naturais há uns que são necessários e outros, apenas naturais; dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para felicidade, outros, para o bem estar corporal, outros ainda, para a própria vida. E o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo [...]. É por essa razão que afirmamos que o prazer é o início e o fim de uma vida feliz [...]. Consideramos ainda a auto-suficiência um grande bem; não que devamos nos satisfazer com pouco, mas para nos contentarmos com este pouco caso não tenhamos o muito, honestamente convencidos de que desfruta melhor a abundância os que menos dependem dela; tudo que é natural é fácil de conseguir; difícil é tudo que é inútil[...]. De todas essas coisas a prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria filosofia; é dela que originaram todas as demais virtudes; é ela que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça, e que não existe prudência, beleza e justiça sem felicidade. Porque as virtudes estão intimamente ligadas à felicidade, e a felicidade é inseparável delas [...]. Medita, pois, todas estas coisas e muitas outras...

A carta de Epicuro a Meneceu aborda, sobretudo, a ética, como sendo “a condição primeira de uma conduta feliz”. Tratando dos desejos e evidenciando o prazer (GOMES, 2003, p. 156 *apud* SILVA, 2011). De acordo com McMahon (2006) o prazer deve ser visto como algo mais profundo do que os desejos imediatos dos homens. Com relação ao o que realmente os seres humanos precisam Tomas Carlyle indica “uma comunidade unida e próxima, um trabalho significativo, uma ideia de Deus”.

Contudo, enquanto que na Antiguidade Clássica recomendava-se evitar o sofrimento como condição para a felicidade, no cristianismo o sofrimento já é visto como o caminho para a felicidade eterna. “Aquele que sofre por amor de Deus considera-o, não uma punição, mas um privilégio” (PEREIRA, 2007, p. 19).

A visão judaica é contrastante da cristã, na medida em que as dificuldades e as provações constituem para a primeira, sinal de pecado e para a segunda, prova da proximidade de Deus. O protestantismo aproximou-se ideologicamente da primeira, enquanto o catolicismo se assemelha à segunda. De acordo com a Bíblia, a felicidade do Homem encontra-se na relação certa com Deus. Ou seja, crer em Deus, quer para uma nação, quer para o indivíduo, é fonte de felicidade e realização pessoal (PEREIRA, 2007, p. 20).

A felicidade, *makarios* em grego, “também foi a palavra escolhida pelos judeus helenizados do século II a.C” (MCMAHON, 2006, p. 93). “Com o significado de “feliz” ou “bem-venturado”, *asher* é o termo usado no chamado Ashrel, as beatitudes hebraicas espalhadas pelos vários livros da Bíblia” (p. 93). É o termo utilizado no antigo testamento.

O conceito de felicidade ao longo do tempo teve suas alterações, assim como o homem e a sociedade.

Não há um conceito de felicidade sereno e imutável, pois sendo algo que define o ser humano, é também ele, efêmero e transitório. As ideias mais importantes sobre a felicidade e as dificuldades sentidas em definir o conceito, estavam já presentes nos pensadores da antiguidade clássica e a maior parte das questões filosóficas subsequentes acerca da felicidade foram investigadas com base naqueles (PEREIRA, 2007, p. 59).

O que se vê na história do Homem é que a busca pela felicidade está em coisas terrenas, que por vezes são boas, mas não satisfazem. Pereira (2007) lembra que um dos significados associados à felicidade está na ideia de prosperidade e fortuna, “nomeadamente no que diz respeito ao aspecto material da vida” (p. 21). Porém essa confusão se faz comum devido à frequente comparação de que “quem é próspero tem, à partida, todas as condições para ser feliz. No entanto, sabe-se empiricamente que nem sempre é isso que sucede” (p. 22).

De acordo com Pereira (2007), Adam Smith em *The Theory of Moral Sentiments* “acreditava que a felicidade está ligada à virtude e à sobriedade e não à acumulação de bens materiais, esta ilusão tem o aspecto positivo de motivar a expansão da prosperidade e do desenvolvimento tecnológico e econômico” (p. 37-38).

No mundo contemporâneo, confunde-se frequentemente o conforto material e a abundância, com felicidade esse associação é consensualmente aceita. O problema maior está em até que determinada altura o significado do primeiro se ascende sobre os outros (PEREIRA, 2007).

Contudo, a busca pela felicidade, mesmo em pleno século XXI, persiste como um dos principais objetivos da vida. E mesmo sendo alterado ao longo do tempo, o conceito de felicidade até hoje está em construção. O qual se iniciou a partir dos desejos dos deuses, e depois pela entrega ao deleite dos prazeres, o que se observa é que passa do celestial para ser controlado pelos homens.

Longe de ser imutável e estático o conceito de felicidade e a própria felicidade em si estão, sobretudo ligados ao homem, a sua evolução e a sua complexidade.

4.2 A FELICIDADE INTERNA BRUTA (FIB): conceito que comunga com o decrescimento

Apesar de ser algo subjetivo, a felicidade; difícil de caracterizar e unificar, com tanta simplicidade, mas também amplitude; passou por inúmeras discussões e filosofias, chegando a muitas indefinições, mas o que mostra unânime nessas discussões é o fato de que “todos a desejam, cada um a sua maneira, cada um com suas expectativas, sonhos e esperanças que se projetam ao que seria um momento feliz” (SILVA, 2011, p. 30).

A felicidade como sendo um estado de plenitude, satisfação e equilíbrio, a qual tem em si o significado de bem-estar espiritual ou paz interior. E, sobretudo, a razão maior da vida, “existe lógica no fato de os governos terem como prioridade, tal como o rei de Butão, desenvolver, implementar e melhorar as condições que a favoreçam, de forma cada vez mais elevada” (CARVALHO, 2010, p. 19).

Sendo assim, como forma de definir a natureza da felicidade e/ou que tipo de comportamento ou estilo de vida pode levar à felicidade plena, vale observar o conceito de Felicidade Interna Bruta (FIB), que é um indicador sistêmico, que se mostra como uma alternativa complementar a outras medidas de riqueza de um lugar, o qual busca medir além do mero desempenho econômico (LUSTOSA, s.d.).

Conforme Carvalho (2010) o conceito de Felicidade Interna Bruta foi desenvolvido no Butão, um pequeno país do Himalaia, sob o seguinte propósito:

Era uma vez um jovem e bondoso rei, de um país muito distante chamado Butão, que, preocupado com o bem-estar de seu povo, declarou que a razão de ser do seu governo seria proporcionar felicidade a seus súditos. Assim, fez constar na constituição do seu reino que o Estado e o Governo teria essa – a felicidade do povo – como principal finalidade, e que as políticas públicas e ações do governo deveriam ser estabelecidas e desenvolvidas de acordo com esse nobre propósito (CARVALHO, 2010, p. 16).

Preocupado com a felicidade do povo, esse rei – Jigme Singye Wangchuck – recém saído da adolescência, convidou os sábios de todos os reinos para desvendar o que leva as pessoas a sentirem-se felizes, contudo chegaram a conclusão de que ninguém pode determinar se Outro é ou não feliz sem levar consigo, além de um julgamento, seus valores, princípios e preferências. Para tanto, era necessário saber o que as fazia felizes, para então implementar políticas públicas para esse fim (CARVALHO, 2010).

Então por meio de técnicas desenvolveram um método para saber o que faz as pessoas se sentirem felizes, além da deliberação pública, com a discussão ampla e opinião de todos, passou a definir os objetivos para o país através da cidadania esclarecida (CARVALHO, 2010). A partir daí a atenção e os recursos do reino passaram ser utilizados na busca da felicidade do povo. Propondo não apenas a buscar a riqueza, mas a felicidade geral do reino.

Agora reconhecido por todo o mundo pela felicidade de seu povo e pela mentalidade de seu rei, o pequeno reino do Butão, situado nas encostas do Himalaia, declarou, em 1972, como prioridade do país a felicidade da população como o objetivo maior a ser alcançado e com o apoio do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), criou a expressão “Felicidade Interna Bruta” – FIB (em inglês GNH – Gross National Happiness), “um novo conceito para determinar o desenvolvimento de uma nação, país ou comunidade” (SILVA, 2011, p. 40). E em discurso de coroação o 4º Rei do Butão, Wangchuck enfatizou: “Felicidade Nacional Bruta é mais importante do que o Produto Interno Bruto”.

[..] Para o rei, levar em conta o FIB significa a criação de uma sociedade iluminada, na qual a felicidade e o bem estar de todas as pessoas e de todos os seres vivos é o propósito primordial da governança. Com o passar do tempo, FIB passou de um desejo ou uma filosofia para se tornar uma política pública, que a cada dia cresce e germina frutos pelo mundo afora (SILVA, 2011, p. 43).

Para tanto, apesar dos modelos tradicionais de desenvolvimento terem como principal objetivo o crescimento econômico, em contrapartida o FIB tem seu princípio na felicidade que advém do desenvolvimento espiritual e do desenvolvimento material, de modo simultâneo., como um guia para o desenvolvimento do país. Diante dessa nova perspectiva, o FIB foi gerado de modo a “demonstrar cientificamente a felicidade e o bem estar de uma

população de forma mais profunda do que medidas apenas monetárias” (LOUETTI, 2007, p. 35). Como aconteceu no Butão, após a declaração do FIB:

A sua declaração foi seguida por atos concretos, pois, ao longo de seu governo, as políticas públicas e a legislação foram estabelecidas como suporte a esse seu propósito de governo. Sua inédita abordagem, de administrar um país em função de indicadores relacionados à felicidade do povo, despertou interesse internacional, de modo que, muitos em outros países, passaram a considerar a Felicidade como uma possível meta coletiva para uma nação e a estudar as relações entre Desempenho Econômico (DE) e Felicidade (Bhutan, The Centre for Bhutan Studies) (CARVALHO, 2010, p. 38).

Sendo assim, o FIB é visto como uma nova fórmula para medir o progresso de uma comunidade ou nação, considerando outros aspectos além do econômico, fatores como a conservação do meio ambiente e a qualidade da vida das pessoas, se baseia na premissa de que o principal objetivo de uma sociedade “não deveria ser somente o crescimento econômico, mas a integração do desenvolvimento material com o psicológico, o cultural e o espiritual – sempre em harmonia com a Terra” (LUSTOSA, s.d., p. 3).

Subjetivamente, felicidade é um bem público que todos os seres humanos valorizam e desejam. Por isso, o governo do Butão considera que qualquer nação preocupada com a felicidade deve criar condições favoráveis para que seja incorporada aos esforços individuais, além de serem agregadas às decisões governamentais para gerar uma coletividade feliz. Nesse contexto, as políticas públicas são necessárias para se educar os cidadãos sobre a felicidade coletiva. Naturalmente, as pessoas podem fazer escolhas erradas que as afastam da felicidade, mas os quadros e as metas políticas ajudam a reduzir esses riscos e estimulam que todos juntos possam trabalhar no sentido de se buscar ajustes que favoreçam a todos. Uma economia que visa crescimento a qualquer preço, ou é implementada em detrimento de perdas socioambientais, pode resultar em ganhos econômicos, mas em fracasso no que tange à incapacidade de se promover a realização dos desejos das pessoas. Uma economia ética pressupõe ganhos para todas as vertentes, sejam elas sociais, ambientais ou econômicas (SILVA, 2011, p. 45).

Desse modo, a filosofia do FIB, é, portanto ético, uma vez que encoraja as pessoas a verem todos os aspectos da vida como interdependentes e a elas mesmas umas das outras. Sendo assim, para o alcance da felicidade coletiva, é preciso observar o princípio da interdependência que deve ser assumida por todos (SILVA, 2011).

Defendido pela a Constituição do Butão, o FIB funciona como árbitro das políticas públicas do Estado e o Governo, e para facilitar essas implementação, foi fundado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD, o Centro para Estudos do Butão (CEB) que

desenvolve políticas, programas e alocações orçamentárias. Foi o Centro de Estudos do Butão que construiu índices de avaliação para a Felicidade Interna Bruta, em projetos de políticas que servem para apontar as áreas de fraqueza e de fortaleza (CARVALHO, 2010). Esses índices assim funcionam:

O senso de propósito comum é incorporado em um conjunto coerente de indicadores, o que permite que homens e mulheres comuns possam acompanhar e monitorar os seus dirigentes, verificando se as metas propostas estão sendo cumpridas. Os indicadores auxiliam na construção da visão do que é esperado pela coletividade, o que resulta em estímulo à participação cidadã do povo butanês, construindo uma noção de pertencimento e engajamento ao longo do tempo. Os indicadores escolhidos possuem dimensões objetivas e subjetivas da vida do cidadão. A construção de um índice deve dar peso igual para aspectos funcionais da sociedade humana, como a percepção das pessoas sobre sua própria segurança, que pode ser tão importante quanto às estatísticas sobre a criminalidade e a violência de uma região. Dessa forma, pode-se obter um equilíbrio entre as informações objetivas e subjetivas, umas complementando as outras. A interação da autopercepção, juntamente com estatísticas objetivas, portanto, proporcionam uma imagem mais precisa do bem estar social. Os indicadores oferecem, assim, uma riqueza mais ampla das informações pela inter-relação das dimensões que as complementam (SILVA, 2011, p. 44).

Comparado a indicadores convencionais o FIB traz ampla representação do bem estar por avaliar uma gama de dimensões como economia, cultura, ambiente e indicadores sociais variados, e a felicidade e o bem estar como sendo modos de ser afetados pela própria dinâmica da vida, os novos indicadores do FIB emergem como um catalisador de mudanças em prol do bem estar humano e do próprio desenvolvimento (CARVALHO, 2010). E a construção desses novos indicadores se torna um eixo importante na formulação de parâmetros de medição na realidade atual do planeta.

Para tanto, faz saber quais são esses novos indicadores que foram formulados para tornar o desenvolvimento mais harmonioso, baseados em quatro pilares que o sustentam o FIB como economia, cultura, meio ambiente e boa governança. Contudo, os indicadores do FIB incluem nove dimensões fundamentais para a felicidade, que possuem igual relevância e importância na medida do bem estar (SILVA, 2011). São elas:

QUADRO 1 – Indicadores do FIB (Felicidade Interna Bruta)²³

Indicador	Abordagem
Bem-Estar Psicológico	Avalia o grau de satisfação e de otimismo que cada indivíduo tem em relação a sua própria vida. Inclui a prevalência de taxas de emoções tanto positivas quanto negativas, e analisa a auto-estima, sensação de competência, estresse, e atividades espirituais.
Saúde	Avaliam o status de saúde da população, os fatores determinantes da saúde e o sistema de saúde em si. Inclui a auto-avaliação da saúde, invalidez, as limitações para atividades e a taxa de dias saudáveis. Além de incluir padrões de comportamento arriscados, exposição a condições de risco, status nutricional, práticas de amamentação e condições de higiene. O sistema de saúde, que inclui tanto o sistema ocidental quanto o nativo, é medido a partir do ponto de vista da satisfação do usuário em diversas dimensões, tais como amabilidade do provedor, competência, tempo de espera, custo, distância etc.
Uso do tempo	O uso do tempo é um dos mais significativos fatores na qualidade de vida, especialmente o tempo para lazer e socialização com família e amigos. A gestão equilibrada do tempo é avaliada, incluindo tempo no trânsito, no trabalho, nas atividades educacionais etc.
Vitalidade comunitária (Pertencimento)	Foca nos relacionamentos e interações nas comunidades. Examina o nível de confiança, a sensação de pertencimento, a vitalidade dos relacionamentos afetivos, a segurança em casa e na comunidade, a prática de doação e de voluntariado.
Educação	A educação contribui para o conhecimento, valores, criatividade, competências, capital humano e sensibilidade cívica dos cidadãos. Um domínio tal como o da educação não tem por objetivo meramente medir o sucesso da educação por si, e sim tentar avaliar a eficácia da educação quanto a se trabalhar em prol da meta do bem estar coletivo. Leva em conta vários fatores como participação em educação formal e informal, competências, envolvimento na educação dos filhos, valores em educação, educação ambiental etc.
Cultura (diversidade e resiliência cultural)	Avalia as tradições locais, festivais, valores nucleares, participação em eventos culturais, oportunidades de desenvolver capacidades artísticas, e discriminação por causa de religião, raça ou gênero. Além da manutenção das nossas tradições culturais. O indicador estima valores nucleares, costumes locais e tradições, bem como a percepção de mudanças em valores e tradições.
Meio ambiente (diversidade e resiliência ecológica)	Mede a percepção dos cidadãos quanto a qualidade da água, do ar, do solo, e da biodiversidade. Os indicadores incluem acesso a áreas verdes, sistema de coleta de lixo etc. Além de focar no estado dos nossos recursos naturais, nas pressões sobre os nossos ecossistemas, e nas diferentes respostas de gestões, o domínio da diversidade e resiliência ecológica descreve o impacto do suprimento doméstico e a demanda nos ecossistema.
Governança (Boa governança)	Avalia como a população enxerga o governo, a mídia, o judiciário, o sistema eleitoral, e a segurança pública, em termos de responsabilidade, honestidade e transparência. Também mede a cidadania e o envolvimento dos cidadãos com as decisões e processos políticos.
Padrão de vida	Avalia os níveis de renda individual e familiar, mede a segurança financeira, o nível de dívidas, a qualidade das habitações etc.

Fonte: www.felicidadeinternabruta.org.br/. Acesso em 05 Abr. 2013.

²³ Para testar sua Felicidade Pessoal, Ver Anexo 6.

É baseado nessas dimensões que o Butão, mesmo sendo um país economicamente pobre, guiado pela busca da felicidade, consegue educar bem, dá saúde a todos, ser organizado, seguro e belo (CAVALCANTI, 2013). Demonstrando que o caminho pelo qual trilhou para a felicidade não é utópico, mas existe de fato.

Contudo, o FIB além de incluir atividades não monetizadas ainda aborda de forma integral outros fatores de desenvolvimento de um país, região ou comunidade por incorporar atividades que visam não somente o econômico, mas sobretudo o bem-estar da vida humana. Essa é uma proposta que autores como Clovis Cavalcanti discute como proposta para substituir o PIB (Produto Interno Bruto) como o objetivo do desenvolvimento a um nível planetário.

5 A METODOLOGIA, O LUGAR E A ANÁLISE DOS DADOS

“A cidade é o único lugar em que se pode contemplar o mundo com a esperança de produzir um futuro”.
Milton Santos

Na primeira parte deste capítulo, apresenta-se o delineamento da pesquisa e sua localização, sendo discutido um pouco a respeito da cidade de Juazeiro do Norte-CE na qual a pesquisa foi realizada, bem como a fonte de dados utilizada para a coleta, os dados qualitativos foram obtidos através da técnica de grupo focal em pesquisas sociais realizado na Escola E.E.P. Aderson Borges de Carvalho (Liceu-Juazeiro). Na segunda parte, estão as análises dos resultados da pesquisa de campo, que buscou perceber a Felicidade Interna Bruta (FIB) em Juazeiro do Norte-CE, por meio de seis dos nove índices utilizados no Butão, fazendo uma reflexão com o conceito de decrescimento.

5.1 Procedimentos Metodológicos

5.1.1 Delineamento da pesquisa

A presente dissertação objetiva refletir o conceito de decrescimento econômico, que possui parâmetros que mutualmente se reforçam sintetizados num “círculo virtuoso” de oito “erres” (reavaliar, reconceituar, reestruturar, redistribuir, realocar, reduzir, reutilizar, reciclar) capazes de desencadear um processo de decrescimento sereno, convivial e sustentável, para tanto utilizou-se o conceito de Felicidade Interna Bruta (FIB) e seis de suas nove dimensões como meio metodológico para análises de falas e discussões dos sujeitos, tendo em vista o conceito de decrescimento econômico como uma forma de proporcionar o desenvolvimento regional sustentável na cidade de Juazeiro do Norte-CE.

Para embasar teoricamente o trabalho, foi efetuado um levantamento das fontes bibliográficas que contribuiriam para aumentar a literatura a respeito dos conceitos abordados no trabalho, bem como no aprofundamento sobre o

conceito de decrescimento econômico e Felicidade Interna Bruta como meio para se chegar ao desenvolvimento regional sustentável, sobretudo por meio de uma reflexão sobre o modelo de desenvolvimento praticado e aquilo que decrescimento propõe, a mudança de paradigma econômico e de reintrodução de uma preocupação ecológica no âmbito local. No levantamento bibliográfico, além de livros foram utilizadas fontes da Internet, bem como artigos publicados em revistas ou eventos científicos.

A pesquisa tem natureza qualitativa/exploratória, buscando compreender as diversas transformações no processo de desenvolvimento do homem, na busca de refletir sobre o conceito de decrescimento econômico sustentável como utopia capaz de mudar o paradigma econômico de uma região, sobretudo para a cidade de Juazeiro do Norte-CE.

A metodologia aplicada foi um estudo descritivo, do tipo levantamento, contudo a pesquisa utilizou também como procedimento de coleta de dados, a técnica do grupo focal de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas, com o propósito de ampliar a sua utilização e promover os participantes como sujeitos ativos na pesquisa, além de estimular o pensamento livre do entrevistado sobre algum tema, é uma técnica com ausência de medidas numéricas e análises estatísticas, não existe a preocupação em projetar resultados exatos e o número de entrevistados geralmente é pequeno varia de 7 a 12 pessoas (GOMES, 1999), onde “o objetivo central do grupo focal é identificar percepções, sentimentos, atitudes e idéias dos participantes a respeito de um determinado assunto” (DIAS, s.d., p. 03).

O objetivo principal de um grupo focal é revelar as percepções dos participantes sobre os tópicos em discussão [...]. As pessoas são convidadas para participar da discussão sobre determinado assunto. Normalmente, os participantes possuem alguma característica em comum. Por exemplo: compartilham das mesmas características demográficas tais como nível de escolaridade, condição social, ou são todos funcionários do mesmo setor do serviço público (GOMES, 1999, p. 1).

Em outras palavras, o grupo focal trata-se de uma entrevista em grupo na qual a interação configura-se como parte integrante do método. A técnica é composta de encontros grupais, buscando explorar os pontos de vistas dos participantes, “a partir de reflexões sobre um determinado fenômeno social, em seu próprio vocabulário, gerando suas próprias perguntas e buscando respostas pertinentes à questão sob investigação” (BACKES, 2011, p. 438).

Com isso, o grupo focal consegue atingir níveis reflexivos que outras técnicas não conseguem alcançar, revelando dimensões de entendimento que outras técnicas não conseguem demonstrar.

A pesquisa buscou perceber o real impacto do desenvolvimento na cidade de Juazeiro do Norte-CE nos últimos anos nos atores locais, além de avaliar o bem-estar dessa população por meio de seis indicadores do FIB (Felicidade Interna Bruta), pois apesar de ser nove os índices pesquisados pelo FIB, em especial na dinastia do Butão (Ver subseção 4.2 do Capítulo 4), para este trabalho foram abordados apenas seis desses índices, são eles: Saúde, Uso do tempo, Vitalidade comunitária (Pertencimento), Educação, Cultura e Padrão de vida, uma vez que abordar os nove índices seria demasiado para uma pesquisa dessa natureza, a qual tem sobretudo como finalidade refletir a questão do decrescimento econômico como um modelo viável para a cidade de Juazeiro do Norte-CE.

Desse modo, para a cidade de Juazeiro do Norte-CE abordar os índices de Saúde, Educação e Padrão de Vida se tornam a base para a felicidade de qualquer indivíduo residente nesse lugar, além do índice do Uso do tempo para tentar perceber a qualidade de vida, especialmente o tempo para lazer e socialização com família e amigos se mostra relevante para a pesquisa, o índice de Vitalidade comunitária, que além de comungar com a questão do pertencimento do indivíduo ao lugar em que vive é também uma premissa básica para se dá a realocação da produção presente no conceito de decrescimento, e finalmente o índice da Cultura, que buscará perceber as tradições do lugar, a valorização e a manutenção da identidade local, ponto importante para o decrescimento no que tange ao resgate dos valores. Além de refletir sobre as propostas do decrescimento econômico da melhor forma possível a fim de verificar a real possibilidade de mudança de paradigma.

Além desses índices foram discutidas também, com os sujeitos, as dimensões da sustentabilidade abordadas por Sachs (2007 *apud* CHACON, 2007) que devem estar presente em qualquer esforço de se planejar um desenvolvimento de fato sustentável de forma social, econômica, ecológica, espacial, cultural, são também as dimensões para um desenvolvimento socioeconômico equitativo. Para tanto, apesar de complementares, na

pesquisa foram abordadas apenas quatro dessas dimensões, foram elas: Econômica, ambiental, social e cultural.

Pois é preciso um olhar crítico na região para identificar os impactos positivos e negativos provenientes de processos de desenvolvimento ocorridos, sobretudo na cidade de Juazeiro do Norte (Ver subseção 5.1.2 deste Capítulo). Para tanto, vale observar se a esse processo estão vinculados alguns aspectos relacionados à sustentabilidade. Para tanto, observar essas dimensões na cidade de Juazeiro do Norte-CE mostra-se relevante para o desenvolvimento dessa pesquisa, essas dimensões, que são complementares e inseparáveis, estão relacionadas abaixo:

QUADRO 2 – As Dimensões da Sustentabilidade

Sustentabilidade Social	<p>- Viabiliza uma sociedade mais justa, que diminua as diferenças entre ricos e pobres, principalmente redistribuindo renda e bens; Sachs aborda a suas preocupações com o desenvolvimento e o papel do homem nesse processo, como protagonista ou como vítima, envolvendo a vida humana na terra, percebendo que o conceito de desenvolvimento está ligado à esfera da ética e não da economia visando a liberação de personalidade humana, de todos os homens e deveria apoiar-se, um dia, mais sobre um controle social do consumo.</p>
Sustentabilidade Econômica	<p>- Leva a uma alocação mais eficiente dos recursos, inclusive entre as nações e deve ser medida em termos macrossociais, e não apenas no âmbito das empresas;</p> <p>E segundo Chacon, a ideia de planejamento casa perfeitamente com a ideia de fortalecer o local, a participação, o engajamento da população-alvo da tentativa de desenvolvimento. E este processo eminentemente político e que exige um tratamento interdisciplinar por parte dos planejadores. O planejamento do desenvolvimento deve também considerar a solidariedade entre gerações e com isso ter em mente as restrições ecológicas.</p>
Sustentabilidade Ecológica	<p>- Para alcançá-la deve-se: usar de forma responsável o potencial de recursos da Terra; limitar o uso de recursos não renováveis e aumentar o uso adequado de recursos renováveis; diminuir a poluição e aumentar a reciclagem; conscientizar para a limitação do consumo por países e indivíduos; aumentar as pesquisas para descobrir tecnologias limpas; normatizar, institucionalizar e instrumentar a proteção ao meio ambiente;</p> <p>O Leff ressalta um ponto fundamental: a gestão ambiental local parte do saber ambiental das comunidades. E esse saber se forma ao longo da história, a partir de formas de manejo sustentável dos recursos locais, além das formulações simbólicas e das práticas sociais apreendidas pela troca de saberes entre gerações. Esses valores não podem ser perdidos sob pena de se perder a chance não só de valorizar adequadamente a biodiversidade, como também de redefinir o papel de cada um nesse processo, dando o devido valor a diferença cultural.</p>

<p>Sustentabilidade Espacial/Institucional</p>	<p>- Conseguida através de um equilíbrio entre as zonas rurais e urbanas, distribuindo melhor por estas as atividades econômicas e humanas. De acordo com Bursztyn, particularizando para o Brasil a análise do papel do Estado como indutor de novas práticas sustentáveis, do ponto de vista institucional, as políticas ambientais no Brasil são caracterizadas por alguns problemas básicos relativos à degeneração das instituições públicas, à cultura burocrática do aparelho do Estado, à fragilidade dos instrumentos e a carência de meios, e problemas de natureza política;</p> <p>Um levantamento rápido de como o Estado encaminhou as questões ambientais nacionalmente atesta a fragilidade das instituições diante do poder político, as instituições são extintas, mutiladas ou modificadas, enfraquecendo continuidade de políticas. Segundo Chacon, a ideia é convencer a classe trabalhadora sobre a sua responsabilidade, conclamando-a a arcar com o ônus da devastação causada pelo processo de acumulação capitalista viabilizado pela industrialização, que resultou na devastação ambiental. O poder público em suas várias instâncias vem-se adaptando e usando esse novo discurso para continuar fortalecendo um sistema hegemônico de produção que se sofisticava cada vez mais e, na mesma medida, destrói boa parte do ambiente e da sociedade, que deveria ser sua razão de existência e a ética do desenvolvimento sustentável deve ser a ética do encontro, de enfatizar a necessidade de difundir claramente a real motivação para que se cuide da terra e de todos os seres vivos, e especialmente do ser humano.</p> <p>Isto é, a necessidade de superação da visão utilitarista e simplista que comandou o progresso da civilização moderna, e a adoção de uma visão ampliada que permita uma mudança essencial de atitude: o homem se vendo como parte de uma espécie, dialogando, com mútua responsabilidade de cada um e por todos e pelo lugar que habita, com respeito à alteridade e à vulnerabilidade de cada ser.</p>
<p>Sustentabilidade cultural</p>	<p>- Promover o desenvolvimento local, levando-se em conta os saberes locais;</p> <p>Conhecer a tradição e valorização da cultura global sem esquecer o local faz parte da interdisciplinaridade e abre um leque de possibilidades para a inclusão social das gerações futuras daquele grupo que talvez não foi possível até hoje.</p> <p>É possível tentar em uma de suas dimensões um elo de participação de sujeitos invisíveis na sociedade e tão importantes no nosso dia a dia.</p> <p>A cultura por sua vez, como um viés do desenvolvimento em suas dimensões é vista como a demonstração da vida humana em sociedade. Diz respeito a tudo que distingue a vivência social de um povo anunciando aquilo que une e diferencia os costumes de um local e outro.</p>

Fonte: CHACON, 2007.

Enfim, a pesquisa tem uma finalidade básica, pois não visa aplicabilidade imediata, objetiva apenas um estudo aprofundado do tema proposto.

5.1.2 Localização da pesquisa

5.1.2.1 A Região Metropolitana do Cariri Cearense e a cidade de Juazeiro do Norte-CE

A Região Metropolitana do Cariri (RMC) Cearense foi criada por uma Lei Complementar Estadual nº 78, de 29 de junho de 2009, surgiu a partir da interligação entre os Municípios de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha, denominada Crajubar. Somando-se a eles, as cidades limítrofes situadas no Cariri cearense: Caririaçu, Missão Velha, Farias Brito, Jardim, Nova Olinda e Santana do Cariri. Juazeiro, pelo seu desenvolvimento, se destaca neste contexto (SANTOS, 2011).

Localizada ao Sul do estado do Ceará, tem se destacado em termos econômicos, em comparação as demais regiões do Estado, recebeu esse nome por ocasião das tribos indígenas Kariri que ali habitavam à época dos aldeamentos, o Cariri Cearense também é rico em diversidade cultural e tradicional. Tendo a cidade de Juazeiro do Norte como uma das mais importantes cidades da região, a qual se desenvolveu em torno de oficinas, do trabalho manual e do artesanato. Está distante cerca de 563 km de Fortaleza, pela BR 116 (<http://www.juazeiro.ce.gov.br>).

Juazeiro do Norte é a maior cidade do interior cearense. Seu crescimento tem relação com o fortalecimento das pequenas manufaturas fomentadas pela descoberta de artistas locais que produziam produtos culturais e de cunho religioso ou tradicionalmente. Contudo, a cidade cresceu e mudou de feição, mas não esqueceu a sua tradição e devoção ao Padre Cícero, considerado santo por muitos e incentivador das pessoas a viverem do trabalho (QUEIROZ, 2008).

O Município de Juazeiro do Norte é um dos menores do Estado do Ceará. Sua área é de 249 km² (IBGE, 2010). Com os limites ao norte, com Caririaçu; ao sul, com Barbalha; a leste, com Missão Velha e a oeste, com Crato. A cidade está a 377 m em relação ao nível do mar. Tendo ponto mais elevado a Serra do Horto, onde foi erigido o Monumento do Padre Cícero, com 33 m de altura (25 m de estátua e 8 m de pedestal), o terceiro do mundo em

altura. Com o clima equatorial, tem temperaturas entre 22-34 graus, média de 28°. O município é banhado pelo Rio Salgadinho, que nasce em Crato.

Primeiramente, Juazeiro do Norte-CE iniciou-se como um lugarejo onde os cacheiros viajantes que descansavam debaixo de três pés de juás, de acordo com relatos populares, cidade essa que nasceu pela fé de um padre por nome de Cícero Romão Batista recém ordenado à época, nascido na cidade de Crato, conhecido por dividir com os pobres o pouco que tinha (QUEIROZ, 2008). Essa fé impulsionava ciclos migratórios de peregrinos logo batizados de romeiros que ao visitarem a cidade em determinados períodos do ano, por vezes acabavam fixando residência na cidade, trazendo sua força de trabalho e seus recursos financeiros, além de uma mistura de sotaques, culturas e crenças religiosas, características importantíssimas para a diversidade existente na cidade.

A cidade e a região em questão tiveram seu crescimento populacional como urbano impulsionado historicamente pelo dito fenômeno da hóstia, ocorrido em Juazeiro do Norte em 1889, que de acordo com os relatos regionais transformou-se em sangue na boca da beata Maria de Araujo. Tal fato desencadeou ciclos migratórios de peregrinos denominados de romeiros, praticamente de todos os Estados nordestinos, além de atrair turistas do Brasil e do Exterior, chegando a uma média anual de um milhão de visitantes. Os quais muitos ao visitarem a cidade em determinados períodos do ano em muitos casos acabavam fixando residência na cidade, levando consigo além da fé, sua força de trabalho e seus recursos financeiros. Elevando também a população tendo, segundo o censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010: 249.939 mil habitantes, sendo que a maior parte se concentra na zona urbana. A população de Juazeiro do Norte é bastante heterogênea. Sendo a população nativa representa por menos da metade desse total.

Outras duas cidades que tem destaque na Região Metropolitana do Cariri é a cidade de Barbalha e a cidade de Crato. Barbalha tem esse nome devido a uma homenagem a primeira moradora que era dona de uma rancho para acolher cacheiros viajante que ali passavam pela pequena cidade, até então conhecida pelos verdes canaviais e com uma grande riqueza cultural, produção de rapadura e cachaça. Crato foi a primeira cidade a receber uma

universidade e por muitos anos sendo a potencialidade na área da educação, a cidade foi habitada inicialmente pelos índios Kariris, e logo depois pelos jagunços da casa da Torre, da Bahia, em 1660, que estendia os tentáculos de suas fazendas de gado pelos sertões da Bahia, Pernambuco e Piauí (PEIXOTO, 2011).

De acordo com Queiroz (2008), a região em foco se caracteriza por potencialidades locais bastante diferenciadas das demais regiões do Estado, devido ao seu clima, a sua localização na Chapada do Araripe e por ser uma região que apresenta uma rica biodiversidade propícia ao desenvolvimento sustentável.

Desenvolvida em torno de oficinas, do trabalho manual e do artesanato, Juazeiro do Norte tem seu crescimento associado ao fortalecimento das pequenas manufaturas fomentadas pela descoberta de artistas locais que produziam elementos culturais e criativos de cunho religioso ou tradicionalmente heteronormativo (QUEIROZ, 2008).

Em termos comerciais e industriais a cidade de Juazeiro do Norte foi a primeira cidade do interior cearense a ter um shopping e possuir agências dos bancos mais importantes do País. O parque industrial é representado por indústrias de sandálias de plástico e couro, bebidas, refrigerantes, alumínio, alimentos, confecções, móveis, jóias, laticínio, entre outras. Apesar de está aberta a novas indústrias, o forte da cidade são as pequenas empresas, as chamadas empresas de fundo de quintal, e de pequenos comerciantes que formam a conhecida economia informal (<http://www.juazeiro.ce.gov.br>).

Um dos principais atrativos da cidade é a Colina do Horto, onde está à estátua do Padre Cícero, medindo 25 metros de altura e o Museu Vivo da Cultura popular Nordestina, o Santo Sepulcro, a Muralha da Guerra de XIV e a Via Sacra. O Santuário do Coração de Jesus, a Igreja Matriz Nossa Senhora das Dores e a Capela Nossa Senha do Perpétuo Socorro são outros pontos turísticos visitados pelos peregrinos. O Memorial do Padre Cícero abriga um acervo de fotos, batinas, objetos pessoais relativos à vida do padre (PEIXOTO, 2011).

Não se esquecendo das demais cidades que estão inseridas na região metropolitana do cariri como Santana do Cariri rica em calcário e cidade turística muito visitada pelas suas belezas naturais e algumas importantes

garimpagens de fósseis conhecidas e admiradas pelo mundo a fora, explorada pela pesquisa de todos os lugares, Nova Olinda um interior também possuidor de grandes riquezas culturais, Jardim considerada a cidade de clima mais frio na região tendo como riqueza elementos naturais muito explorados (PEIXOTO, 2011).

De acordo com Chacon (2007, p. 46) “é importante que abra um caminho que crie e recrie continuamente o seu espaço, aprendendo, testando e se renovando, mesmo sem se perceber”. Uma vez que a própria construção e reconstrução da “humanidade” dá abertura a esses novos caminhos e possibilidades. Contudo, o reconhecimento das potencialidades, acreditando-se nas potencialidades do local; como uma nova tarefa para ser feita em casa, buscando compreender melhor a própria construção política deste lugar, logo será possível repensar outras formas de desenvolvimento na região do Cariri cearense, em especial na cidade de Juazeiro do Norte.

Com a população chegando aos 253 mil habitantes em 2012, conforme o Juanorte apurou junto ao IBGE, a cidade tem acelerado seu crescimento nos últimos anos, ficando conhecida com a cidade que mais cresce no Ceará, “é uma das que mais se desenvolvem no País fora do litoral” (www.juanorte.com.br), atraindo não apenas novos investidores nacionais e estrangeiros, mas também novos moradores vindos de outros Estados do Nordeste.

Para o Juanorte, essa imigração é justificada pela atração que o progresso do Juazeiro está exercendo como novo pólo de desenvolvimento do Nordeste: terceiro maior pólo da indústria calçadista brasileira (depois de Franca-SP e Novo Hamburgo-RS), terceiro maior pólo joalheiro do País (depois de Limeira-SP e Guaporé-RS), principal portão de entrada no Nordeste central do Brasil com o Aeroporto Regional do Cariri, que mais cresce em movimento no País, maior centro comercial de automóveis e de motos do interior do Ceará, cidade que mais cresce em educação universitária no interior do Nordeste, já com 70 faculdades nos mais diversos campos do conhecimento, mais avançado centro de mídia do interior cearense com duas estações de televisão, mais dinâmico centro da construção civil no interior do Nordeste, ao ritmo de 20%, acima do Ceará e mais do que o dobro do Brasil, maior centro do artesanato brasileiro e capital brasileira da Literatura de Cordel. Sem falar que, ao lado do seu progresso extraordinário, Juazeiro permanece exercendo fascínio para milhões de brasileiros como principal centro do catolicismo popular da América Latina, recebendo 2,5 milhões de visitantes ao ano, graças à força carismática do Padre Cícero, o Santo do Nordeste (www.juanorte.com.br).

Considerada a “meca” dos nordestinos o Juazeiro do Norte tem se tornado referência em desenvolvimento com características peculiares por ter a religiosidade e o trabalho como marcas contínuas, a vinda de novas universidades tem provocado mudanças, pois um dos motivos para o crescimento populacional do município são os estudantes universitários que se deslocaram para a cidade. Tudo isso tem transformado Juazeiro do Norte, cidade que tem taxa de urbanização de 95,3%, em comparação com as cidades do triângulo CRAJUBAR (Crato, Juazeiro e Barbalha) é a que centraliza o desenvolvimento nas diversas áreas, econômica, política, cultural, universitária e desportiva da região (<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br>).

Daí os grandes empreendimentos que passaram a alavancar ainda mais o desenvolvimento do Juazeiro, ultimamente, como o Atacadão do Carrefour, o Atacadão do Walmart, o Hiper Bompreço e o expandido Cariri Shopping Center, agora o maior do interior do Nordeste e o 13º maior entre cerca de 50 shoppings de todo o Nordeste, fortalecendo o PIB juazeirense de R\$ 2 bilhões, o maior do interior do Ceará (www.juanorte.com.br).

O Município ganha milhões em investimentos, principalmente da iniciativa privada. Todos os anos, Juazeiro recebe cerca de 2 milhões de visitantes e turistas, principalmente fiéis do sacerdote tão amado pelos nordestinos. A cidade se espreme entre o velho e o novo. Os prédios começam a tomar as formas verticalizadas. As edificações são constantemente renovadas, diante do crescimento incontrolável (<http://www.caririnoticia.com.br>).

O mais recente progresso do Juazeiro foi a Universidade Federal do Cariri (UFCA), que passará a ser o novo símbolo do acelerado desenvolvimento da Metrópole e Capital do Cariri. Contudo, o crescimento também trás problemas e o município precisa estar preparado para enfrentá-los. (www.tribunadoceara.uol.com.br).

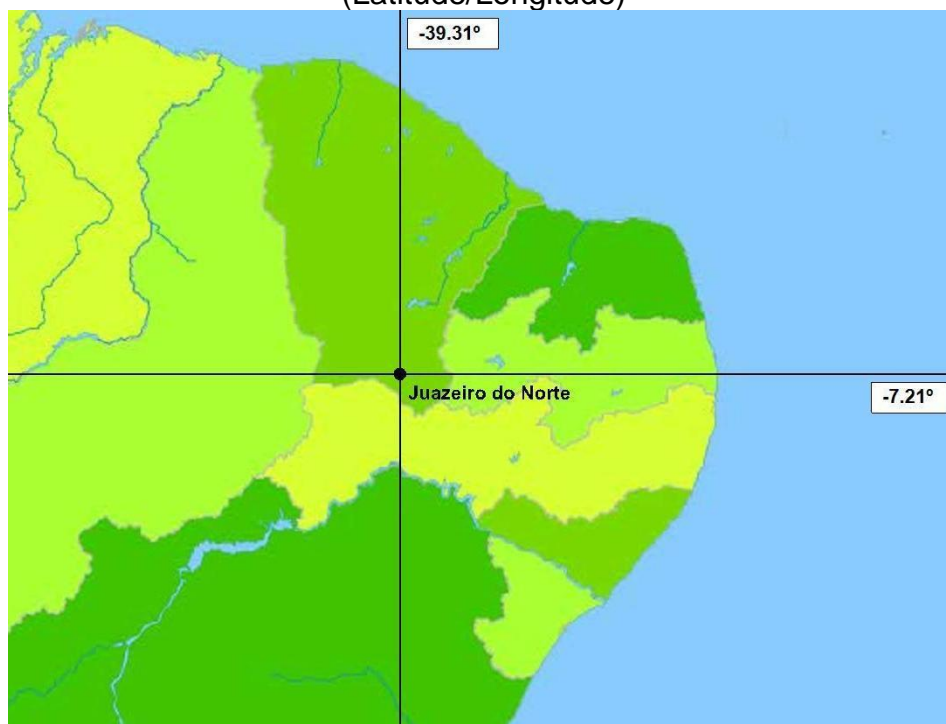
Portanto, é preciso um olhar crítico na região para identificar os impactos positivos e negativos provenientes dessas mudanças, sobretudo na cidade de Juazeiro do Norte. E para isso, vale observar se a esse desenvolvimento/crescimento está vinculado, sobretudo a uma vida feliz e sustentável.

FIGURA 1 – Localização da Região Metropolitana do Cariri (RMC) Cearense



Fonte: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE

**FIGURA 2 – Localização da Cidade de Juazeiro do Norte-CE
(Latitude/Longitude)**



Fonte: Site do IBGE (<http://www.ibge.gov.br>)

5.1.3 Fontes de Dados e coleta da pesquisa

A coleta de dados foi realizada na Escola E.E.P. Aderson Borges de Carvalho mais conhecida como Colégio Liceu de Juazeiro do Norte-CE foi criada em abril de 2001. Tendo em vista a sua localização na cidade de Juazeiro do Norte-CE, uma cidade com potenciais de desenvolvimento, vislumbrou a necessidade de uma instituição de ensino profissionalizante integrado ao ensino médio que viesse dar suporte às necessidades inerentes a jovens cidadãos formados para exercer uma profissão e aptos a conviver em sociedade, transformando assim o Liceu de Juazeiro do Norte-CE Aderson Borges de Carvalho em Escola Estadual de Educação Profissional Aderson Borges de Carvalho (<http://www.crede19.seduc.ce.gov.br>).

FIGURA 3 – EEEP Aderson Borges de Carvalho (Colégio Liceu) de Juazeiro do Norte-CE



Fonte: <http://www.crede19.seduc.ce.gov.br>

A escola tem os preceitos de uma educação voltada para a vida, unindo a teoria à prática. Além da missão de atuar com competência técnica e responsabilidade social, promovendo um ensino de qualidade fundamentado em valores éticos e morais com o intuito de formar jovens qualificados para o mercado de trabalho e preparados para o convívio em sociedade, vale ressaltar que a escola funciona em tempo integral de 07h00 às 17h00, tendo apenas uma seleção anual para ingresso na escola.

Partilhando dessa idéia e tendo como base a educação como ponte fundamental para compreender o processo de transformação da sociedade, então a escola foi eleita como local para a coleta dos dados, para tanto foi selecionada uma sala de aula, que por vez foi a sala do 2º ano C, sendo o 2º ano por serem alunos vindo de uma mesma turma do 1º ano e foi o 2º ano C, pois foi adotando o critério de uma aula na qual os alunos ficam disponíveis para realização das tarefas e orientações com os professores das matérias com dificuldades, então após essa escolha de sala, foi selecionado de forma aleatória os sujeitos e atores pesquisados, usando o critério de interesse quando convidados a participar, sendo assim, foram selecionados nove alunos, 6 meninas e 3 meninos, para então participar da pesquisa.

Com idades de 15 e 16 anos o grupo tinha ideias bem homogêneas e um relacionamento já pré-estabelecido, uma vez que já tinham laços de amizade provindos da convivência no 1º ano de médio integrado, isso foi algo que valorizou a discussão e aprofundamento das idéias. Para a realização da pesquisa foi emitido o termo de consentimento livre e esclarecido para a direção da escola e o termo de consentimento livre e esclarecido para menores de idade para os pais ou responsáveis dos alunos participantes assinarem (ver Termos nos Anexos 7 e 8). Para fins de preservação das identidades dos alunos, a pesquisa se utilizou de nomes fictícios.

O estudo teve também como interesse abordar jovens no sentido de serem sujeitos sociais que possui determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais, e também com a mesma perspectiva de juventude abordada por Dayrell (2003, p. 42) aquela cuja:

A noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta.

Ou seja, do jovem que faz parte de um processo mais amplo, que tem especificidades que lhe caracteriza. Pois por mais que a juventude seja um momento determinado, ela não se reduz a uma simples passagem da vida, a juventude por si só tem uma importância em si mesma. E assim sendo, esse

processo é influenciado pelo o meio social e pelas trocas que lhe proporcionam, logo determinando não apenas um modo de ser jovem, mas determinados modos de sê-lo em sua total pluralidade.

Contudo, a pesquisa foi estruturada e realizada a partir de dois encontros com intervalo de uma semana entre eles, cada encontro com duração de um (1) hora sem intervalo. No primeiro encontro foram abordados temas referentes ao desenvolvimento/crescimento de Juazeiro do Norte-CE, bem como o impacto sobre a vida dos pesquisados, além de discutir em torno das dimensões da sustentabilidade: econômica, ambiental, social e cultural. Já no segundo encontro discutiu-se um dos temas-chaves dessa pesquisa: o FIB (Felicidade Interna Bruta), bem como os seis índices selecionados para este trabalho.

Além de ser feita uma breve explanação em torno dos assuntos a serem abordados em cada encontro, também foram elaborados dois roteiros, um para cada encontro, a fim de nortear a discussão, e seguindo não necessariamente a ordem estabelecida no roteiro, sendo ele um parâmetro para que rumo seguir a entrevista. Os roteiros foram compostos por itens que pudessem dar uma flexibilidade na condução do grupo, assim sendo possível registrar temas não previstos, mas igualmente relevantes. Partindo de perguntas mais gerais, para incentivar a participação de todos, até inserir questões mais específicas, contudo, apesar do roteiro foram abordados temas que surgiram em respostas anteriores, além de essas perguntas serem colocadas em um linguajar mais próximo das falas deles, não sendo, portanto um roteiro rígido. Para tanto segue o roteiro de cada encontro:

QUADRO 3 – Roteiros das Entrevistas por Encontro

ENCONTRO I	ENCONTRO II
<p>- Já ouviram falar em crescimento econômico? O que você pensa sobre isso?</p> <p>- Já ouviram falar em desenvolvimento econômico? Vocês sabem a diferença entre esse e crescimento econômico?</p> <p>- Já ouviram falar em desenvolvimento sustentável? O que vocês pensam sobre isso?</p>	<p>- Já ouviram falar em felicidade? O que isso representa para vocês?</p> <p>Sobre as dimensões do FIB:</p> <p>- Saúde: Vocês vêem eficiência nas políticas de saúde na cidade de Juazeiro do Norte? Acha que é de boa ou má qualidade? A sua saúde vai bem? Tem dormido bem? Tem feito caminhada?</p> <p>- Uso do Tempo: Vocês têm tido tempo para atividade de lazer? E de socialização com amigos</p>

<p>- Vocês acham que o desenvolvimento sustentável deve envolver outros temas além do meio ambiente? (Dimensões da sustentabilidade)</p> <p>- Qual modelo de desenvolvimento vocês percebem em Juazeiro do Norte?</p> <p>- O que vocês sentem que esse modelo traz em suas vidas?</p> <p>- Como vocês vêem esse modelo em Juazeiro do Norte? É benéfico ou maléfico?</p>	<p>e familiares? Em média quanto do seu tempo realiza atividades que gosta?</p> <p>- Pertencimento: Vocês têm se relacionado com as pessoas do seu bairro e da cidade? Você se sente que pertence ao local onde mora? Você confia nas pessoas do seu bairro? Você se sente parte do bairro e da cidade onde vive?</p> <p>- Educação: Além da escola vocês aprendem alguma coisa em outros locais? Você sente que a educação pode mudar a vida de uma pessoa? Você está satisfeito com a educação que tem acesso? Vocês gostariam de estudar até que nível?</p> <p>- Cultura: Vocês conhecem as tradições locais? Participam de eventos ou teatro? Vocês percebem no meio em que vive algum tipo de discriminação como raça ou credo?</p> <p>- Padrão de vida: Vocês acham que suas famílias têm uma boa renda mensal? Vocês sentem uma segurança financeira? Vocês têm muitas dívidas? A situação financeira de suas famílias mudou nos últimos anos?</p>
--	---

Fonte: Autoria própria

O resultado dessa discussão estará presente nas subseções seguintes deste capítulo.

5.2 Análise e Reflexão das falas e discussões dos alunos pesquisados

Nessa seção busca fazer uma reflexão dos conceitos abordados nessa pesquisa, sobretudo em torno de decrescimento. Nesse sentido, as falas dos sujeitos serão permeadas por essas reflexões. Por sua vez foram discutidos com os alunos pesquisados os conceitos de crescimento/desenvolvimento e apesar de inicialmente os alunos pensarem que o crescimento de um país, região ou cidade deve está atrelado aos bens exportados e importados, após uma reflexão o aluno Cícero chegou à conclusão de que, o crescimento deve vir seguido de certa qualidade vida e algumas ações são necessárias para isso, bem como melhorias nos serviços públicos, como:

Acesso a escola com mais qualidade, acesso a saneamento básico hospitais, a um lazer com mais qualidade, que não custe muito financeiramente para pessoas que não tem condições, que são nossos direitos, mas que não temos. [Esse conjunto] traria mais igualdade para todos, pois se não tiver isso, provavelmente alguém vai ficar insatisfeito e vai acabar gerando outros problemas (ALUNO CÍCERO).

O que o Cícero chama atenção para essa igualdade, já vem sendo discutido desde teóricos do conceito de desenvolvimento sustentável, buscando assim, uma qualidade de um desenvolvimento mais justo e eqüitativo atendendo, sobretudo as necessidades humanas essenciais de emprego, alimentação, energia, água e saneamento; incluindo nessa soma a natureza além da economia nesse processo (BARBIERI, 2001).

No que tange a igualdade no uso da natureza vale lembra da proposta da pegada ecológica igualitária ou eqüitativa, que visa o consumo dos recursos naturais de forma igualitária, uma vez que possui países que retira a parcela desse consumo de países com menor nível de desenvolvimento. Contudo, é válido lembrar que essa equidade deve se dar de forma a que os padrões de consumo não sejam semelhantes aos de países desenvolvidos pois geraria um despropósito, uma vez que a capacidade de suporte do planeta não suportaria, algo enfatizado na teoria do decrescimento.

Questionado aos alunos sobre o que eles achavam do modelo de desenvolvimento praticado na cidade de Juazeiro do Norte-CE, sobretudo, nos últimos anos, a aluna Ana acredita que as transformações econômicas em Juazeiro do Norte-CE foram boas “porque aumentou os empregos né, deu muito emprego pra muita gente e deixou a região em si mais conhecida do que era”. Contudo, ainda destaca para algumas “coisas ruins”, em suas palavras:

Tem muitas vezes que não tem estrutura para ter tudo aquilo que a cidade tá recebendo, a cidade tá recebendo, só que ela não tá conseguindo absorver por conta disso, por conta da falta de estrutura da falta de saneamento, da falta do investimento do dinheiro que era pra ter e não tem (ALUNA ANA).

Em mesmo tom a aluna Geovania acrescenta: “Acho que inclui tudo: estrutura, segurança... acho que... assim, acho que a nossa cidade não tem [...] organização para esse desenvolvimento, tanto por parte da população, do governo e tudo”. O Aluno Cícero preocupado com o crescimento populacional interrompe a colega e chama atenção para isso:

A população vem crescendo muito, não só com taxa de natalidade, mas também com Universidades, com as faculdades e não tem estrutura para receber isso, como hospitais públicos; então a população tá crescendo e simplesmente os hospitais não está sendo suficiente, tem muitos hospitais superlotados.

Essa preocupação do Aluno Cícero com o crescimento populacional, também é algo pertinente na discussão sobre o decrescimento, apesar de não ser o principal problema discutido por essa teoria, mas chama atenção quando relacionado ao consumo, sobretudo, do consumo praticado pelos ricos, que ao reduzir sanaria algumas questões de cunho ecológico. Contudo, saber se é possível administrar esse crescimento populacional, não é o foco do decrescimento, ele está na forma como os recursos serão divididos com honestidade e equidade, sendo, portanto, um dos desafios do decrescimento.

Ao discutir sobre as dimensões da sustentabilidade, os alunos acreditam que ela só seria possível quando nessa equação considera, além da própria economia, também a sociedade e a natureza. Mas, segundo os alunos, este pensamento está longe do que é pregado por diversas empresas, que, por exemplo, utilizam do *slogan* sustentável ou sustentabilidade para gerar cada vez mais lucros, a saber:

Uma empresa que tem sustentabilidade no nome, o governo abate certa quantidade de impostos, por isso certas empresas preferem usar produtos recicláveis para abater os impostos que tem, então ele só pensa nos impostos. [Contudo] ele vai *ta* reciclando, mas num vai *ta* gastando tanto dinheiro (ALUNO JOSÉ).

Concordando com o colega a aluna Carla assim também define essa situação:

Em uma economia totalmente capitalista, a sustentabilidade que eles tanto prezam, é mais só como fachada e a única coisa que eles *quer* é dinheiro, dinheiro e mais dinheiro...; então ao meu ver essa sustentabilidade que é utilizada por eles como desenvolvimento sustentável é mais uma fachada para se obter lucro.

Essa apropriação do discurso, por vezes pode ser visto em logomarcas de empresas, em seus produtos e em campanhas publicitárias, uma vez que no mundo empresarial essa discussão tem fama de possuir e fazer boas frases de efeito ao ser associado a empresa. Declarações como a do diretor-geral da Nestlé, Peter Brabeck-Letmathe no fórum de Davos de 2003, confirmam isso: “Se o seu bisavô, seu avô e seus filhos forem consumidores fiéis da Nestlé, então nós trabalhamos de forma sustentável” (JACQUIAU, 2006, p. 151 apud LATOUCHE, 2009a, p. 7). Lamentavelmente, mais 5 bilhões de pessoas no mundo pensam desta forma.

Com outro ponto de vista a aluna Júlia, também observa em torno da preocupação com a sustentabilidade defendido pelas empresas e seus

empresários, a saber: “Eu acredito que exista sim uma preocupação com o meio ambiente; certo que maior parte é visando o lucro; pode ser mínima, mas existe uma preocupação com o meio ambiente” (ALUNA JÚLIA).

Por fim a aluna Ana, assim resume: “Algumas empresas realmente reciclam, mas é com o objetivo visando diminuir seus custos, para que assim possam ter maior lucro. Então, a meu ver, a maioria tem como prioridade ou a redução de custos ou o lucro”.

Em outro momento da discussão, a respeito da cultura, uma das dimensões da sustentabilidade, os alunos acreditam que a cultura imposta por muitos outros países, sobretudo pelos Estados Unidos, acaba deixando de lado a nossa “própria cultura” com ênfase bem o aluno José, quando se fala na palavra cultura; Acreditam que grandes marcas acabam passando a ser um modo de identificação entre os jovens, e “você passa a ser aquilo que querem e não o que você quer”, conforme a aluno Antônio. Outro exemplo de uma cultura subjugada, e na própria região do Cariri, está na fabricação do refrigerante local que é, por vezes substituído por outro importado, como expressa a aluna Ana:

Tanto é que, aqui tem um grande exemplo que é a cajuína São Geraldo, as pessoas deixam de beber *pra* beber Coca-Cola, porque Coca-Cola veio dos Estados Unidos, e Coca-Cola é você ter dinheiro, tanto é que é mais caro e as pessoas acabam comprando só pelo nome Coca-Cola... E tem a Pepsi que é a mesma coisa, não mais essa não presta, Coca é bem melhor.

Acreditando que o marketing é um dos grandes causadores da influência de outras culturas na vida do Juazeirense, sobretudo por meio da mídia, o aluno Cícero, chama atenção:

Deixa de mostrar o que a cidade tem de cultura para mostrar outras culturas de fora, assim acaba as cidades tendo mais privilégios, do que outras cidades, de se desenvolver, do que vender, por exemplo, o produto da nossa cidade [...] Aqui na região, o couro *né*, é o nosso artesanato, e assim quando a gente vê nas tv's, a gente ver com as propagandas de fora, a gente *num* vê, tipo assim: Ah! Na cidade de Juazeiro tem a confecção de couro, isso é de lá. Eles *tão* mais procurando trazer as propagandas de fora, pra nossa região para focar só nisso ali.

Com relação a essa subversão as leis do mercado a qual os produtos juazeirenses estão expostos, é explicada pela forma como economias tradicionais são transformadas, sobretudo após a divisão internacional do trabalho, que subvertem as organizações tradicionais de produção e consumo

às solicitações de um mercado mundial, da concorrência, da violência aberta e da infra-estrutura da comunicação, em outras palavras, “criou-se um único mercado mundial, integrando comunidades as mais selvagens ao imaginário único” (LATOUCHE, 1994, p. 29). “Hoje e amanhã mais ainda, o mundo é convocado a viver de maneira uniforme. O futuro, porém já começou” (p. 11).

Contudo, quando uma economia tradicional é inserida numa economia de mercado, essa tem sua transferência de valor de unidade econômica para um sistema de mercado globalizado, provocando um aumento no processo de exploração do ecossistema para a produção de um excedente para o intercâmbio econômico, algo que também preocupa no discurso do decrescimento.

Outro ponto levantado pelos alunos, com relação à subversão das culturas, está nas “modinhas” encabeçadas por pessoas famosas no meio artístico, que muitas vezes, na opinião da aluna Ana, o jovem “vai acabar usando e num importa a cultura, muitas vezes você nem liga pra cultura, o negocio deles é só usar a marca que está na moda”.

Os alunos ainda lembram que muitos dos produtos confeccionados fora da Região do Cariri e em até outros Estados são provenientes, ou tem componentes dessa região e muitos deles da cidade de Juazeiro do Norte - CE, e por vezes não são valorizados por sua origem, a exemplo disto estão os calçados, como relata alguns alunos:

Lá em São Paulo são poucas as fábricas que tem que se fabricam as coisas. A maioria veio daqui, do Nordeste, da nossa região, fabricam aqui e vão vender lá, mas a sandálias é de São Paulo não é da nossa Região, não é valorizado (ALUNA JÚLIA). [...] Por exemplo, se for comprar aqui, tá com uma sandália, a mesma que é fabricada aqui, ai vai pra São Paulo; mas você vê aqui: então não, não gosto; mas tá lá em São Paulo: é chique, pronto vou comprar (ALUNA CARLA).

Em uma discussão sobre as grandes marcas e modos de vidas ao qual a juventude está exposta, os alunos criticam o fato de que muitos desses artigos foram fabricados para países de Estações definidas e muitos desses são para o inverno, mas passam a ser incorporados em regiões como as de Juazeiro do Norte-CE por se tratar de algo que está na “moda”, e passam a ser usadas “como uma coisa tão natural, como se fosse outras peças que se usa normalmente” (ALUNA ANA), a exemplo que uma peça de roupa incorporada pela cultura local os alunos enfatizaram a calça *Jeans*.

Essa homogeneização de consumo, a qual a aluna Ana se refere, é explicada pela dominação de um modelo ideológico difundido pela ocidentalização, que é desterritorializante e que se apóia em poderes simbólicos, sendo nesse sentido uma entidade, sobretudo, “cultural”, que ao deparar-se com economias como a de Juazeiro do Norte-CE as transforma, infelizmente em massas incultas, passando a deterem consumidos passivos e estranhos a sua própria cultura, se configurando assim como uma desculturação, que inverte por meio de “imagens, palavras, valores morais, normas jurídicas, códigos políticos” (LATOUCHE, 1994, p. 30) a economia da cidade a uma incontestável padronização que atinge desde componentes considerados como bens “culturais” até alimentos, tecnologia e roupas como foi mencionado pela aluna Ana. Bem como, redefinindo e transformando seus traços de identidade e levando a um processo de ressignificação de suas identidades étnicas.

Ainda sobre essa padronização discutida pelos alunos na cidade de Juazeiro do Norte-CE, segundo a Aluna Vitória isso reflete nas relações sociais e em como o indivíduo é identificado no meio social, para tanto assim expõe:

Gente que tem mais marcas²⁴, tem mais dinheiro, tem praticamente mais amigos, tem mais... tipo mais *status*, do que pessoas que usam essas marquinhos aqui, tem muitas que ninguém nem conhece. [...] Tanto é que às vezes a gente faz propaganda de uma marca, e de graça, que vale mais caro, pra poder entrar na moda (ALUNA VITÓRIA).

Do ponto de vista das amizades construídas e vivenciadas, de um modo bem pessimista a aluna Ana, chama atenção com base nos padrões que a sociedade, sobretudo cibernética (em alusão as relações nas redes sociais) comanda:

Gente é muito simples você dizer: Ah! Eu posso ter amigos, sem ser do jeito que a sociedade quer. NÃO, você não vai ter amigos do jeito que a sociedade não quer. [...] Você nem tem mais amigos, hoje em dia o sistema não ajuda você ter mais amigos, porque é um passando por cima do outro, um comendo o outro vivo mesmo, num quer nem saber. [...] O negócio é *Eu, Eu, Eu* não pensar no *Outro*, só em mim.

Com relação a pessoas que usam marcas para serem entendidas e identificadas no mundo, bem como ao que tange a questão moral que enfatiza o Ter em detrimento do Ser, em tom de revolta a aluna Geovania faz a seguinte colocação enfática:

²⁴ Aqui a aluna faz uma referência a roupas de marcas famosas.

Hoje em dia as pessoas não são definidas pelo o que são, mas pelo o que vestem. Se por exemplo você vai *prum* canto, por exemplo vai pro shopping, vai com uma blusa simples, um shortinho, uma regatinha e pronto, uma rasteirinha, você chega lá, se não for de marca, tipo assim for de marca por exemplo nacional ou regional, ninguém olha pra você. Agora chega lá com as roupas mais feias do mundo, e tiver um símbolo de marca, mesmo sendo a roupa mais feia do mundo e chega com uma chave de um carro girando lá você melhor e bem atendido, o coitado que estiver lá fica até esperando pra você ser atendido. Então, a meu ver, hoje em dia nós não somos definidos pelo que somos, mas sim pelo que vestimos, é tipo como se fosse um código, um rótulo.

Em uma observação bem realista a aluna Júlia assim conclui essa lógica pela qual a sociedade tem passado:

Isso já virou uma característica, assim... que não sai mais do ser humano, essa questão de... Acho que a alienação veio tão impactante que ela transformou assim o ser humano completamente, já é uma coisa certa. O sistema capitalista sabe onde e como atingir. [...] Mas é que a gente já nasceu nesse sistema, pra gente é normal ver alguém morrendo de fome, é normal ver um rico esbanjando dinheiro, rasgando dinheiro quando quiser... isso é do nosso sistema. [...] E esse processo só vem piorando... e tende a ficar assim e piorar cada vez mais. [...] A meu ver, o que vai acontecer, é consumir mais, mais e mais, até *num* puder mais. [...] Isso é ruim porque quando você fica só ligado em alguma coisa de consumismo, muitas vezes você acaba de deixar de perceber trajetórias que estão acontecendo ao seu redor. A maioria das pessoas *seguem* os padrões de vida que a sociedade impõe que o mundo da moda impõe...

Com relação ao Ter em detrimento do Ser, posto em sociedade através do modelo hegemônico de desenvolvimento, citado pela aluna Ana; e essa reversão de valores no qual a aluna Júlia associa ao sistema capitalista, o decrescimento aborda em um dos seus oito “erres”, no “erre” de Reavaliar, no qual expõem que a quantidade de dinheiro embolsado pelo indivíduo é o mais importante, gerando uma megalomania individualista e egoísta. Contudo, o decrescimento propõe para isso a reavaliação, dos valores morais e éticos praticados em sociedade, levando o homem a repensar suas conquistas e para que elas servem. O que deve prevalecer é, sobretudo, o altruísmo, a cooperação, o prazer do lazer, os valores, a ética, os bons hábitos e a harmonia.

Apesar de toda discussão, falas e entendimentos a maior parte dos alunos, não acredita que seja possível alcançar as dimensões da sustentabilidade, sem a necessária mudança da lógica vigente, ou seja, a lógica do crescimento só pelo crescimento. Para eles a relação Homem e meio

ambiente não vai mudar sem que haja algo catastrófico para tal mudança, como é perceptível na fala da aluna Ana:

[...] Hoje não vai mudar, porque hoje em dia a pessoa não pensa... Antes a pessoa era um Ser, hoje a pessoas é o Ter. Então eu acho muito difícil “essa coisa de sustentável”. Pode ser que dê certo algum dia, Pode!, Quando todo mundo *ver* que, assim: acabou mesmo, que chega de água, chega de ar, quando *ver* que num tem mais jeito mesmo; Tipo, Não! Não dá mais, aí *pode* ser que vá mudar. [Uma vez que] É mais fácil, eu pensar em mim, só no Eu do que em todo mundo.

E acrescentando a discussão, também em mesmo tom desmotivado, a aluna Geovania reflete: “Mas nesse caso já vai ser tarde demais *né...* Porque a gente já *tá* sofrendo e nem percebe”. Em acordo com o pensamento da colega a aluna Vitória, completa: “O que simplesmente vai acontecer daqui a algum tempo... a natureza não vai aguentar mais. [...] E o que vai acontecer futuramente, o Homem vai ser vítima da sua própria ganância”.

Para tanto a aluna Vanessa faz uma indagação importante no fim de sua colocação a esse respeito: “Se deixássemos algumas *coisa* de lado e pensássemos nas pessoas em si e na natureza com elas, tornaria uma coisa totalmente diferente. Mas será que todo mundo ia suportar viver isso?²⁵”

Portanto, para romper com essa lógica, seria preciso quase que uma revolução segundo a aluna Vitória para se pensar em um mundo novo. E o primeiro passo seria pela mudança desde os pequenos hábitos até atitudes concretas das próximas gerações, de acordo com os colegas Cícero e José.

Sendo assim, em acordo com o que a aluna Vitória, para essa mudança indispensável de rumo, segundo Latouche (1994) se faz necessário algo mais radical: uma *revolução cultural*, uma vez que “a crise do desenvolvimento é, necessariamente, uma crise cultural” (p. 83). Então seria possível realizar o projeto de uma sociedade de decrescimento. Essa revolução não significa uma guerra, mas de uma mudança em instituições centrais da sociedade pela própria sociedade.

Logo, nesse contexto, o projeto de decrescimento trata-se por certo de uma revolução. Que exigirá desde mudanças culturais até sociais para se rever

25 Aqui a aluna faz essa indagação pensando no tempo atual, no qual, de acordo com ela as pessoas estão muito dependentes dos meios tecnológicos que a vida moderna proporciona. A pergunta contextualizada seria: “Será que conseguiremos viver em acordo com as leis da natureza com o atual modelo de pensamento?”. Para isso o decrescimento tem a resposta (ver Capítulo 4).

de maneira profunda o atual modelo de progresso de uma sociedade do crescimento perpétuo.

5.3 Os indicadores do FIB e os alunos pesquisados

As nove dimensões do FIB são componentes fundamentais para a felicidade e para o bem estar. Elas têm o mesmo peso, cada uma tem igual importância na busca da felicidade. Contudo, nesta pesquisa foram abordadas apenas seis, conforme subseção 5.1.1 deste capítulo, para tanto segue a discussão e análise dessas seis dimensões com os alunos pesquisados em Juazeiro do Norte-CE, buscando refleti-las com o conceito de decrescimento:

5.3.1 Dimensão da Saúde

A maior parte dos alunos acredita que não tem um bom acesso a serviços públicos de saúde de qualidade, por outro lado eles acreditam que para isso seria necessário ter acesso a um bom plano de saúde, o que não é o caso deles, pois nenhum deles o tem. Ao serem indagados sobre a qualidade de sono noturno em seu dia-a-dia os alunos foram enfáticos quanto à impossibilidade de um bom sono por conta das atividades escolares: “Não tem condições de você dormir pensando nas provas, trabalho [escolar]; feriado agora, não tem porque ter feriado, porque o feriado *todim* tudo mundo vai lá pra casa estudar” (ALUNA JÚLIA).

É a noite *todinha* assim, desse jeito assim: dormir dez *minutim* dá um *cochilim* aí se acorda, aí fica pensando naquilo que vai acontecer no outro dia, vai à noite *todinha* desse jeito até de manhã cedo pensando assim: *eita!* Seis horas eu tenho que me acordar porque eu vou pra escola. [...] Até fica pensando, um dia vai ser bom pra minha vida, depois vai ser bom pra minha saúde? Porque passa a noite *todinha* assim, só com cochilo (ALUNO JOSÉ).

Em se tratando de adolescentes, é válido ressaltar que as relações interpessoais, por vezes também tiram o sono dos alunos pesquisados, mas em toda fala deles notasse a preocupação e ansiedade pelos estudos, algo bem marcante no grupo pesquisado, eles tem os estudos como meio para transformação de suas vidas, algo emblemático no discurso do crescimento, a busca pela especificação e dominação da técnica, além de ter quer ser melhor

do que seu concorrente, para se conseguir mais dinheiro, leva a esses alunos terem essa postura diante da vida, mas vale lembrar que esse é outro ponto debatido pelo discurso do decrescimento, que propõe desacelerar essa competição por meio da redução da jornada de trabalho, um dos pontos essenciais para o círculo virtuoso dos oito “erres”. Portanto, essa redução do horário de trabalho juntamente com uma mudança de seu conteúdo, sendo antes de tudo, escolhas da sociedade, é uma consequência da revolução cultural provocada pelo decrescimento.

Contudo, outra questão que faz os alunos perderem um pouco de sono é a preocupação econômica dos pais e familiares, como lembra a aluna Ana, fazendo quase que uma reflexão da realidade vivida por muitos colegas:

Muitas vezes tem gente também que não dorme que fica preocupado com o salário que o pai e a mãe *tá* ganhando, como é que vão sobreviver no outro dia, como é que *tão* as coisas dentro de casa, será se *tá* mesmo daquele jeito que todo mundo demonstra *tá*, ou *tá* daquele jeito porque você só chegou... porque tipo a gente, que só chega pra dormir praticamente.

Por fim o aluno Cícero lembra que também há pessoas que perdem o sono de forma proposital, quando vão a festas ou passam a noite na internet. Nesse índice chama atenção para o fato de nenhum dos alunos praticarem atividades físicas ou até mesmo de lazer, um ou outro pratica esporte, mas de forma esporádica, mais os meninos no famoso “racha”. O que é algo até explicado por eles pela falta de tempo de qualidade fora da escola uma vez que passam até 10 horas no colégio por dia.

5.3.2 Dimensão do Padrão de Vida

Com relação ao nível de renda da família e em suas próprias compreensões de necessidade e abundância os alunos se autodeclararam ser pertencentes à classe média baseados no padrão de vida que eles levam e se comparando as outras famílias que recebem outros tipos de renda, inclusive famílias que recebem renda de programas assistencialistas, demonstrando que é preciso pensar numa realidade mais abrangente uma vez que eles fazem parte de uma comunidade com outras famílias e outras realidades, a saber:

A maioria aqui, num vem de uma classe média muito baixa, a gente é só classe média. Agora, tem gente que recebe o que? *Um* bolsa família. Tipo tem uma mulher lá perto lá de casa que tem sete filhos e

recebe só o bolsa família, e é o que? Num sei, trezentos reais, quatrocentos reais, *pra* passar um mês *todinho*, com sete pessoas comendo (ALUNA ANA).

Em se tratando de mudanças no nível de renda da família, devido a processos econômicos pelos quais a cidade de Juazeiro do Norte-CE tem passado nos últimos anos (conforme subseção 5.1.2 deste capítulo), alguns alunos não acreditam que influenciaram na vida deles, porque segundo eles a renda da família não provem do comércio, setor mais afetado nas palavras deles. Mas fazendo uma reflexão sobre isso, os bens de consumo não duráveis foram algumas mudanças expressivas no consumo das famílias na cidade, como relata a aluna Vitória:

Eu acho influenciou muito o consumo da família de muita gente, porque com esses mercados muitos grandes, assim além da variedade de não só ter aquele tipo de arroz, ou aquele tipo de carne, ou aquele tipo de biscoito, veio novas variedades, muita gente abriu comércios pequeninhos porque compra lá e vão revender, e ficou mais barato a renda da casa mesmo, ou então você não podia ter baixado o preço da renda, mas agora consumir mais coisas e melhores com o mesmo tanto de dinheiro.

A maior parte dos alunos não sente segurança financeira, sobretudo de longo prazo, principalmente para aqueles que vivem do comércio (que foram dois que se declararam), que por vezes se deparam com prejuízos, pois muitos deles acreditam que a inflação coroe em muito a renda de suas famílias, sobretudo aquela inflação baseada na expectativa do aumento do salário mínimo no país, como cita Antônio.

5.3.3 Dimensão do Uso do tempo

Por estudarem em uma escola de ensino integral, os alunos relatam que passam muito tempo afastados do convívio social com outras pessoas que não sejam as mesmas que se relacionam na escola. Até mesmo o convívio com os próprios pais se torna limitado devido ao pouco tempo que passam juntos, mas apesar de tudo os alunos se sentem felizes por partilharem de amizades verdadeiras em um local no qual se sentem seguros e acolhidos, nas palavras dele a escola passou a ser sua segunda casa.

Contudo, chama atenção o seguinte relato:

Depois que a gente entrou nesse colégio, eu me afastei tanto das pessoas que eram meus amigos, que não estudam aqui. [...] Hoje eu

vou sair, a gente passa a semana aqui, aí chama Carla, Geovania (amigas da mesma sala) vamos sair, a gente só sai com as pessoas do colégio. [...] Hoje em dia a gente não se socializa porque sempre a gente vai *tá* no mesmo ciclo de amizade, sempre, sempre, sempre é de dia na escola, de noite é fazendo trabalho, final de semana *vamo* sair juntos (ALUNA JÚLIA).

Essa falta de socialização com os familiares e com os antigos amigos é atribuída ao tempo por parte dos alunos, que segundo a aluna Júlia “o tempo não permite que a gente conviva”. A respeito do uso do tempo, e para uma vida melhor, o decrescimento propõe o aumento do tempo não imposto para possibilitar a plenitude dos cidadãos por meio da redução da jornada de trabalho, o que faria o indivíduo reconquistar o tempo “livre”, que é também uma das condições necessárias para a descolonização do imaginário do sempre mais comprimido na compulsão do crescimento.

Mas apesar desse tempo limitado, os alunos afirmam que conseguem dividir suas tarefas diárias para o melhor uso do tempo disponível possível, pois de acordo com o aluno Antônio “se eu *tô* lá (na escola) é porque eu quero, se eu *tô* lá é com um objetivo que eu quero também”. E para isso os alunos acreditam que fazer adaptações para se adequarem a essa rotina estudantil seria uma forma de tomar posição diante das adversidades, além de usar o tempo de forma adequada como mostra a aluna Vanessa nessa fala: “Mas aí entra a questão de você saber dividir o tempo e saber se controlar e se policiar para algumas coisas”.

Por fim, quando discutido sobre a possibilidade da realização das atividades que gostam de fazer, o grupo ficou dividido entre às vezes conseguir fazer o que realmente gosta com o seu tempo e aqueles que de fato consideram que conseguem fazer aquilo que gostam apesar do tempo dividido entre as atividades acadêmicas e horas de estudo fora de sala de aula. “Se a gente for priorizando as coisas que realmente são importantes, dá pra gente fazer tudo” (ALUNA VITÓRIA).

5.3.4 Dimensão da Educação

Com relação à educação que os alunos têm acesso, eles estão satisfeitos com o ensino na escola onde estudam e objetivam sempre a melhora, para além dos muros da escola eles acreditam que em “tudo tem

ensinamento” (ALUNA GEOVANIA) e que todo saber é um saber, e que “de tudo você pode tirar uma coisa boa” (ALUNA VITÓRIA).

Do teatro você pode tirar alguma coisa, de uma música, de uma peça, de uma poesia. [...] De tudo você pode tirar algum proveito, não é só nos livros, só no caderno, só na caneta, não. Um jornal pode lhe dá informação, a própria internet, com outras pessoas [...] você num precisa ficar especificamente na escola pra aprender (ALUNA ANA).

Com fé na educação, os alunos acreditam em seu poder transformador e que a realidade e o mundo de uma pessoa podem ser mudados por meio da educação, “mas também a pessoa deve está disposta, tem que também contribuir, num pode só esperar, tem que ir lá fazer sua parte” (ALUNA VITÓRIA). Eles pretendem estudar até níveis de pós-graduação e acenderem em diversos tipos de carreiras desde administradores até editores de revistas famosas.

As expectativas quanto à educação, os lugares e os meios de se conseguir conhecimentos a aluna Geovania acredita que para alcançá-los: “É uma questão individual, assim, acho que parte de você querer [...] acho que nada é demais pra gente aprender, se eu quero, é possível”.

No que tange a educação, a proposta do decrescimento pode atuar em dois de seus oito “erres”, são eles: Reavaliar e Reconceituar, a capacidade libertadora da educação pode agir na reavaliação, dos valores morais e éticos praticados em sociedade, revendo a importância da vida social sobre o consumo ilimitado, do local sobre o global, do sensato sobre o racional, do relacional sobre o material; e na reconceituação, de concepções econômicas direcionadas, como às ideias de riqueza e pobreza, escassez e abundância dogmatizadas pelos princípios da dominação da natureza e de sua mercantilização, além do próprio conceito de necessidade. Enfim, um outro olhar sobre o mundo e, portanto, outra maneira de apreender a realidade.

5.3.5 Dimensão da Cultura (diversidade e resiliência cultural)

Os alunos gostam de ir a teatros e shows, acompanham teatro de rua, exposições e amostras de arte, bem como palestras de diversas temáticas. Manifestaram-se a favor da leitura e atividades artísticas, como desenhar, além de serem a favor de realizarem cursos profissionalizantes e de curta duração.

Eles revelam que se sentiram mais envolvidos nessas atividades culturais depois de terem ingressado no colégio Liceu, à medida que suas amizades mudaram então suas preferências também seguiram novo rumo.

Quanto às tradições locais a aluna Vitória relata uma tradição vivenciada pela sua família que vem sendo passada de geração em geração até chegar à geração do seu pai, a saber:

Minha vó tem promessa pra fazer no dia de reis, é uma promessa já de tradição de família, que vem da minha tataravó e é passado de geração em geração, que é uma promessa que em todo dia de reis tem que fazer o reisado, e têm que ser os filhos homens da família, ou seja, os filhos da... Ou seja, meu pai meus tios é que fazem parte do reisado.

Com exceção das práticas e rituais religiosos (romarias) que acontecem na cidade de Juazeiro do Norte-CE, os alunos não conhecem outras manifestações culturais e tradicionais da região, por vezes são assuntos que foram abordados em algum conteúdo programático na escola. Um ou outro aluno durante a discussão apenas cita como uma tradição local a lapinha e a literatura de cordel.

O discurso do decrescimento parte da lógica da valorização das culturas locais, uma vez que ao propor rever os conceitos e valores tidos em sociedade, faz-se também uma análise daquilo que é importante na vida cívica, nesse sentido, quando o decrescimento resgata o pensar globalmente, agir localmente do ecodesenvolvimento, ele está, sobretudo resgatando as tradições locais e incentivando o olhar para si mesmo.

5.3.6 Dimensão da Vitalidade comunitária (Pertencimento)

Esse índice chama bastante atenção devido ao sentido de não pertencimento dos alunos com relação a suas comunidades nos bairros onde residem, apesar de ter orgulho de serem “juazeirenses”. Contudo, quando essa comunidade passa a ser a escola onde estudam, então aí sim se sentem pertencentes a ela; algo que pode ser explicado devido ao longo espaço de tempo que passam na escola. “Hoje eu me sinto que pertenço: Liceu!” (ALUNA JÚLIA).

Quanto a pertencer a um local, os alunos identificam esse sentimento a partir das relações construídas e cultivadas por meio de laços de confiança e

sentido de comunidade que eles sentem ao pertencerem ao quadro de discentes do colégio Liceu de Juazeiro do Norte-CE, algo relacionado ao espírito de convivialidade presente na relação deles, algo que o decrescimento enfatiza. É possível observar esse comportamento por meio dos seguintes relatos:

Liceu é como uma casa pra mim, [...] gente, eu não me vejo longe desse povo daqui. Cara vai ser *muito horrível* quando a gente deixar de viver, assim de manhã até a tarde e às vezes a noite, e simplesmente deixar do nada e sumir (ALUNA ANA). E a gente passa tanto tempo aqui que já perde a vergonha e a correria é como se estivesse me casa (ALUNA GEOVANIA). Chora e grita e briga, tira onda, *xinga*, bota a culpa sem ser culpado, faz o outro chorar... Por exemplo, eu odeio jogo, mas passei a assistir por causa dos meninos lá da sala (ALUNA JÚLIA).

Em clima de nostalgia, os alunos refletem sobre o futuro e em como será difícil à despedida entre eles com relação ao colégio, na despedida de suas rotinas e em como vão mudar depois de saírem dali. “Mesmo que você vá pra outro lugar você vai querer ficar com eles (os colegas de sala)” (ALUNA ANA). Esse sentimento mostra-se claro na emocionante fala da aluna Geovania ao se referir aos colegas: “Você se apega tanto, porque são os três anos, que quem *tá* fazendo parte da minha história são eles. [...] Eu brigo com vocês, eu amo com vocês, eu choro com vocês”.

Desse modo, a felicidade como sendo algo subjetivo, pode ou não ser revelada por elementos ou conjuntos de elementos que a favoreçam. Contudo, o que se percebe nessa análise acima é que possui algumas características desfavoráveis a uma vida feliz, uma vida de bem estar na cidade de Juazeiro do Norte-CE. Por outro lado, para uma melhor definição e identificação mais completa desta não felicidade, será necessária, em estudos futuros, uma análise que privilegie, além das seis dimensões presentes neste trabalho, as outras três dimensões faltantes.

Contudo, o meio ambiente mostra-se com um indicador bastante forte para a suposição de uma vida feliz, bem como outras peculiaridades. Mas nessa busca, além da natureza, as pessoas são fundamentais, e a partir delas encontrar quais os elementos que podem ser relevantes para determinar uma sociedade feliz ou o caminho para sua busca.

É nessa perspectiva que o conceito de decrescimento surge como meio para se repensar a sociedade de crescimento só pelo crescimento,

passando a respeitar os limites da biosfera e, portanto conviver melhor com o meio ambiente, contudo é preciso refletir sobre qual modelo de desenvolvimento será melhor para uma vida feliz, pode não ser o decrescimento, mas certamente vale a pena pensar em uma outra forma de pensar e viver no mundo.

6 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Ao longo da história o desenvolvimento econômico se configurou como a mola propulsora da sociedade, e sua discussão tornou-se algo necessário para entender a forma cíclica como esse conceito vem sendo tratado. Contudo, um dos desafios atuais é melhorar a compreensão das complexas interações entre humanidade e biosfera. Para tanto, a busca de um desenvolvimento sustentável, proposto como possível solução para o desenvolvimento, mostrou-se sem sentido e correndo o risco de torna-se um conceito vazio. Logo, a superação dos modelos de desenvolvimento exige uma revisão mais completa e que aborde o desenvolvimento em um contexto de possibilidades limitadas.

Para tanto, tem-se o conceito de decrescimento econômico que se mostra como uma verdadeira crítica à sociedade do crescimento pelo crescimento. Como uma nova proposta de desenvolvimento, que sugere a mudança da lógica econômica, fazendo refletir sobre as formas de desenvolvimento considerado alheio de limites físicos, e que se utiliza da imposição de um padrão cultural de consumo, que está pautado numa concepção linear e cumulativa do tempo na crença da possibilidade de dominar a natureza e na convicção de que se trata de uma missão sagrada para a humanidade. Logo, fica claro a exigência de mudanças culturais, estruturais, políticas, econômicas e, sobretudo, sociais; portanto, para rever de maneira profunda o atual modelo de progresso.

Portanto, o decrescimento propõe a mudança de paradigma econômico a partir da lógica do crescimento, que por sua vez deve ser substituído por um decrescimento sereno, convivial e sustentável. Através da descolonização do imaginário econômico de adoração da modernidade e do progresso, pois os perigos do crescimento já são planetários. Contudo, é preciso renunciar ao crescimento enquanto paradigma ou religião. Para se produzir novos sentidos civilizatórios, com novos valores e referências mobilizantes de novas utopias, capazes de preencher os vazios de subjetividade e de ação social, de pensar o inédito e a alternativa, de construir uma cultura política da diferença e de conceber a diversidade como um potencial.

E tendo como base, que os recursos da Terra são suficientes para atender às necessidades de todos os seres vivos do planeta, se forem

manejados de forma eficiente e sustentados. Então a proposta do decrescimento supõe que os atrativos de uma sociedade convivial combinada com o peso das exigências de mudança, podem favorecer uma “descolonização do imaginário” e suscitar suficientes comportamentos “virtuosos” a favor de uma solução racional para o desenvolvimento. Através do modo de viver, de consumir, do comportamento que podem decidir sobre a velocidade do processo e do período da sobrevivência da espécie humana.

Portanto, é hora de abrir os olhos e de enxergar o que a Terra está dizendo o que o ar está mostrando e o que os mares estão fazendo sentir para começar a agir de forma correta para que haja futuro tanto para a geração atual como para os descendentes, para que não seja de miséria ou de destruição total. Sendo assim, a realização de uma sociedade do decrescimento tem que passar necessariamente por um reencantamento de mundo.

Contudo, o programa de decrescimento parece paradoxal, pois a implementação de proposições realistas e razoáveis tem pouca chance de ser adotada e menos ainda de culminar numa subversão total. Para isso faz-se necessário a mudança no imaginário que só a realização da utopia fecunda da sociedade autônoma e convivial podem provocar.

Para tanto, o decrescimento não se trata de uma ‘retomada’ global cega. Contudo, o decrescimento não é uma definição rígida, é um questionamento da lógica do crescimento. Ele age, lado a lado com a necessária redução do tempo trabalhado e com a diminuição das atividades nocivas ao meio ambiente. Uma vez que com as mudanças nos paradigmas do modo de vida, não se corre o risco de nunca ter se pensado uma outra sociedade e de ir de cara contra o muro.

Contudo, essas mudanças podem ou não provocar uma vida feliz, e mesmo sendo algo subjetivo a felicidade requererá elementos ou conjuntos de elementos que a favoreça. E apesar dessa pesquisa perceber algumas características desfavoráveis a uma vida feliz nos sujeitos pesquisados e uma vida de bem estar na cidade de Juazeiro do Norte-CE. O projeto de decrescimento propõe que é possível imaginar que uma vida em harmonia com o meio ambiente mostra-se bastante forte para a suposição de uma vida feliz, e certamente vale a pena imaginar uma outra forma de pensar e viver no mundo.

Desse modo, para uma melhor definição e identificação mais completa desta não felicidade na cidade de Juazeiro do Norte-CE, será necessária, em estudos futuros, uma análise que privilegie, além das seis dimensões presentes neste trabalho, as outras três dimensões faltantes. Recomenda-se também que essa pesquisa seja reproduzida em outras faixas etárias, em adultos e/ou idosos.

Outra recomendação, em pesquisas futuras que abordem qualquer faixa etária, para uma melhor compreensão das possibilidades do decrescimento e/ou seu real alcance, é que seja feita uma pesquisa que se utilize da articulação sistemática dos oito “erres”, dos oitos parâmetros que mutuamente se reforçam num círculo virtuoso para desencadear uma sociedade do decrescimento, se possível, sereno, convival e sustentável.

REFERÊNCIAS

- ANANE, Mike. In: **Comprar, tirar, comprar**: la historia secreta de la obsolescência programada. Guión y realización: Cosima Dannoritzer. Producción: Davina Breillet. Arte France / Televisión Española / Televisón de Catalunya, 2010. Disponível em <<http://www.rtve.es/>>. Acesso em 12 Ago. 2012. (Documentário).
- ANDRIOLI, Antônio Inácio. Utopia e realidade. In **Revista Espaço Acadêmico**, Nº 56 - Jan. 2006 - Ano V. 2006. Disponível em <<http://www.espacoacademico.com.br/056/56andrioli.htm>>. Acesso em 03 Jul. 2014.
- BACKES, Dirce Stein *et al.* Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. In: **O Mundo da Saúde**, São Paulo: 2011;35(4):438-442. 2011. Disponível em <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/artigos/grupo_focal_como_tecnica_coleta_analise_dados_pesquisa_qualitativa.pdf>. Acesso em 01 Jul. 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário**: e outros temas contemporâneos. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BRANCO, Paulo. A expansão da economia é incompatível com a capacidade de regeneração do planeta. In: **Revista do Instituto Humanista Unisinos – IHU On Line**. Ano IX, Nº 295 de 01 de junho de 2009. São Leopoldo, RS: Unisinos/ Instituto Humanista Unisinos, 2009. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1244119191.0988pdf.pdf>>. Acesso em 18 Out. 2013.
- BRUCKNER, Pascal. **A Euforia perpétua**: ensaio sobre o dever de felicidade. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- BRÜGGER, Paula. **Educação ou adestramento ambiental?** 2.ed. Florianópolis, SC: Letras Contemporâneas, 1999. (Coleção Teses, IV).
- CARVALHO, Marcos Bacellar de. **A Felicidade na agenda da administração e suas relações com conceitos organizacionais**. 2010. 163f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Fumec; Faculdade de Ciências Empresariais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em <http://www.fumec.br/anexos/cursos/mestrado/dissertacoes/completa/marcos_bacellar_de_carvalho.pdf>. Acesso em 22 Mar. 2014.
- CAVALCANTI, Clóvis. **Novo Paradigma de Desenvolvimento**: grupo internacional de trabalho: Butao, de 30 jan a 2 fev 2013. 2013. Disponível em <<http://cloviscavalcanti.blogspot.com.br/2013/02/novo-paradigma-de-desenvolvimento-grupo.html>>. Acesso em 03 Jul. 2014.

COMTE-SPONVILLE, A.; DELUMEAU, J.; FARGE, A. **A mais bela história da felicidade**: a recuperação da existência humana diante da desordem do mundo. Rio de Janeiro: DIFEL, 2006.

CHACON, Suely Salgueiro. **O Sertanejo e o caminho das águas**: políticas públicas, modernidade e sustentabilidade no semi-árido. Fortaleza: BNB, 2007. (Série Teses e Dissertações. Vol. 8.).

CLEMENTE, Ademir. Introdução à economia do meio ambiente. In: CLEMENTE, Ademir; HIGACHI, Hermes Y. **Economia e desenvolvimento regional**. São Paulo: Atlas, 2000. p. 149-164.

CORTEZ, Henrique. Consumo ético: uma forma de “indulgência” ao “pecado” do consumo. In: **Revista do Instituto Humanista Unisinos – IHU On Line**. Ano IX, Nº 295 de 01 de junho de 2009. São Leopoldo, RS: Unisinos/ Instituto Humanista Unisinos, 2009. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1244119191.0988pdf.pdf>>. Acesso em 18 Out. 2012.

Crescimento urbano de Juazeiro do Norte precisa de estrutura. Disponível em <<http://tribunadoceara.uol.com.br/videos/jornal-jangadeiro/crescimento-urbano-de-juazeiro-do-norte-precisa-de-estrutura/>>. Acesso em 05 Mai. 2014.

DANNORITZER, Cosima (Guión y realización). **Comprar, tirar, comprar**: la historia secreta de la obsolescência programada. Producción: Davina Breillet. Arte France / Televisión Española / Televisón de Catalunya, 2010. Disponível em <<http://www.rtve.es/>>. Acesso em 12 Ago. 2012. (Documentário).

DIAS, Cláudia Augusto. **GRUPO FOCAL: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas**. Paraíba, s.d. Disponível em <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/download/330/252>>. Acesso em 05 Mai. 2014.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade**: a Meneceu. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FREITAS, Carlos Machado de. **Um Equilíbrio delicado**: crise ambiental e a saúde no planeta. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. (Coleção Desafios do Século XXI).

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2002. (Temas atuais).

GONÇALVES, Jaqueline dos Santos. **O Conceito de desenvolvimento na obra de Serge Latouche**. Crato: Universidade Regional do Cariri – URCA, 2011a. (Monografia).

GONÇALVES, Pólita. **A Cultura do supérfluo**: lixo e desperdício na sociedade de consumo. Rio de Janeiro: Garamond, 2011b. (Coleção Desafios do Século XXI).

GOMES, Maria Elasir S.; BARBOSA, Eduardo F. **A Técnica de grupos focais para obtenção de dados qualitativos**. 1999. Disponível em <http://www.tecnologiadeprojetos.com.br/banco_objetos/%7B9FEA090E-98E9-49D2-A638-6D3922787D19%7D_Tecnica%20de%20Grupos%20Focais%20pdf.pdf>. Acesso em 05 Mai. 2014.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 13. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2010. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em 14 Mai. 2013.

Juazeiro do Norte-CE: Município é polo de desenvolvimento no Cariri. Disponível em <<http://www.caririnoticia.com.br/2012/07/juazeiro-do-norte-ce-municipio-e-polo-de-desenvolvimento-no-cariri.html>>. Acesso em 05 Mai. 2014.

Juazeiro do Norte é polo de desenvolvimento regional. Disponível em <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/juazeiro-do-norte-e-polo-de-desenvolvimento-regional-1.492930>>. Acesso em 05 Mai. 2014.

LATOUCHE, Serge. **A ocidentalização do mundo**: ensaio sobre a significação, o alcance e os limites da uniformização planetária. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. Decrescimento ou barbárie! Entrevista especial com Serge Latouche. Revista IHU On Line. In: **Fórum Brasileiro de Economia Solidária** - 08/08/2010, 2010b. Disponível em <<http://fbes.org.br>>. Acesso em 23 Set. 2012.

_____. Decrescimento ou barbárie! In: **Revista do Instituto Humanista Unisinos – IHU On Line**. Ano IX, Nº 295 de 01 de junho de 2009. São Leopoldo, RS: Unisinos/ Instituto Humanista Unisinos, 2009b. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1244119191.0988pdf.pdf>>. Acesso em 18 Out. 2012.

_____. **La Décroissance, une utopie?**: entretien avec Serge Latouche. Production: Editions Montparnasse, 2004. Disponível em <<http://www.editionsmontparnasse.fr/video?v=CNBDAq>>. Acesso em 03 Set. 2012. (Entrevista extraída do Documentário La Terre vue du ciel de Renaud Delourme)

_____. **Os perigos do mercado planetário**. Porto Alegre: Instituto Piaget, 1998. (Coleção Economia e Política).

_____. **Pequeno tratado do decrescimento sereno**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009a.

_____. In: **Comprar, tirar, comprar**: la historia secreta de la obsolescência programada. Guión y realización: Cosima Dannoritzer. Producción: Davina Breillet. Arte France / Televisión Española / Televisón de Catalunya, 2010a. Disponível em <<http://www.rtve.es/>>. Acesso em 12 Ago. 2012. (Documentário).

LEFF, Enrique. **Ecologia, capital e cultura**: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável. Blumenau: Ed. da FURB, 2001.

_____. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LEMOS, Haroldo Mattos de; BARROS, Ricardo Luiz Peixoto de. **O Desenvolvimento sustentável na prática**. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro das nações Unidas para o meio Ambiente, 2007.

LEMOS, José de Jesus Sousa. **Mapa da exclusão social no Brasil**: radiografia de um país assimetricamente pobre. 2.ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2008.

LESSA, Carlos. **Auto-estima e desenvolvimento social**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. (Coleção Ideias Sustentáveis).

LOUETTI, A.; HOUSE, W. H.; KARANA, A. **Compêndio de Indicadores de Sustentabilidade de Nações**: uma contribuição ao diálogo da sustentabilidade. São Paulo: Editora WHH, 2007.

LUSTOSA, Alberto Elias; MELO, Lucelena Fátima de. **Felicidade Interna Bruta (FIB)**: Índice de Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: <<http://www.seplan.gov.br/sep/sep/pub/conj/conj14/artigo05.pdf>>. Acesso em: 05 Abr. 2013.

MARAFON, Gláucio José; SEABRA, Rogério dos S.; SILVA, Eduardo S. O. da. **O Desencanto da terra**: produção de alimento, ambiente e sociedade. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. (Coleção Desafios do Século XXI).

MCMAHON, Darrin M. **Felicidade**: uma história. São Paulo: Globo, 2006.

MORIN, Edgar. **As duas globalizações**: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente. 2.ed. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 2002. (Coleção Comunicação, 13).

PEIXOTO, Alencar. **Joazeiro do Cariry**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011. (Coleção Centenário 1911-2011).

PENA-VEGA, Alfredo. **O Despertar ecológico**: Edgar Morin e a Ecologia Complexa. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. (Coleção Idéias Sustentáveis).

PEREIRA, E. C. F. R. de J. **Felicidade e tecnologia em fahrenheit 451**. 2007. 251f. Dissertação (Mestrado em Estudos Americanos) – Universidade Aberta Lisboa, Lisboa, 2007. Disponível em <<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/542/1/LC401.pdf>>. Acesso em 22 Mar. 2014.

População do Juazeiro chega a 253 mil habitantes. Disponível em <<http://www.juanorte.com.br/>>. Acesso em 05 Mai. 2014.

QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. **Em cada Sala um altar, em cada quintal uma oficina**: o tradicional e o novo na história da educação tecnológica no Cariri Cearense. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

RODRIGUES FILHO, Saulo; SANTOS, Andréa Souza. **Um Futuro incerto**: mudanças climáticas e a vida no planeta. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. (Coleção Desafios do Século XXI).

SACHS, Ignacy. **A Terceira Margem**: em busca do ecodesenvolvimento. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SANTOS, Elizângela. **O crescimento de Juazeiro do Norte**: 'Milagre' marca desenvolvimento de Juazeiro. 2011. Disponível em <<http://desenvolvimento-regional-sustentavel.blogspot.com.br/2011/05/o-crescimento-de-juazeiro-do-norte.html>>. Acesso em 05 Mai. 2014.

SMITH, Mark J. **Manual de ecologismo**: rumo à cidadania ecológica. Porto Alegre: Instituto Piaget, 1998. (Perspectivas Ecológicas, 35).

SILVA, Fabiana Santos da. **Felicidade Interna Bruta (FIB) em Serra Grande, Bahia**. 2011. 143f. Dissertação (Mestrado Profissional em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável) - Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade, Serra Grande-BA, 2011. Disponível em <<http://www.ipe.org.br/mestrado/wp-content/uploads/2012/09/produtofinalfabiana.pdf>>. Acesso em 22 Mar. 2014.

STEVENS, Brooks. In: **Comprar, tirar, comprar**: la historia secreta de la obsolescência programada. Guión y realización: Cosima Dannoritzer. Producción: Davina Breillet. Arte France / Televisión Española / Televisón de Catalunya, 2010. Disponível em <<http://www.rtve.es/>>. Acesso em 12 Ago. 2012. (Documentário).

THACKARA, John. In: **Comprar, tirar, comprar**: la historia secreta de la obsolescência programada. Guión y realización: Cosima Dannoritzer. Producción: Davina Breillet. Arte France / Televisión Española / Televisón de Catalunya, 2010. Disponível em <<http://www.rtve.es/>>. Acesso em 12 Ago. 2012. (Documentário).

VICTORINO, Célia Jurema Aito. **Canibais da natureza**: educação ambiental, limites e qualidade de vida. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

WHITE, Nicholas. **Breve História da Felicidade**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

INDICAÇÕES DE FILMES E DOCUMENTÁRIOS

Filmes:

A Era da Estupidez – The Age of Stupid (2009);
Capitalismo: uma história de amor (2009);
Meatrix (2003) - pequena animação;
Nação Fast-food: uma rede de corrupção (2006);
O Preço do amanhã (2011);
Uma verdade inconveniente (2006);
Terráqueos – Earthlings (2005);
Grau de destruição (1966).

Documentários:

A Carne é fraca (2005);
A Corporação – The Corporation (2003);
A História das coisas (2006) – Curta-metragem;
Comprar, tirar, comprar: la historia secreta de la obsolescência programada (2010);
Encontro com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá (2006);
Food Inc (2008);
Lixo Extraordinário (2010);
Planeta sagrado (2004);
Prosperar: O que será Necessário na Terra? – Thrive (2011);
Super Size Me - A dieta do palhaço (2004);
The Yes Men Fix the World (2009).

ANEXOS

ANEXO 1 – Satisfações Irrecusáveis

“O que o correu para que a crítica da sociedade de consumo tivesse tão rapidamente, a partir dos anos 60, conduzido ao triunfo do consumismo? É que as palavras de ordem lançadas à época: ‘Tudo imediatamente’, ‘Morte ao tédio’, ‘Viver sem prorrogação e gozar sem entraves’ se aplicavam menos ao domínio do amor e da vida do que ao da mercadoria. Acreditava-se estar subvertendo a ordem estabelecida, mas favorecia-se com total boa fé a propagação do mercantilismo universal. É no plano da fome e da sede que todas as coisas podem se tornar imediatamente acessíveis, já que o espírito e o desejo têm seus ritmos próprios, suas intermitências. A intenção era libertaria, o resultado foi publicitário: liberou-se menos a libido do que nosso apetite de compras sem limite, nossa capacidade de agarrar sem restrições todos os bens. Bela imagem do revolucionário como prospector oficial do capital é no que se transformaram afinal o movimento operário, o marxismo e a esquerda radical, capazes de criticar uma falha do sistema, mas de permitir-lhe se modificar a um custo mínimo. Um pouco como aqueles *hippies* que descobriram lugares sagrados de turismo na Ásia, na África ou no Pacífico trinta anos antes de todo mundo, mas que eram movidos pelo desejo de fugir e se isolar.

É absurdo criticar o consumo, luxo d crianças mimadas. Ele tem de atraente o fato de oferecer um ideal simples, inesgotável, acessível a qualquer um, contanto que esteja solvente. Não exige outra formalidade senão ter vontade e pagar. O consumo é cevado, saciado como um bebê alimentado a colheradas. Seja o que for que achemos disso, divertimo-nos bastante, pois, como na moda, adotamos sofregamente o que é proposto como se tivesse sido escolhido por nós. Sabe-se, desde Charles Fourier, que não se recusa um prazer com anátemas: ele é absorvido ou suplantado por um maior. O consumismo irrita vocês tanto quanto irritam vocês essas multidões idiotas que se arrastam em supermercados e lojas da departamentos? Inventem outras alegrias, criem novas tentações! Mas, por favor, parem de reclamar!”²⁶

²⁶ Texto extraído na íntegra do livro: A Euforia perpétua: ensaio sobre o dever de felicidade, de Pascal Bruckner (págs. 59-60).

ANEXO 2 – Carta do Chefe indígena Seattle, em resposta ao Presidente dos Estados Unidos da América em 1854

"O que ocorre com a Terra recairá sobre os Filhos da Terra.

Como é que se pode comprar ou vender o céu, o calor da terra? Essa idéia nos parece estranha. Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como comprá-los?

Cada pedaço de terra é sagrado para meu povo. Cada ramo brilhante de pinheiro, cada punhado de areia das praias, a penumbra na floresta densa, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados na memória e experiência de meu povo. A seiva que percorre o corpo das árvores carrega consigo as lembranças do homem vermelho.

Os mortos do homem branco esquecem a sua terra de origem quando vão caminhar entre as estrelas. Nossos mortos jamais esquecem esta bela terra, pois ela é a mãe do homem vermelho. Somos parte dela e ela faz parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs; o cervo, o cavalo, a grande águia são nossos irmãos. Os picos rochosos, os sulcos úmidos nas campinas, o calor do corpo do potro e o homem – todos pertencem à mesma família.

Portanto, quando o grande chefe em Washington manda dizer que deseja comprar nossa terra, pede muito de nós. O grande chefe diz que nos reservará um lugar onde possamos viver satisfeitos. Ele será nosso pai e nós seremos seus filhos. Portanto, nós vamos considerar sua oferta de comprar nossa terra. Mas isso não será fácil. Esta terra é sagrada para nós.

Esta água brilhante que escorre nos riachos e rios não é apenas água, mas o sangue de nossos antepassados. Se lhes vendermos a terra, vocês devem lembrar-se de que ela é sagrada, devem ensinar as suas crianças de que ela é sagrada e que cada reflexo nas águas límpidas dos lagos fala de acontecimentos e lembranças da vida de meu povo. O murmúrio das águas é a voz de meus ancestrais.

Os rios são nossos irmãos, saciam nossa sede. Os rios carregam nossas canoas e alimentam nossas crianças. Se lhes vendermos nossa terra, vocês devem lembrar e ensinar a seus filhos que os rios são nossos irmãos e seus também.

E, portanto, vocês devem dar aos rios a bondade que dedicariam a qualquer irmão.

Sabemos que o homem branco não compreende nossos costumes. Uma porção de terra para ele tem o mesmo significado que qualquer outra, pois é um forasteiro que vem à noite e extrai da terra aquilo de que necessita. A terra não é sua irmã, mas sim sua inimiga, e quando ele a conquista, prossegue seu caminho. Deixa para trás os túmulos de seus antepassados e não se incomoda. Rapta da terra aquilo que seria de seus filhos e não se importa.

A sepultura de seu pai e os direitos de seus filhos são esquecidos. Trata sua mãe, a terra, e seu irmão, o céu, como coisas que possam ser compradas, saqueadas, vendidas como carneiros ou enfeites coloridos. Seu apetite devorará a terra, deixando somente um deserto.

Não há lugar quieto nas cidades do homem branco. Nenhum lugar onde se possa ouvir o desabrochar de folhas na primavera ou o bater de asas de um inseto. Mas talvez seja porque sou um selvagem e não compreenda. O ruído parece somente insultar os ouvidos. E o que resta da vida se o homem não pode ouvir o choro solitário de uma ave ou o debate dos sapos ao redor de uma lagoa à noite? Eu sou homem vermelho e não compreendo. O índio prefere o suave murmúrio do vento encrespando a face do lago, e o próprio vento, limpo por uma chuva diurna ou perfumado pelos pinheiros.

O ar é precioso para o homem vermelho, pois todas as coisas compartilham o mesmo sopro – o animal, a árvore, o homem, todos compartilham o mesmo sopro. Parece que o homem branco não sente o ar que respira. Como um homem agonizante há vários dias, é insensível ao mau cheiro. Mas se vendermos nossa terra ao homem branco, ele deve lembrar que o ar é precioso para nós, que o ar compartilha seu espírito com toda a vida que mantém. O vento que deu a nosso avô o seu primeiro inspirar também recebe o seu último suspiro. Se lhes vendermos nossa terra, vocês devem mantê-la intacta e sagrada, como um lugar onde até mesmo o homem branco possa ir saborear o vento açucarado pelas flores dos prados.

Portanto, vamos meditar sobre sua oferta de comprar nossa terra. Se decidirmos aceitar, imporei uma condição: o homem branco deve tratar os animais desta terra como seus irmãos.

Sou um selvagem e não compreendo qualquer outra forma de agir. Vi um milhar de búfalos apodrecendo na planície, abandonados pelo homem branco que os alvejou de um trem ao passar. Eu sou um selvagem e não compreendo como é que o fumegante cavalo de ferro pode ser mais importante do que o búfalo, que sacrificamos somente para permanecermos vivos. O que é o homem sem os animais? Se todos os animais se fossem o homem morreria de uma grande solidão de espírito, pois o que ocorre aos animais, breve acontecerá ao homem. Há ligação em tudo.

Vocês devem ensinar as suas crianças que o solo a seus pés é a cinza de nossos avós. Para que respeitem a terra, digam a seus filhos que ela foi enriquecida com as vidas de nosso povo. Ensinem as suas crianças o que ensinamos as nossas: que a terra é nossa mãe.

Tudo o que acontecer à terra, acontecerá aos filhos da terra. Se os homens cospem no solo, estão cuspidos em si mesmos.

Isto sabemos: a terra não pertence ao homem; o homem pertence à terra, isto sabemos: todas as coisas estão ligadas como o sangue que une uma família. Há ligação em tudo. O que ocorrer com a terra recairá sobre os filhos da terra. O homem não tramou o tecido da vida; ele é simplesmente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido, fará também a si mesmo. Mesmo o homem branco, cujo Deus caminha e fala com ele de amigo para amigo, não pode estar isento do destino comum. É possível que sejamos irmãos apesar de tudo. Veremos. De uma coisa estamos certos – e o homem branco poderá vir a descobrir um dia: nosso Deus é o mesmo Deus. Vocês podem pensar que O possuem, como desejam possuir a nossa terra; mas não é possível. Ele é o Deus do Homem e sua compaixão é igual para o homem vermelho e para o homem branco. A terra lhe é preciosa e feri-la é desprezar seu criador. Os brancos também passarão; talvez mais cedo que todas as outras tribos. Contaminem suas camas, e uma noite serão sufocados pelos próprios dejetos.

Mas quando de sua desapareição, vocês brilharão intensamente, iluminados pela força do Deus que os trouxe a esta terra e que por alguma razão especial lhes deu domínio sobre a terra e sobre o homem vermelho. Esse destino é um mistério para nós, pois não compreendemos que todos os búfalos sejam exterminados, os cavalos bravios sejam todos domados, os recantos secretos da floresta densa sejam impregnados do cheiro de muitos

homens e a visão dos mortos obstruída por fios que falam. Onde está o arvoredor? Desapareceu. Onde está a águia? Desapareceu.

É o final da vida e o início da sobrevivência.”²⁷

ANEXO 3 – Programa “quase” eleitoral proposto pela primeira vez em 2004 num artigo do Monde Diplomatique

“1) *Resgatar uma pegada ecológica igual ou inferior a um planeta*, ou seja, mantidas constantes as outras coisas, uma produção material equivalente à dos anos 1960-1970.

Como seria possível reduzir nossa pegada ecológica em cerca de 75% sem voltar à idade da Pedra? Simplesmente desinchando maciçamente os ‘consumos intermediários’, entendidos em sentido amplo (transportes, energia, embalagens, publicidade), sem afetar o consumo final. O retorno ao local e a caça ao desperdício contribuiriam para isso.

2) *Integrar nos custos de transporte os danos gerados por essa atividade*, por meio de ecotaxas apropriadas.

Os custos externos *a mínima* não cobertos pelos automobilistas seriam, na França, de mais de 25 bilhões de euros por ano, ou seja, mais do que o atual imposto interno sobre os produtos petrolíferos (*Taxe Intérieure sur les Produits Pétroliers – TIPP*).

3) *Relocalizar as atividades*. Sobretudo questionando o volume considerável de deslocamentos de homens e de mercadorias no planeta, considerando-se o impacto nefasto deles sobre o meio ambiente.

4) *Restaurar a agricultura camponesa*, ou seja, estimular a produção mais local, sazonal, natural, tradicional possível.

É importante suprimir progressivamente o uso de pesticidas químicos alergênicos, neurotóxicos, imunodepressores, mutagênicos, carcinogênicos, perturbadores endócrinos e, portanto, reprotóxicos (que podem provocar esterilidade).

5) *Transformar os ganhos de produtividade em redução do tempo de trabalho e em criação de empregos*, enquanto persistir o desemprego.

²⁷ Texto distribuído pela ONU (Programa para o Meio Ambiente).

Na França, em mais ou menos dois séculos, a produtividade por hora de trabalho viu-se multiplicada por 30, a duração individual do trabalho foi dividida apenas por 2 e o emprego só foi multiplicado por 1,75, enquanto a produção se viu multiplicada por 26. É preciso inverter as prioridades: dividir o trabalho e aumentar o lazer.

6) *Impulsionar a 'produção' de bens relacionais*, como a amizade ou o conhecimento, cujo estoque disponível, 'consumido' por mim, não diminui, muito pelo contrário.

'A troca intelectual', nos explica Bernard Maris, 'é fundamentalmente diferente da troca mercantil. Numa troca intelectual, quem dá não perde nada e quem recebe toma mas não despoja seu interlocutor. O saber, o conhecimento, a arte podem, assim, ser compartilhados e *consumidos* por todos. O teorema de Pitágoras é utilizado por milhões de indivíduos, aplicado a milhares de funções, sem que ninguém dele seja privado. O conhecimento é um bem coletivo, uma fonte da juventude em que todos podemos nos abeberar, sem despertar a menor frustração no outro'. 'A felicidade', dizia Raoul Follereau, 'é a única coisa que temos certeza de ter depois de a termos dado'. Todo esse 'desfrute do que não se compra': 'os prazeres suscitados por uma conversa animada, uma refeição com amigos, um bom ambiente de trabalho, uma cidade em que nos sentimos bem, a participação nesta ou naquela forma de cultura (profissional, artística, esportiva etc.) e, de modo mais geral, o leque das relações com os outros. A maioria desses *bens*, cuja base é, por excelência, a vida em sociedade, só existe se for desfrutada entre muitos'. 'Até mesmo o último lobo das estepes', insinua Jean-Paul Besset, 'concordaria: o *relacional* é a melhor parte das alegrias (e das dores) da vida'.

7) *Reduzir o desperdício de energia* por um fator 4 conforme os estudos da associação *negaWatt*²⁸.

8) *Taxar pesadamente as despesas com publicidade*.

Poder-se-ia até retomar a proposta de Nicolas Hulot ao pé da letra: 'Dentro desse espírito, deve-se estudar a possibilidade de proibir gradualmente toda publicidade durante os programas destinados às crianças, em particular

²⁸ "Associação que reúne cento e dez especialistas e profissionais que estudam a possibilidade de dividir por quatro as emissões de gases do efeito estufa até 2050 na França, combinando sobriedade energética (reduzir os desperdícios) e eficácia energética (melhorar os rendimentos)" (LATOUCHE, 2009a, p. 100) (Nota do autor).

as mensagens que valorizam produtos prejudiciais à saúde delas. O objetivo, nesse caso, é limitar o condicionamento ao consumo de telespectadores numa idade em que eles não têm a distância crítica necessária ante os apelos publicitários’.

9) *Decretar uma moratória sobre a inovação tecnocientífica*, fazer um balanço sério e reorientar a pesquisa científica e técnica em função das novas aspirações.

Será o caso de procurar desenvolver, por exemplo, a ‘química verde’ em vez de moléculas tóxicas, e a medicina ambiental em vez do tudo-é-genético, favorecer as pesquisas em agrobiologia e em agroecologia em vez da agroindústria (OGM²⁹ e outras quimeras vivas). A moratória deveria se estender, em perspectiva, até os grandes projetos de infraestrutura (Iter [International Thermonuclear Experimental Reactor], autoestradas, TGV [Trem de alta velocidade], incineradores etc.)³⁰.

ANEXO 4 – Reflexões de Pierre Gevaert sobre a revitalização das culturas tradicionais, em especial na África

“Para os africanos, em particular, que ainda não são escravos do conforto moderno, bastaria zelar pelos seguinte sete pontos:

1. Não contar demais com as falsas riquezas ocidentais e resgatar, portanto, um máximo de autonomia em relação a elas;
2. Substituir, em parte, as divisas em papel estrangeiro (franco CFA³¹, dólar, libra esterlina etc) por uma moeda local de troca inspirada nos SEL³²;
3. Acabar progressivamente com as monoculturas de exportação, substituindo-as por culturas alimentares, não dependentes dos insumos externos (adubos químicos, pesticidas etc), graças à compostagem que utiliza cada fio de palha, estercos e outras matérias orgânicas [...];

²⁹ Organismos Geneticamente Modificados (OGM) (Transgênicos).

³⁰ Texto extraído na íntegra do livro: *Pequeno Tratado do Decrescimento Sereno*, de Serge Latouche (págs. 97-101).

³¹ **Franco CFA**: “É uma moeda corrente usada em doze países africanos, anteriormente possessão francesa”. **Franco CFA**. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Franco_CFA>. Acesso em 10 Abr. 2012.

³² **SEL**: “É uma comuna da Noruega, com 908 km² de área e 6.088 habitantes (censo de 2004)”. **SEL**. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sel>>. Acesso em 10 Abr. 2012.

4. Em caso de colheitas excedentes, tentar transformar diretamente as matérias-primas, para não entrar no jogo dos mercados injustos e lucrar com os valores agregados pelas transformações (por exemplo: pasta de gergelim ou de amendoim) [...];

5. Proteger sua terra, seu solo, cercando os lotes com ‘diquezinhos’ antierosivos [...];

6. Cozinhar com o sol, graças ao forno solar que o carpinteiro local pode construir a um preço de 100 euros [...];

7. Criar o máximo de reservatórios ou coletores de água para estocar água da chuva [...].”³³

ANEXO 5 – Carta sobre a Felicidade (a Meneceu) de Epicuro

“Epicuro envia suas saudações a Meneceu.

Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz. Desse modo, a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer através da grata recordação das coisas que já se foram, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir; é necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e, sem ela, tudo faremos para alcançá-la.

Pratica e cultiva então aqueles ensinamentos para que sempre ti transmiti, na certeza de que eles constituem os elementos fundamentais para uma vida feliz.

Em primeiro lugar considerando a divindade como um entre imortal e bem aventurado, como sugere a percepção comum de divindade, não atribuas a ela nada que seja incompatível com a sua imortalidade, nem inadequado a

³³ Texto extraído na íntegra do livro: Pequeno Tratado do Decrescimento Sereno, de Serge Latouche (págs. 88-89).

sua bem-aventurança; pensa a respeito dela tudo que for capaz de conservar-lhe felicidade e imortalidade.

Os deuses de fato existem e é evidente o conhecimento que temos deles; já a imagem que deles faz a maioria das pessoas, essa não existe: as pessoas não costumam preservar a noção que tem dos deuses. Ímpio não é quem rejeita os deuses no que a maioria crer, mais sim quem atribui aos deuses os falsos juízos dessa maioria. Com efeito, os juízos do povo a respeito dos deuses não se baseiam em noções inatas, mais em opiniões falsas. Daí a crença de que eles causam os maiores malefícios aos maus e os maiores benefícios aos bons. Irmanados pelas suas próprias virtudes, eles só aceitam a convivência com os seus semelhantes e consideram estranhos tudo que seja diferente deles.

Acostuma-te coma idéia de que a morte para nos não é nada, visto que todo bem, e todo mal residem nas sensações e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescenta-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade.

Não existe nada de terrível na vida para quem está perfeitamente convencido de que não há nada de terrível em deixar de viver. É tolo portanto quem diz ter medo da morte, não porque a chegada desta lhe trará sofrimento, mais porque o aflige a própria espera: aquilo que não nos perturba quando presente não deveria afligir-nos enquanto está sendo esperado.

Então, o mais terrível de todos os males, a morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos. A morte, portanto, não é nada, nem para os vivos, nem para os mortos, já que para aqueles que ela não existe, ao passo que estes não estão mais aqui. E, no entanto, a maioria das pessoas ora foge da morte como se fosse o maior dos males, ora a deseja como descanso dos males da vida.

O sábio, porém, nem desdenha viver, nem teme deixar de viver; para ele, viver não é um fardo e não-viver não é uma mal.

Assim como opta pela comida mais saborosa e não pela mais abundante, do mesmo modo ele colhe os doces frutos de um tempo bem vivido ainda que breve.

Quem aconselha o jovem a viver bem e o velho a morrer bem não passa de um tolo, não só pelo que a vida tem de agradável para ambos, mais também porque se deve ter exatamente o mesmo cuidado em honestamente viver e em honestamente morrer. Mas pior ainda é aquele que diz: bom seria não ter nascido, mas uma vez nascido, transpor o mais depressa possível as portas do hades.

Se ele diz isso com plena convicção porque não vai desta vida? Pois é livre para fazê-lo se for esse realmente seu desejo; mas se o disse por brincadeira foi um frívolo em falar de coisas que brincadeira não admitem.

Nunca devemos nos esquecer de que futuro não é nem totalmente nosso, nem totalmente não-nosso, para não sermos obrigados a esperá-lo como se tivesse por vir com toda certeza, nem nos desesperarmos como se não estivesse por vir jamais.

Consideramos também que, dentre os desejos, aos que são naturais e os que são inúteis; dentre os naturais há uns que são necessários e outros, apenas naturais; dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para felicidade, outros, para o bem estar corporal, outros ainda, para a própria vida. E o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastar-nos da dor e do medo.

Uma vez que tenhamos atingido este estado, toda tempestade da alma se aplaca, e o ser vivo, não tendo que ir em busca de algo que lhe falta, nem procurar outras coisas a não ser bem da alma e do corpo, estará satisfeito. De fato, só sentimos necessidade do prazer quando sofremos pela ausência; ao contrário, quando não sofremos, essa necessidade não se faz sentir.

É por essa razão que afirmamos que o prazer é o início e o fim de uma vida feliz. Com efeito, nos o identificamos como o bem primeiro e inerente ao ser humano, em razão dele praticamos toda escolha e toda recusa, e a ele chegamos escolhendo todo bem de acordo com a distinção entre prazer e dor.

Embora o prazer seja nosso bem primeiro e inato, nem por isso escolhemos qualquer prazer: a ocasião em que evitamos muitos prazeres, quando deles nos advém efeitos o mais das vezes desagradáveis; ao passo que consideramos muitos sofrimentos preferíveis aos prazeres, se um prazer

maior advier depois que suportamos essas dores por muito tempo. Portanto, todo prazer constitui um bem por sua própria natureza; não obstante isso, nem todos são escolhidos; do mesmo modo, toda dor é um mal, mas nem todas devem ser sempre evitadas. Convém, portanto, avaliar todos os prazeres e sofrimentos de acordo com o critério dos benefícios e dos danos. Há ocasiões em que utilizamos um bem como se fosse um mal e, ao contrário, um mal como se fosse um bem.

Consideramos ainda a auto-suficiência um grande bem; não que devamos nos satisfazer com pouco, mas para nos contentarmos com este pouco caso não tenhamos o muito, honestamente convencidos de que desfruta melhor a abundância os que menos dependem dela; tudo que é natural é fácil de conseguir; difícil é tudo que é inútil.

Os alimentos mais simples proporciona o mesmo prazer que as iguarias mais requintadas desde que se remova a dor provocada pela falta: pão e água produzem o prazer mais profundo quando ingeridos por quem deles necessita.

Habituar-se as coisas simples, a um modo de vida não luxuoso, portanto, não só é conveniente para a saúde, como ainda proporciona ao homem os meios para enfrentar corajosamente as adversidades da vida: nos períodos em que conseguimos levar uma existência rica, dispõe o nosso ânimo para melhor aproveitá-la, e nos prepara para enfrentar sem temos as vicissitudes da sorte.

Quando então dizemos que o fim último é o prazer não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem ao gozo dos sentidos, como acreditam certas pessoas que ignoram o nosso pensamento, ou não concordam com ele, ou interpretam erroneamente, mas ao prazer que a ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma. Não são, pois, bebidas nem banquetes contínuos, nem a posse de mulheres e de rapazes, nem o sabor dos peixes ou das outras iguarias de uma mesa farta que tornam doce uma vida, mas um exame cuidadoso que investi as causas de toda escolha e de toda rejeição e que remova aos opiniões falsas em virtude das quais um imensa perturbação toma conta dos espíritos. De todas essas coisas a prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria filosofia; é dela que originaram todas as demais virtudes; é ela

que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça, e que não existe prudência, beleza e justiça sem felicidade.

Porque as virtudes estão intimamente ligadas à felicidade, e a felicidade é inseparável delas.

Na tua opinião será que pode existir alguém mais feliz do que o sábio, que tem o juízo reverente acerca dos deuses, que se comporta de modo absolutamente indiferente perante a morte, que bem compreende a finalidade da natureza, que discerne que o bem supremo está nas coisas simples e fáceis de obter, e que o mal supremo ou dura pouco, ou só nos causa sofrimento leves? Que nega os destino representado por alguns como o senhor de tudo, já que as coisas acontecem ou por necessidade, ou por acaso, ou por vontade nossa; e que a necessidade é incoercível, o caso, instável, enquanto nossa vontade é livre, razão pela qual nos acompanham a censura e o louvor?

Mas vele aceitar do que ser escravo dos destinos naturalistas: o mito pelo menos nos prefere a esperança do perdão dos deuses através das homenagens que lhes prestamos, ao passo que o destino é uma necessidade inexorável.

Entendendo que a sorte não é uma divindade, como a maioria das pessoas acredita (pois um deus não faz nada ao acaso), nem algo incerto, o sábio não crer que ela proporcione aos homens nenhum bem ou nenhum mal que sejam fundamentais para uma vida feliz, mas, sim, que dela pode surgir o início de grandes bens e de grandes males. A seu ver, é preferível ser desafortunado e sábio, a ser afortunado e tolo; na prática, é melhor que um bom projeto não chegue a bom termo do que chegue a ter êxito um projeto mal.

Medita, pois, todas estas coisas e muitas outras a elas congêneres, dia e noite, contigo mesmo e com teus semelhantes, e nunca mais se sentirás perturbado, que quer acordado, quer dormindo, mas viverás como um deus entre os homens. Porque não se assemelha absolutamente a um mortal o homem que vive entre os bens imortais”.³⁴

³⁴ Texto extraído na íntegra do livro: Carta sobre a felicidade: a Meneceu, de Epicuro (págs. 21-51).

ANEXO 6 – Teste a sua Felicidade Pessoal

O quão feliz você é?

Esta Escala de Satisfação com a Vida foi desenvolvida em 1980 pelo psicólogo Edward Diener da Universidade de Illinois, EUA. Desde então ela foi usada por pesquisadores no mundo inteiro. (Este não é o questionário FIB para comunidades, é um teste de felicidade pessoal)

Leia as declarações abaixo. Use a escala de 1 a 7 para pontuar seu nível de concordância.

1	2	3	4	5	6	7
Totamente falso		Moderadamente verdadeiro			Absolutamente verdadeiro	

- De uma forma geral, minha vida está próxima do meu ideal.
- As condições da minha vida são excelentes.
- Estou satisfeito com a minha vida.
- Até agora, alcancei as coisas importantes que quero na vida.
- Se eu pudesse viver tudo novamente, eu não mudaria praticamente nada.

Total: _____

FELICIDADE INTERNA BRUTA

31 a 35: Você está extremamente satisfeito com sua vida.
 26 to 30: Muito satisfeito
 21 to 25: Razoavelmente satisfeito
 20: Nível neutro
 15 to 19: Ligeiramente insatisfeito
 10 to 14: Insatisfeito
 5 to 9: Extremamente insatisfeito

voltar Cont@to

Fonte: <http://www.felicidadeinternabruta.org.br/>. Acesso em 10 Mai. 2014.

ANEXO 7 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a Escola**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

A Escola **EEEP Anderson Borges de Carvalho** está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada **DECRESCIMENTO ECONÔMICO E FELICIDADE: PROPOSIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL SUSTENTÁVEL EM JUAZEIRO DO NORTE - CE**, sob a responsabilidade dos pesquisadores **Jaqueline dos Santos Gonçalves (mestranda)** e **Suely Salgueiro Chacon (orientadora)**.

A pesquisa busca entender **o processo de desenvolvimento/crescimento pelo qual está passando a cidade de Juazeiro do Norte/CE nos últimos anos e seu(s) reflexo(s) na qualidade de vida e bem estar das pessoas.**

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador **Jaqueline dos Santos Gonçalves no momento do primeiro encontro com os alunos.**

Na sua participação você **submetido à técnica de pesquisa chamada de grupo focal de coleta e análise de dados em pesquisas sociais, onde de 08 alunos serão reunidos para debater sobre assuntos relacionados à pesquisa, como desenvolvimento/crescimento econômico, qualidade de vida, bem estar, educação, saúde, cultura, padrão de vida, pertencimento e felicidade. Serão utilizados: gravadores, câmeras fotográficas e filmadoras, além de blocos de anotações, uma vez que, após o encontro, serão analisadas as falas e colocações dos sujeitos. Depois de feitas as transcrições e análises para a pesquisa, as gravações e/ou filmagens serão desgravadas.**

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: **Jaqueline dos Santos Gonçalves e Suely Salgueiro Chacon. Telefones: (83) 2101-1837 e (88) 3572-7204. Endereço: Av. Tenente Raimundo Rocha S/N - Bairro Cidade Universitária - Juazeiro do Norte - Ceará CEP: 63000-000.**

Juazeiro do Norte-CE, ____ de _____ de 2014

Assinatura dos pesquisadores

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Diretor (a) da Escola Participante da pesquisa

ANEXO 8 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os alunos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES DE IDADE

Eu, _____, RG _____, concordo de livre e espontânea vontade que meu (minha) filho(a) _____ nascido(a) em ____ / ____ / _____, participe voluntariamente da pesquisa de mestrado intitulada **DECRESCIMENTO ECONÔMICO E FELICIDADE: PROPOSIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL SUSTENTÁVEL EM JUAZEIRO DO NORTE - CE**, sob a responsabilidade dos pesquisadores **Jaqueline dos Santos Gonçalves (mestranda) e Suely Salgueiro Chacon (orientadora)**.

A pesquisa busca entender **o processo de desenvolvimento/crescimento pelo qual está passando a cidade de Juazeiro do Norte/CE nos últimos anos e seu(s) reflexo(s) na qualidade de vida e bem estar das pessoas.**

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para menores de idade será obtido pelo pesquisador **Jaqueline dos Santos Gonçalves no momento do primeiro encontro com os alunos do 2º Ano “C” da EEEP Anderson Borges de Carvalho (Liceu).**

Na sua participação o menor será **submetido à técnica de pesquisa chamada de grupo focal de coleta e análise de dados em pesquisas sociais, onde de 08 alunos serão reunidos para debater sobre assuntos relacionados à pesquisa, como desenvolvimento/crescimento econômico, qualidade de vida, bem estar, educação, saúde, cultura, padrão de vida, pertencimento e felicidade. Serão utilizados: gravadores, câmeras fotográficas e filmadoras, além de blocos de anotações, uma vez que, após o encontro, serão analisadas as falas e colocações dos sujeitos. Depois de feitas as transcrições e análises para a pesquisa, as gravações e/ou filmagens serão desgravadas.**

Em nenhum momento você o menor ou o responsável será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para menores de idade ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: **Jaqueline dos Santos Gonçalves e Suely Salgueiro Chacon. Telefones: (83) 2101-1837 e (88) 3572-7204. Endereço: Av. Tenente Raimundo Rocha S/N - Bairro Cidade Universitária - Juazeiro do Norte - Ceará CEP: 63000-000.**

Juazeiro do Norte-CE, ____ de _____ de 2014

Assinatura dos pesquisadores

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Responsável pelo Participante da pesquisa